



*Como Fazer Vídeo Estudantil  
na Prática da Sala de Aula*

*Autores*

*Josias Pereira*

*Vânia Dal Pont*

*Prefácio*

*Ubiratan D'Ambrosio*

Copyright © 2018 Josias Pereira e Vânia Dal Pont

**Como Fazer Vídeo Estudantil  
Na Prática da Sala de Aula**

**Autores**

Pereira, Josias; Dal Pont, Vânia

**Revisão Pedagógica** – Daniela Pedra Mattos

**ISBN** 978-85-907414-8-0

**Editora-** ErdFilmes



**Todos os direitos reservados.**

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito dos autores.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Pelotas 2018



## Sumário

<b>PREFÁCIO</b> .....	5
<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	6
<b>1 QUEM É CRISIELE?</b> .....	11
<b>1.2 Como nasceu a Produção de Vídeo na sala de aula da Cris ...</b>	16
<b>2. A PRODUÇÃO DE VÍDEO PELOS ALUNOS: DESAFIOS</b>	
<b>DOCENTES</b> .....	32
<b>Dias depois...a visita do Professor da UFPel</b> .....	148
<b>3 O DIA ESPERADO</b> .....	192
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	199



## **PREFÁCIO**

### **Professor e Vídeo aliados no processo Educacional**

Ubiratan D`Ambrosio<sup>1</sup>

Eu acho uma excelente ideia, porque nós precisamos entender que hoje os meios de comunicação são ampliados de uma forma sem precedentes na história. Agora é a possibilidade daquilo que era no início do século XX, uma coisa muito profissionalizada e de difícil acesso. Agora é de fácil acesso para muitos. É a possibilidade de inclusive com um celular você fazer uma gravação, fazer um vídeo e neste vídeo você consegue colocar a pessoa com muito mais autenticidade na sua expressão.

Acho uma grande ideia você trabalhar, fazer com que os professores e os vídeos se tornem companheiros do processo educacional. Coloque um aparelho de gravar na mão dos alunos e você vai ver a criatividade deles que vai se manifestar de uma forma imprevisível. E nós teremos a chance de ver o que vai ser produzido a partir daí. Por isso acho que como exercício de criatividade é fundamental.

---

<sup>1</sup>Professor emérito da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), reconhecido mundialmente pela comunidade acadêmica por seus estudos na área de Etnomatemática



## APRESENTAÇÃO

As entrelinhas deste livro têm o objetivo de atravessar a teoria e apresentar na prática, as possibilidades de potencializar o espaço da sala de aula e, conseqüentemente da aprendizagem, através da produção de vídeos com os alunos. Compreendendo as dificuldades que um número expressivo de professores encontra em trazer a tecnologia para o espaço docente, como uma grande e importante aliada na construção e otimização do conhecimento, é que nasce essa proposta com a intenção de refletir sobre o que vem se evidenciando nas escolas: a dificuldade enfrentada por professores para produzir vídeo com seus alunos. As dúvidas são várias: desde a obrigação de se fazer um vídeo pedagógico (o que não é necessário), indo até a indagação, se os outros professores vão entender o que é construir um vídeo e, geralmente, não entendem. Percebemos que o professor, quando produz um vídeo, passa a impressão para outros professores de que ele não está ministrando aula, mas arrumando um jeito de enrolar os alunos. Será mesmo isso? Quanto preconceito coma produção de vídeo estudantil.

O professor que consegue superar estes pré-conceitos, passa pelo segundo problema: - Como fazer um vídeo se eu não sei



nada sobre isso? Outro ponto que se percebe é a questão técnica, pois muitos professores “nunca” gravaram um vídeo<sup>2</sup> e, provavelmente, essa ação seja realmente difícil. Assim, essa realidade é percebida na prática, sendo que os problemas vão além, pois, os maiores obstáculos percebidos na hora de produzir um vídeo, são pedagógicas e não técnicas.

Sim professor! Você deve estar achando que me confundi (sim, sou confuso mesmo), mas na verdade, o problema é pedagógico, ou seja, como organizar esta atividade com a turma... Você deve estar pensando que estou louco ou que no mínimo não sei da realidade das escolas. Porém, depois de nove anos fazendo oficina para professores do festival de vídeo estudantil, de sete cidades do Rio Grande do Sul (em média com 15 professores por oficina) percebo que sim, o **PROBLEMA É PEDAGÓGICO**. Façamos um teste: quantos professores você conhece, que sabem tirar foto e as colocam em suas redes sociais? Provavelmente a resposta seja que todos seus amigos saibam fazer isso, certo? Quantos professores você conhece, que sabem gravar um pequeno vídeo e o coloca em suas redes sociais? Novamente, a resposta, sem sombra de dúvida, será sim, todos sabem. Todos fazem isso com seus celulares de qualquer marca e estilo... Então responda:

- Por que os professores, na maioria das vezes, não conseguem produzir vídeo na prática audiovisual com suas turmas?

Medo do desconhecido? Medo, talvez, de perder o controle da

---

<sup>2</sup> Sabemos que os professores como cidadãos podem gravar vídeo em suas redes sociais, mas de forma pedagógica sabemos que a maioria não fez essa ação; ainda...



turma? Insegurança de não saber o que fazer? Ou medo da tecnologia? Apresentei um raciocínio, no qual demonstro que não é medo da tecnologia. Então qual será o medo? Sim, pedagógico. E o primeiro deles é como produzir um vídeo, junto com a turma. Como dividir a turma?  
Como organizar esse tipo de trabalho?  
São essas as suas dúvidas?

A finalidade deste trabalho é essa: auxiliar o professor na produção de vídeos estudantis, como ferramentas que potencializam o aprendizado entre alunos e professores.

Sendo assim, este livro tem como objetivo, assessorar os professores na organização da produção de vídeo na prática da sala de aula. Ressaltando que este trabalho nasceu das angústias docentes em relação à produção de vídeos nas escolas públicas do estado do Rio Grande do Sul - Brasil. Muitas foram as dúvidas e, para buscar saná-las, emerge este trabalho, com a intencionalidade de aprimorar e qualificar o ofício docente e, sobretudo, aguçar a imaginação dos alunos.

Muitas são as dificuldades enfrentadas, entre elas: - Como produzir vídeos, ministrando aulas em várias turmas?

Nesse sentido, percebe-se que muitos professores produzem vídeos com seus alunos no contra turno, o que se torna um pouco mais fácil, porém os problemas a serem enfrentados, são os mesmos. Sendo assim, neste livro iremos apresentar algo



diferente... primeiramente, criamos uma personagem, a professora Cris; cujo nome real é Crisiele Araújo da Silva. A Cris, nossa personagem, vai organizar a sala de aula e produzir vídeo com seus alunos. É importante ressaltar que, a partir desse momento, estamos unindo a Neurociência com a prática pedagógica em uma metodologia ativa e mais:

Deixe de pensar que Neurociência é algo difícil, não é. Difícil é não acreditar que o estudo da Neurociência aliado a educação faz todo sentido! Alguns chamam de Neuroeducação que é um campo interdisciplinar que combina a neurociência, psicologia e educação para compreender processos cognitivos e emocionais dos alunos. Essa ação pode ser aliada a metodologia ativa e deixar os alunos na primazia do conhecimento.

Nosso cérebro reproduz o que acreditamos, por isso, se pensarmos que algo é complicado, ele mesmo, nos fará esquecer algumas coisas– algo complicado. Perdeu o medo? Não? Então vai tomar um café que eu espero, mas volta hein!

Voltou?

Então, mãos à obra!



Bem, outra informação de grande relevância: este trabalho foi construído com o apoio da professora de Matemática Vânia Dal Pont, que contribuiu para que pudéssemos entender a realidade de um professor de Matemática nos diversos anos escolares da Educação Básica, e as dificuldades que estes têm, em apresentar a Matemática de forma que não seja apenas por números para se decorar, como informa o professor Ubiratan D'Ambrosio(1998) .

Dessa forma, neste trabalho, apresentamos algumas questões teóricas, simples para o leitor/professor poder apresentar, refletir e debater com os alunos.

Então, vamos lá!

Acreditamos que você vai gostar!

Esperamos, claro...

Boa leitura!!



## 1 QUEM É CRISIELE?

Cris é professora de Matemática do sexto ano de uma escola pública da cidade de Pelotas/RS. Bem, antes vamos contar um pouco da sua história de vida. Cris é filha de um casal simples. Seu pai era o pedreiro mais conhecido do bairro em que moravam e sua mãe, conhecida pelos quitutes que fazia, conforme dizem as pessoas da vizinhança. Desde cedo, sua mãe lhe ensinou que a mulher sempre deveria lutar pelos seus sonhos e objetivos, aconselhando que não deveria baixar a cabeça para nenhuma dificuldade e que, por ser negra, deveria se orgulhar de sua raça, não precisando alisar seus cabelos para se sentir bonita, mas poderia alisar se assim desejasse, não por modismo, mas por desejo.



Cris, relata que não foi fácil concluir seus estudos. Ela trabalhava o dia inteiro no comércio e a noite, estudava em uma escola

pública na EJA (Educação de Jovens e Adultos). Cris concluiu o Ensino Médio aos 29 anos de idade, e sempre acreditou que poderia fazer a diferença. Lutou pela realização dos seus sonhos e, entre eles: cursar uma universidade. Com a ajuda de um cursinho pré-vestibular e do site *YouTube*, onde Cris costumava estudar, conseguiu ingressar na faculdade de Matemática, um ano depois de ser formar. Em função das cotas raciais, cursou matemática em uma Universidade Pública. Sabia que a educação seria sua única forma de ajudar a construir o seu sonho, ajudar pessoas que, assim como ela, sonhavam com dias melhores. Conforme Cris, sua mãe se emocionou muito quando ela deu a notícia de ter sido aprovada no vestibular e, mais ainda, quando concluiu a graduação e depois realizou seu estágio em uma escola particular da cidade. Foi a primeira pessoa de sua família a concluir o ensino superior. Também conta que seu pai estudava com ela e não entendia para que tanta fórmula de área e volume, se ele fazia aquilo com facilidade, sem estudo... Seu Salvador, como era chamado, era o pai de Cris, que foi seu primeiro aluno. Como professora dedicada, Cris procurava explicar os cálculos matemáticos de uma maneira que seu pai compreendesse. No entanto, percebia que seu pai, mesmo sem estudo acadêmico, conhecia mais de área e volume que ela própria. Seus métodos de cálculo mental

eram tão naturais, que acabavam por lhe indagar. Assim, Cris questionava-se diante da simplicidade com que seu pai desenvolvia os cálculos matemáticos. Perguntava-se do motivo de a matemática ser tão complexa... haveria de ter métodos mais simples para ensiná-la. Seu pai aprendeu na prática a fazer as coisas e muito do que aprendeu foi olhando, errando e refazendo. Como é importante essa tal de práxis. Quando Cris concluiu sua graduação aos 34 anos de idade, foi aprovada em um concurso público para professor. Foi o começo da realização de um sonho. Quando foi efetivada, escolheu trabalhar na periferia, espaço que a maioria dos aprovados em concurso não almejavam, mas ela sabe que é neste espaço que mais se precisa de professores dedicados. Lecionando, percebeu que muitas coisas que estudou não eram tão simples. Sentia falta, em muitas aulas, dos professores e principalmente dos teóricos que abordavam a simplicidade da Pedagogia, pois na prática da sala de aula, com 35 alunos, a realidade que encontrara era bem diferente. Sua didática não suportava o desânimo da vida vivida pelos seus alunos. Contudo, Cris lembrava das aulas que deu para o seu pai e pensava em como poderia ajudar aqueles alunos que não tinham a mínima vontade de aprender, dos quais muitos professores já tinham desistido; mas ela não iria desistir deles como a escola desistiu de seu pai.

Cris sempre gostou de pesquisar, de refletir em aprender sobre coisas e ações que pudessem qualificar a produção de conhecimento de seus alunos, pois sabia que eles precisavam de sua ajuda e, sobretudo, do seu esforço e conhecimento. Na época, Cris tinha seis turmas de Matemática e percebia em seus alunos, o desânimo com a escola. Ela pensava em como poderia ajudar os alunos, partindo da realidade deles. Como freiriana, sempre acreditou nas pessoas e no poder de uma educação humanizadora, mesmo contrária ao pensamento cristalizado de muitos. Cris sabia, pela sua prática, que a maioria dos alunos ao chegarem no sexto ano passavam a ver a escola como algo difícil, seja pela mudança de um professor para vários professores ou simplesmente a entrada na pré-adolescência e os diversos interesses que permeiam as mentes infanto-juvenis. Eles apresentam dificuldades em entender que as aulas de Matemática podem contribuir com o dia a dia. No entanto, nem sempre essas mudanças e incompreensões são vistas e compreendidas pela escola. Assim, a disciplina de Matemática passa a ser decoreba e aplicação de fórmulas sem sentido. Como não fazia sentido para os alunos, uma expressividade deles, passou a querer se divertir em alguma coisa que lhes chamasse a atenção, como as redes sociais.

Assim, diante do relato de Cris se percebe que esse é um dos primeiros desafios a serem transpostos pelos professores.

## **1.2 Como nasceu a Produção de Vídeo na sala de aula da Cris**

A intenção de construir um material que pudesse agregar valor ao contexto da sala de aula e, sobretudo, à prática docente, traz consigo as entranhas da vivência real de uma professora no interior da escola pública. Os relatos, os anseios, os sonhos, os caminhos e a realidade que se entrelaçaram e, assim, atravessaram o tradicional, ampliando-se para motivar os alunos e qualificar o aprendizado. De uma dura realidade para a possibilidade de perspectiva futuras. Assim retratamos a sala de aula de Cris: um espaço inquieto e desafiador.

Cris pediu para lecionar para uma turma da Educação de Jovens e Adultos (EJA), pois queria encontrar alunos que estão precisando de ajuda, como ela mesmo precisou. Ela acreditava que estes alunos deram uma segunda chance à escola, por isso, deveriam ser bem tratados. Percebia que havia distorção de idade/ano entre os alunos da turma. Jovens sem perspectivas e idosos buscando uma segunda chance, ambos ocupando o mesmo espaço. Uma turma bem característica das periferias brasileiras, em que todos convivem em uma aparente harmonia, porém com interesses distintos.

Em uma de suas aulas, Cris observou a falta de interesse dos alunos. Então percebeu que precisava parar e refletir sobre sua didática. Era preciso retomar e fazer algo, mesmo que naquele momento ainda não soubesse o que fazer de fato... e assim o fez...

Senta-se à mesa do professor, atitude que nunca havia tomado anteriormente. Os alunos em silêncio, talvez assustados, a olham. Com um tom firme, Cris lhes falou:

– Sabem, meu sonho sempre foi me tornar professora para contribuir com o aprendizado dos meus alunos, mas hoje, percebo que não estou contribuindo... quero saber, o que posso fazer para que vocês prestem atenção em minhas aulas?

Em meio ao silêncio que se instaurou na sala de aula, Penélope (20 anos), aluna da turma, volta seu olhar para os colegas e inicia uma fala um tanto confusa, mas aparentemente verdadeira e pergunta:

-Para que serve a Matemática?

Instantaneamente, o aluno José Olímpio (35 anos, feirante), com um tom irônico responde:

- Não serve para nada, só para pagarmos contas e fazermos troco!

Nesse momento a Professora Cris precisou interferir, devolvendo a ironia em forma de perguntas:

– Vocês acreditam que o ensino da Matemática serve somente para pagar contas e dar troco? Não pensam em fazer faculdade? Já pensaram que a Matemática traz conhecimento para a vida? O silêncio foi abrindo espaço para inquietudes e vozes, talvez nunca ouvidas naquele espaço.

Assim, Eleonora (22 anos, desempregada), dirige seu olhar à professora Cris, perguntando:

- Faculdade? Fala sério professora! Não temos futuro!

Dona Maria (60 anos, vive sozinha desde a morte do seu esposo), exclamou:

- Deixem a professora falar!

Novamente José Olímpio ergueu sua voz, dizendo:

–O certo não é você dar o conteúdo e a gente aprender? Então, estudamos apenas para tirar nota e pronto. Para que discutir? Nada vai mudar mesmo!

Os diálogos, um tanto acirrados, às vezes, continuavam e Simone (25 anos) rebateu dizendo:

– O problema é que nos conformamos com tudo!

Cris ainda impactada com o teor da discussão, interferiu dizendo:

– E o que eu posso fazer para ajudá-los?

Então, Dona Maria sabiamente ergueu sua voz:

– Ontem na aula, uma professora falou de um festival de vídeo estudantil...

José Olímpio acrescentou:

– Verdade. Ela falou que nós poderíamos fazer vídeo na aula, se um professor ajudasse...

Penélope, pensando um pouco mais adiante, respondeu prontamente:

- Quero ser atriz!

De uma maneira irônica e até mesmo desrespeitosa, Fernando (18 anos, trabalha no mercado local) fala em tom alto e debochado:

– Só se for de filme pornô!

Os risos ganham o espaço da aula e Cris precisou usar de sua autoridade docente para que a conversa retomasse seu rumo.

Nesse instante, Dona Maria retoma o assunto, dizendo:

–Então, porque não tentamos fazer um vídeo com a turma toda?

E a professora busca acrescentar o conteúdo de Matemática...

Diante de tantas ideias, Cris a princípio tentou ser contra, porém percebeu que os alunos se animaram com a possibilidade de

produzir um vídeo. Nesse instante, lembrou-se do que aprendeu na faculdade: que o professor deve compreender o universo cultural do seu aluno para poder educar. E, afinal, ela mesma aprendeu muito, assistindo vídeos do *YouTube*, então, por que não produzir um vídeo com os alunos? Poderia ensinar também...

No entanto, Cris nunca havia estudado nada sobre cinema ou produção de vídeos em sua graduação, pelo contrário, o que ela sabia era que, ao passar vídeos para os alunos assistirem em sala de aula, poderia ser entendido, por muitos colegas e pais de alunos, como sinônimo de malandragem do professor... Cris ficava imaginando se haveriam pesquisas acadêmicas que dessem a ela um respaldo de, pelo menos, tentar produzir vídeo com enfoque pedagógico. Os alunos, por sua vez, pareciam animados. Observou também que seus alunos, ou pelo menos alguns deles, eram da geração do vídeo, porém outros, com mais de cinquenta anos de idade, também queriam aprender a produzir vídeo. Ela percebeu que não era uma questão de imigrante ou nativo digital, era uma questão de querer compreender o momento cultural e social que viviam os alunos e então agir...

As contradições daquele cenário eram evidentes: se os nativos digitais eram aqueles que nasceram na era da tecnologia, havia

algo estranho... por outro lado, quem nasceu nesta era e não tem acesso a tecnologia? Seria imigrante ou nativo digital?

Questionamentos infundáveis invadiam os pensamentos de Cris, que pensava: será que a produção de um vídeo vai unir e potencializar o aprendizado dos alunos?

Aparentemente, naquele momento, sim. A discussão sobre a produção de vídeo, havia trazido um elemento novo para a sala de aula: todos os alunos participaram da mesma discussão, sem conversas paralelas. É a metodologia ativa em ação através e com a produção de vídeo estudantil. Será que existe uma metodologia PVE (Produção de vídeo Estudantil)?

- Será que a produção de vídeo estudantil é uma metodologia ativa?

O assunto continuava, e a aluna Penélope informava que já havia sido realizado um festival de vídeo no ano anterior na cidade, sendo que uma professora da região havia sido premiada com seus alunos nesse festival.

Cris conhecia superficialmente o festival já que, a Secretaria Municipal de Educação e Desporto (SMED), o realizava em parceria com a Universidade Federal de Pelotas (UFPel), mas nunca pensou em produzir vídeo com seus alunos da EJA, ao mesmo tempo, que acreditava que seria o momento de mudar

um pouco sua ação pedagógica na sala de aula com os alunos. Mas pensava também, em como poderia encaixar o conteúdo de Matemática em uma produção de vídeo...

A aula continuava... se aproximava o horário do intervalo e os alunos, mesmo na discussão sobre o assunto do vídeo, aguardavam ansiosos pela resposta de Cris.

Então, ela deu a resposta que eles tanto aguardavam:

- Sim, produziremos um Vídeo! Porém, é claro, nele trabalharemos a Matemática.

Os mesmos olhos que brilharam diante do seu sim, foram os mesmos que ficaram, aparentemente, entristecidos quando ela coloca que o ensino da Matemática faria parte daquele contexto, pois este ainda não era visto com bons olhos pelos alunos, parecia algo cristalizado que não permitia o alcance da criação, de crescimento, de possibilidades e de ludicidade também.

A aula prosseguiu... Cris escreveu um conteúdo sobre porcentagem no quadro e pediu para os alunos copiarem, para retomá-lo logo após o intervalo.

Naquele instante o aluno Fernando levantou, se dirigiu ao quadro negro e tirou uma fotografia, com a câmera de seu celular, olhando a imagem, para certificar-se se havia ficado boa, assegurando-lhe a visibilidade.

A professora percebeu que Penélope, Eleonora e outros alunos confirmaram que a fotografia havia ficado boa e pediram para Fernando enviar para eles. Até Dona Maria pediu para lhe enviarem a fotografia. Em meio os cliques e discussões entre os alunos Cris, em pensamento, perguntou a si mesma:

-Mas Dona Maria não é imigrante digital? Será que no futuro os alunos não mais escreverão no caderno? Será que essa ação de só tirar fotografia, minimiza o processo de aprendizagem? Qual a vantagem de copiar?

Como sempre, as perguntas inundavam a mente docente de Cris.

Bem, no intervalo Cris se dirigiu para a sala dos professores. Lá chegando serviu um chimarrão. Por um instante ficou a pensar nas discussões e propostas de seus alunos. Então, inicia um solilóquio:

-Com tanta tecnologia, ainda é preciso copiar do quadro? Será que essa ação potencializa a memória?

Na verdade, essa mudança só ocorreu em função do desenvolvimento da tecnologia, pensava Cris:

- O aluno não copia, porque simplesmente é mais fácil tirar foto do que copiar. Então, neste caso, o quadro negro, como

material, serve apenas para anotar o conteúdo, ou seja, um suporte.

-Se for assim, claro, copiar ou estudar dá no mesmo. Será isso mesmo? E a função de olhar, ler, escrever não serve para nada? Isso faz sentido ou estou criando uma lógica inversa com premissas falsas? Qual a vantagem de copiar do quadro?

Perguntas e perguntas que Cris fazia a si mesma...

Sorvendo seu chimarrão, deixando seu pensamento vagando, enquanto o vento minuano já anunciava que a noite seria fria, Cris olhou pela janela da sala dos professores e observou os alunos, no intervalo, tirando fotografias, rindo, conversando...

Percebeu que todos os alunos daquela sala sabiam tirar fotografias com o celular, até mesmo a Dona Maria, que já passou dos 60 anos de idade. E o solilóquio de Cris continuava...

- Então qual é o problema? Será que estou com medo de produzir um vídeo ou será que meu medo é ser professora que não sabe o que fazer com a turma em um caso deste tipo? - Fazer vídeo? Qual a vantagem disso?

Cris começou a perceber que o problema é seu “Ser Docente” e não dos alunos, muito menos da tecnologia, que na verdade, era apenas um suporte ou simplesmente uma extensão de nós mesmos. Cris sorria sozinha... ela já imaginava seus alunos

sendo atores e dirigindo um curta. Imaginava a felicidade deles e a possibilidade de terem um produto ao invés de nota, agregando valor a aprendizagem. Será? Lembrava de suas leituras na escola e principalmente da escola sem muros, do fim da escola e dos conteúdos. Será que a produção de vídeo significava o início desta revolução?

Na sala dos professores, passou a ter a companhia de sua colega Suzana (Professora de literatura), que chegou reclamando dos seus alunos:

– Não aguento mais corrigir prova e ver sempre os mesmos erros... sabe, eles confundem a fala coloquial com a norma culta. E não sei mais como explicar isso para eles.

Cris escutou silenciosamente as lamúrias de sua colega Suzana... enquanto colocava a água quente em seu chimarrão fez uma pergunta à colega:

- Os alunos da EJA também apresentam dificuldades?

Suzana olhou para Cris e continuou seu monólogo contra os erros comuns:

– Principalmente os da EJA! Até entendo... estão cansados.

Então Cris sem pensar perguntou-lhe:

– E se eles participassem de uma produção de vídeo?

Suzana interrompeu suas reclamações... olhou para Cris e perguntou-lhe:

– O que dissestes? Produzir um vídeo?

-Sim. Respondeu Cris, produzir um vídeo. Pense: se eles produzirem um vídeo, provavelmente, irão perceber a diferença entre a fala coloquial e a fala da norma culta. Ajudará a transformara assimilação em acomodação... lembrás da teoria de Piaget?

– Claro que lembro. Respondeu Suzana, vai concretizar para eles uma realidade, passa um pouco pelo aprender por problema.

Cris prosseguiu a conversa dizendo à colega:

-Sim, mas sem falarmos para eles... vamos deixar essa ação de acomodar e assimilar por eles mesmos, assim fazendo que o conhecimento faça parte deles e não seja imposto como certo ou errado. Esse negocio de fazer vídeo não parece uma metodologia ativa? É os alunos agindo na construção de um objeto, o cérebro pensando em resolver um problema.

Suzana sorriu dizendo-lhe:

-Essa nossa conversa até parece coisa de Neurociência.

Cris, naquele momento, lembrou de ter lido algo sobre a Memória *Priming* que é conhecida como representação perceptual, ou seja, dependendo do tipo de estímulo que temos seja som, imagem, cheiro ou sentido... assim sendo ativado a área de conhecimento referente e, por isso, aquele estímulo é reforçado<sup>3</sup>, ou seja, repetimos a ação por tê-la registrado na memória. Uma coisa que eu falo é representado na memória como real e ativado sempre que preciso daquela informação. Também havia ouvido mais sobre o assunto em uma palestra do início do ano com um professor da UFPel, que fez uma abordagem sobre Neurociência e Neuroeducação. Cris lembrou também que no nosso dia a dia o *Priming* nos faz repetir uma ação, pois já a realizamos antes. É como em um navegador de pesquisa, o que já foi pesquisado aparece na frente de outros que nunca foram. Por isso se o aluno falar que não é capaz de fazer algo, essa ação vai se repetir ao longo de sua vida como um padrão internalizado. Nossa que loucura! Assim pensa nossa personagem. E sua mãe uma mulher simples e sem muito estudo sempre ensinou a ela que ela seria capaz de tudo só

---

<sup>3</sup> Simplificando é a ação de repetir sempre a mesma ação, pois ela fica na memória. Exemplo você digita no Google medo. Depois outro dia escreve no Google M a palavra medo aparece, pois fica na memória. Assim o mesmo acontece com a nossa memória. Se pensar que estudar é difícil sempre que falar estudar vem o que já foi dito é difícil e às vezes isso limita a pessoa. Você é assim leitor?

acreditar. Nossa, essa minha mãe me salvou de ser escrava dos meus pensamentos e da minha realidade social.

Suzana ficou parada vendo Cris olhando para o nada enquanto pensava e tira a amiga do transe dizendo ter lembrado, vagamente, da palestra, acrescentando:

-A Culpa é da prefeitura municipal que coloca três palestras em um dia, ficando difícil de assimilar, acabamos nos confundindo...

– Isso mesmo, respondeu Cris, acabamos não fazendo assimilação e nem acomodação do novo conhecimento, que, sem perceber, fica jogado.

Ambas se olharam e riram...sem perceberem, estavam utilizando a teoria Piagetiana em um bate-papo escolar. Coisa de professor!

- Lembrei, disse Cris, esse professor colocou uma claquete na mesa durante a palestra e perguntado no final para que ele levou a claquete ele respondeu que era só para gente não esquecer dele. Já que essa ação diferente iria fazer a gente lembrar.

Suzana riu e lembrou do fato também.

A conversa continuou...Cris disse a Suzana que iria produzir um vídeo com seus alunos da EJA e que precisaria da sua ajuda, ao

mesmo tempo que a convidava para participar, como professora, de tal trabalho.

Suzana, escutou sua colega e em seguida respondeu-lhe:

– Se essa produção fizer com que eles prestem mais atenção em aula, ao invés de ficarem com conversas paralelas e dispersos, será de grande valia.

Cris acrescentou à fala da colega:

-Vamos tentar! Estou pensando que essa produção de vídeo entra na *práxis* que o nosso querido Freire tanto falava...

Suzana buscando refletir sobre o assunto e respondeu:

-Estou lembrando que a prática ajuda a internalizar o conhecimento. Recordo da palestra do professor da UFPel que associou a prática a um tipo de memória, não lembro o nome, por isso que é importante deixar espaço para a prática. Sempre pensei que a prática está ligada ao exercício da disciplina, mas acho que não é só isso... Cris anotou que ele comentou sobre visita ao site da editora da UFPel<sup>4</sup>, pois o professor teria acesso a vários livros em pdf sem custo. Que legal, pensou nossa personagem.

---

<sup>4</sup><https://wp.ufpel.edu.br/editoraufpel/>

Elas ficam em silêncio, rindo e pensando nas possibilidades de fazer vídeo mesmo com muitas dúvidas e questionamentos...

Questionavam-se por não dominarem o assunto, e ao mesmo tempo, percebiam que na universidade, na graduação e na pós-graduação, não haviam lhes preparado para a utilização pedagógica das ferramentas tecnológicas em sala de aula. Aprenderam mais como ensinar do que como o aluno aprende. É a escola precisa mesmo ser repensada. Mas se a escola for um projeto para que o pobre não tenha conhecimento e se mantenha no seu espaço sem tirar as mordomias da classe dominante? Nossa quantos pensamentos em tão pouco tempo.

Um ar de riso, silêncio e dúvida ainda pairava no ar, ao mesmo tempo que acreditavam que essa ação, de produzir vídeo com os alunos, poderia ser algo interessante e significativo para todos (alunos e professores).

Suzana que manuseava o celular, navegando na internet, encontrou em uma página virtual que abordava sobre um festival vídeo estudantil, que os alunos já haviam comentado. Mostra a página à Cris, dizendo-lhe:

– Aqui diz que qualquer estudante da escola pública pode participar, só precisa ter um professor orientador. Como é uma página de uma Universidade Federal tem teoria e até um

congresso sobre essa ação de fazer vídeo, assim, teremos respaldo teórico e não apenas prático.

- Ufa, era isso que eu procurava, pois sabe que seremos criticadas. Ressalta Cris.

O sinal anunciou que estava na hora de retornar à sala de aula.

## 2. A PRODUÇÃO DE VÍDEO PELOS ALUNOS: DESAFIOS DOCENTES

Cris entrou na sala de aula e diferente dos outros dias, não escreveu nada no quadro, pois iria retomar a aula de porcentagem que havia combinado antes do intervalo. Os alunos entraram na sala e, com estranheza, percebem que à professora haveria de lhes falar... O silêncio pairou na sala de aula, por uns segundos... Cris voltou seu olhar aos alunos e lhes disse:

– Bem... pensei, analisei e cheguei a conclusão de que iremos participar de um Festival de Vídeo Estudantil que acontecerá na cidade. Produziremos o nosso vídeo!

Aplausos e assovios invadiram o espaço da sala de aula.

Cris propôs para classe produzir um curta metragem como parte da nota...



Os alunos demonstraram uma alegria ainda não sentida por Cris em suas aulas de Matemática. Aliás, teve uma vez, em que eles ficaram muito felizes: a aula de Matemática foi cancelada.

Naquele momento Cris percebeu que produzir um curta poderia ser interessante, mas sabia que precisaria estudar, pesquisar um pouco mais... Seus pensamentos haviam sido inundados pela alegria dos alunos. E lembrou do olhar de seu pai *Seu Salvador*, quando aprendia o motivo da fórmula de área ou de algum conteúdo que ele usava no trabalho como pedreiro. Cris lembrou que o professor da UFPel comentou que, aprender é uma das coisas que o cérebro mais gosta, que se ativa em sua plenitude. Se aprender é tão bom para o cérebro, estamos enquanto educadores fazendo algo errado, mas o que seria? Indagou a nossa personagem em milésimos de segundo enquanto o barulho e as palmas dos alunos cessavam.

Mesmo com a mente embriagada de pensamentos e ideias, era preciso retomar a aula e o assunto também... então, Cris se reportou à classe:

– Faremos um vídeo junto com a professora Suzana de Literatura. Assim teremos mais duas aulas para planejar, organizar e debater a produção do vídeo.

A aluna Penélope lhe interrompe dizendo-lhe:

– O que literatura tem a ver com produção de vídeo?

Cris respondeu-lhe que a professora Suzana iria ajudar a escrever a história em sua aula. Mais uma vez Penélope argumentou:

– Desde que não seja de Simão Lopes<sup>5</sup> novamente...

O diálogo entre os alunos continuou... de maneira irônica, o aluno Fernando fez seu comentário:

– O tema do vídeo poderia ser sobre uma aluna loira de cabelo pintado que não entende as leituras do Simão Lopes!

Penélope fitou-o enfurecida.

Mais uma vez Cris precisou intervir na discussão que já tomava uma proporção desrespeitosa, assim chamou a atenção de ambos.

Retomou a discussão sobre a produção de vídeo e perguntou a todos:

-Qual a importância de produzir vídeo para vocês?

Prontamente Dona Maria diz:

– Mostrar aos outros o que pensamos!

Cris olhou e sorriu para Dona Maria, concordando com sua afirmativa e indo além:

---

<sup>5</sup> João Simões Lopes Neto nasceu em Pelotas no dia 9 de março de 1865 foi um escritor e empresário sul-rio-grandense. Segundo estudiosos e críticos de literatura, foi o maior autor regionalista do Rio Grande do Sul, pois procurou em sua produção literária valorizar a história do gaúcho e suas tradições. E a professora de literatura sempre realizava trabalho com os contos do referido autor.

– Isso mesmo! Temos que pensar que o mundo vai ver o vídeo e não apenas vocês, alunos da turma.

E Dona Maria sabiamente perguntou:

– Vamos colocar no *YouTube*?

Instantaneamente Cris pensou: como ela, imigrante digital, está animada.

Enquanto Cris entrava em devaneio, nos seus pensamentos, o aluno Fernando se animava em sua carteira, dizendo:

– Se publicarmos no *YouTube* vai valer a pena o mico!

Cris respondeu-lhe:

– Sim, é a forma mais democrática de disponibilizarmos para todas as pessoas essa ação...

O aluno José Olímpio perguntou:

–Vamos produzir um vídeo de Matemática?

Cris respondeu-lhe:

– Vamos analisar juntos um tema que será da escolha de vocês e dentro deste, trabalharemos a Matemática.

A professora percebeu a ação e animação dos alunos. No entanto, a única coisa que Cris tinha certeza é que deveria ter uma ação pedagógica para a construção do Vídeo. Assim, explicou aos alunos que, em casa, iria pesquisar sobre o assunto e no dia seguinte levaria os detalhes do trabalho a ser construído.

O sinal anunciava a hora de ir para casa. A aula terminou. Era a primeira vez que Cris se despedia da turma e os alunos saíam, aparentemente, com ar de felicidade.

Cris embarcou no transporte coletivo. A caminho de casa, pensava em como fazer tal trabalho, em uma turma com 35 alunos, ao mesmo tempo que lembrava que já havia tido amigos que produziram vídeos e, portanto, não deveria ser algo tão difícil. Ela mesma já havia gravado, várias vezes, vídeos com seus sobrinhos e seu pai, que também já tinha sido ator de uma dessas produções caseiras. Riu pensando no vídeo que seu pai participou.

Em casa, Cris pesquisava sobre o festival de vídeo e percebeu que no *site* da Universidade Federal de Pelotas/RS havia explicação do projeto, de como o docente deveria proceder para realizá-lo. Percebeu que o festival proposto era uma ação do curso de Cinema e Audiovisual da UFPel. Abrindo o link <http://wp.ufpel.edu.br/producaodevideo/> encontrou várias abas que considerou serem interessantes conhecer. Uma das abas que lhe chamou atenção tinha por título: **Por que fazer vídeo com os alunos**<sup>6</sup>. Cris acessou o link e lá percebeu que era um

---

<sup>6</sup><https://www.youtube.com/playlist?list=PLNO6rIIIMAE15JYD7zv8o1qvlVvcwMYnA>

programa construído pelo professor Josias Pereira, uma animação em que eram apresentadas teorias que justificavam e davam base para o docente produzir vídeos com os alunos. As informações contidas no site lhe agradavam, pois sabia que, pelo fato de estar a pouco tempo na escola, fazendo parte do quadro docente, precisaria justificar suas ações para a direção e para os outros professores.

Entre os comentários interessantes do *site*, Cris encontrou um que ia ao encontro de suas angústias, pois o professor da UFPel comentava que o **problema do vídeo é geralmente pedagógico e não técnico**. O professor indicava uma *web série Aprenda a Fazer vídeo do início ao Fim*. Neste, o referido professor comentava que o vídeo é dividido em algumas partes como: escolha do tema, roteiro, produção, direção e montagem. Era preciso anotar tais informações, o que era sugerido pelo professor no *site*, pois ele anunciava que iria esperar o leitor pegar uma caneta e anotar, já que o ato de escrever faz a mente registrar essa informação e assim ajuda na memorização.

Cris deu um *pause* no vídeo que assistia, fazendo um comparativo entre a fala do professor, em relação a memorização e as ações de seus alunos em sala de aula, quando tiravam fotografias do quadro, ao invés de escreverem, o

que, provavelmente, não potencializava a memória. Então pensou:

-Como fazer os alunos escreverem ao invés de tirar fotografias do quadro negro?

Sua indagação encontrou respaldo nas palavras do professor da UFPel, que dizia *quanto mais estímulos dentro de uma mesma ação, melhor para guardar uma informação*. Interessante e importante, pensou Cris. A memória é como uma rua, se um assunto tem vários estímulos ajuda a realizar uma rua bem asfaltada, se essa informação tem poucos estímulos a rua é de terra com buracos. Que interessante analisa nossa personagem.

Ela fez muitas anotações, procurando um outro vídeo que abordasse a Neurociência. Descobriu que no próprio site da Universidade existia um vídeo chamado: **Neurociência e Produção de Vídeo**<sup>7</sup>. Tal vídeo, analisava ações ligadas à Neurociência, numa abordagem que sinalizava que escrever o que está aprendendo, ajuda a guardar melhor a informação, pois reforça o estímulo. Assim a caneta e o papel em branco passaram a ser os amigos de Cris naquela jornada de aprendizado. No vídeo sobre a Neurociência e a produção de

---

<sup>7</sup><https://www.youtube.com/playlist?list=PLNO6rIIMAEI15JYD7zv8o1qviVvcwMYnA>

vídeo, o professor da UFPel comentava que, segundo pesquisadores da Neurociência, o cérebro gosta de aprender, gosta de ser desafiado e o professor precisa encontrar mecanismos que estimule a ação dos alunos. Cris percebeu que com a orientação poderia realizar o desafio de produzir vídeos com seus alunos. Ela voltou a assistir o vídeo e uma parte chama a sua atenção, quando o professor comentava que o importante, em um primeiro momento, era fazer a turma se envolver com o projeto. Durante a vídeo aula, o professor, propunha que o docente deveria deixar bem claro para os alunos, as partes que iriam constituir o todo da produção de vídeo e que toda a equipe era importante para o processo. “A analogia é como no corpo humano, não se pode falar que o coração é o mais importante já que não vivo sem os pulmões e vice-versa, cada um é importante e deve realizar a sua parte para o funcionamento do curta como um todo.”

Cris considerou difícil a concretização de tal ação na prática com os alunos, mas continuou assistindo o vídeo, em que o professor comentava como poderia se realizar essa ação na prática audiovisual. Pronto. Era isso que Cris desejava, algo prático. Ela deu um *pause* no vídeo e foi até a cozinha tomar um copo d’água. Percebeu que seu pai estava dormindo no sofá com a televisão ligada. Notou que passava um filme de ação e ficou

pensando no trabalho que dava em produzir um filme, ao mesmo tempo que sabia que cada área tinha o seu modo de ver e fazer as coisas. Ela cobriu o pai com uma coberta que sempre ficava no encosto do sofá, pois sabia que seu pai odiava ser acordado. Voltou para o seu quarto e continuou a assistir a *web* série, enquanto seu pai era assistido pela televisão. Cris continuou anotando cada informação que considerava relevante para o desenvolvimento de seu trabalho com alunos.

O passo a passo sobre produção de vídeo que Cris teve acesso era assim:

### **Primeiro Passo – Pitching**

Peça para os alunos falarem/contarem uma história com início, meio e fim, algo simples, o nome desta ação como o exemplo abaixo:

*Pedro no intervalo se declara para Márcia e descobre que ela namora Fernanda. Pedro olha irritado. Depois, sorri e abraça as duas.*

Perceba que aqui os alunos só contaram a história. Essa ação incentiva a imaginação deles e cria o debate com a turma, em torno do que vai ser feito. Não peça para o aluno escrever, por enquanto só deve falar. Depois sim, ele vai escrever, mas com base, no que ele falou da

história. Quando você faz o aluno escrever ao invés de criar, entra mais a parte lógica do cérebro do que a criativa e assim dificulta a criação para alguns alunos. Quando você faz o aluno falar sobre sua história, ele vai narrar e sonhar usando o seu conhecimento e criatividade de forma lúdica. Depois que o aluno falar, criar a história e debater com a turma, é que começa escrever sobre ela. Experimente. A criação não é lógica é divina! (Pereira, 2014).

-Como é simples! Pensou Cris.

Ainda um pouco confusa com a ideia de que o aluno falar é melhor do que escrever na hora de criar ...

O Segundo passo, de acordo com o Professor seria apresentar essa história apenas com imagens

Bem, nossa história é simples, mas como retratar essa história em imagem? Vamos ver? Primeiro, divida essa história em pequenas ações, por exemplo:

- 1 – Pedro apaixonado por Márcia;
- 2 – Pedro descobre que Márcia tem namorada;
- 3 – Pedro irritado com a ação;
- 4 – Pedro relaxa e abraça as duas.

Perceba que dividi a ação em quatro partes, pois assim, posso pensar em cada parte com calma, e mostrar o que desejo em

cada uma destas partes. Converse com o seu aluno da maneira que ele vai organizar essa ação com imagens, no caso com fotos. Mas trabalhar com fotos? Não era vídeo? Sim, neste momento fazer o aluno trabalhar com fotografias ajudará a pensar em termos de imagem. Essa é a primeira mudança de pensamento/paradigma, não fazer o personagem falar, mas mostrar em termos de imagem o que o público vai entender. Vamos ver na prática?

Como mostrar Pedro querendo namorar Márcia?

Qual imagem representa isso?

Como mostrar Pedro chateado com o fora que recebeu e depois feliz?

Como você faria isso?

Outro ponto importante é perguntar para os alunos o que desejam passar. O cinema trabalha no e com o **inconsciente coletivo** e fazer um vídeo é se apropriar desse inconsciente e ao mesmo tempo criar, por isso é importante saber o que deseja passar, pois ajuda na hora de escrever o roteiro e também na hora de gravar o vídeo. Até aqui vimos duas ações do professor:

### **1 -Falar a história - o que chamamos de *Pitching***

Peça para os alunos apenas comentarem sobre essa ação e você professor vai ver que eles terão ideias simples e muito boas.

### **2 – Transformar a história narrada em imagem**

Aqui a ênfase é para tirar fotografia, ou seja, pensar em termos de imagem e representar a história por uma ação física não por

fala. Estas duas ações são simples e os alunos vão poder participar como gostam: falando e imaginando. Depois que eles comentarem como fazer, aproveite e peça para eles se organizarem em grupos e gravarem, tirando fotografia desta ação. Neste momento o docente deve se concentrar não na história, mas na organização do grupo e como cada integrante vai participar do filme, quem vai ser o ator, o diretor, quem vai gravar etc. Depois a professora pode colocar as fotos em ordem e assistir para ver se as fotos contam a história.

**Editando o Vídeo** - É um processo bem simples. Você pode assistir neste *link* a vídeo aula sobre essa ação<sup>8</sup>. No *site* ensinamos até como baixar o programa e instalar. Se você utiliza o *Windows* recomendamos o **Movie Maker, Filmora ou Movavi**, se utiliza o *Linux* recomendamos o **Kdenlive**. Agora sim, você pode baixar um programa de edição que nada mais é do que colocar as fotos em ordem, e se for vídeo é colocar o vídeo em ordem.

### **Sugiro que edite em um APP**

No celular os alunos podem editar de forma simples usando vários APP para isso dentre eles recomendamos o FilmoraGo, InShot Video Editor e o KineMaster e outros que os alunos desejarem.

Aqui, é bom lembrar Piaget quando comenta sobre a assimilação e acomodação, sempre deixar o signo de modo que o aluno possa decodificar. Sendo assim, o editor de vídeo vai se assimilar a um programa de texto, pois a ideia básica é a

---

<sup>8</sup>[WWW.wp.ufpel.edu.br/producaodevideo/videoaula](http://WWW.wp.ufpel.edu.br/producaodevideo/videoaula)

mesma. A diferença é que as palavras são as imagens gravadas. Perceba como é simples, informa o professor.

Cris prestou atenção nas explicações detalhadas que o professor havia deixado no *site*. Olhou abaixo e encontrou um link. Acessou-o e apareceu uma tabela que o professor disponibilizou para os professores usarem como base, conforme segue:

Dias	Ação
1º Dia	<p>1 – Divida os alunos em grupo</p> <p>2 – Peça para cada grupo criar uma história com início, meio e fim e que ocorra dentro da sala de aula ou dentro da escola.</p> <p>3 – Peça para os alunos irem à frente e apresentar para a turma a ideia do roteiro, isso é o <b>Pitching</b>. E alguém do grupo grava com o celular o áudio da fala do grupo.</p> <p>4– Peça para os alunos gravarem naquele dia a história criada, ou dependendo do tempo, na aula seguinte.</p> <p>5 – Só podem tirar <b>cinco fotos</b> (somente cinco) para exercitar contar história com imagens (Storytelling).</p>

	<p>6 – Peça para os alunos fazerem uma cópia do material, e então o material já pode ser editado. Oriente deixar uma cópia na escola, pois podem perder o material. (e isso ocorre)</p> <p>7 – Os alunos podem aprender a editar assistindo nossas videoaulas na nossa página.  <a href="https://wp.ufpel.edu.br/labpve/">https://wp.ufpel.edu.br/labpve/</a></p>
<b>2ºDia</b>	<p>1 – Exibir o vídeo editado.</p> <p>2 – Debater a dificuldade de escolher as cinco imagens.</p> <p>3– Pedir para refazer o exercício agora com <b>15 imagens (fotos)</b>.</p> <p>4–Fazer cópia no PC do professor ou da escola e trazer editado na próxima aula.</p>
<b>3º Dia</b>	<p>1 – Exibir o novo vídeo.</p> <p>2 – Debater a dificuldade de fazer o vídeo com essas 15 imagens.</p> <p>3 – Pedir para reeditar o material agora com duas versões: uma com trilha sonora apenas e outra versão</p>

	com trilha sonora e uma narração sobre o filme.
<b>4º Dia</b>	<p>1 – Exibir o vídeo.</p> <p>2 – Debater sobre o novo formato com som e com narração.</p> <p>3- Gravar o mesmo vídeo, porém em vez de foto fazer com <b>vídeo</b> tentando manter as mesmas imagens: as 15 imagens em vídeo (sobre edição de vídeo é similar à de foto).</p>
<b>5º Dia</b>	<p>1 – Exibir o vídeo.</p> <p>2 – Debater a diferença entre foto e vídeo.</p> <p>3 – Pensarem um roteiro para o festival.</p>

O professor da UFPel deixava claro que era apenas uma ideia e que o docente, poderia e deveria adaptar à sua realidade, mas frisava a importância de se trabalhar o pensar com imagens e a Representação Social. Ao editar as cinco fotografias, os alunos aprendem o processo de edição. Assim, no vídeo final o aluno terá experiência para poder realizar o trabalho. Esses exercícios tem como função a prática audiovisual, pensar imagem e sua relação com a realidade do aluno e da sociedade.

Cris analisou a tabela e considerou um processo, aparentemente simples, mas precisava adaptar para sua rotina em sala de aula. Voltou a assistir o vídeo, onde o professor informava que, depois do vídeo finalizado, poderia ser exibido para os alunos, mesmo contendo apenas cinco fotografias. Em seguida, o professor poderia ir ampliando o grau de dificuldade, aumentando para 15 fotos... então, em outro momento, colocar no vídeo a música e a narração. Assim, os alunos irão se apropriando, tanto da parte técnica, como da parte artística que é pensar em forma de imagem e sobre o que se deseja narrar. Similar ao cinema, que também apresenta uma parte artística e outra técnica. Curioso, pensa nossa personagem que fazer vídeo é um processo técnico e artístico e também pedagógico, depende como o professor executa a ação em conjunto com os alunos.

Outro ponto que o professor destacou, foi que os alunos ficam admirados com a diferença entre uma música e outra para o mesmo curta. As músicas mudam a ideia da narrativa. O mesmo processo acontece com a ideia de exibir o vídeo com e sem narração. Como exemplo, o professor destacou o *link* do curta: O Erro<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup><https://www.youtube.com/watch?v=PePA1715b3s&list=PLNO6rIIMAEI0CfhBI675OIJ4YTTiSplwT>

Cris considerou interessante, a dinâmica proposta. Anotou todos os detalhes e dicas sugeridos pelo professor da UFPel em seu caderninho. Agora, teria que dispor de tempo, para refletir e adaptar os conhecimentos apresentados à sua realidade na sala de aula com os alunos.

Para finalizar, o professor no vídeo que Cris assistia, disse algo que a deixou intrigada com a simplicidade do processo de produção de vídeo ao afirmar que

Criamos histórias a todo o momento na rua, no ônibus, nas filas dos bancos e só percebermos algo diferente (algo que sai da representação comum, ou seja, do nosso cotidiano) quando imaginamos como é ou como poderia ser as coisas. Somos roteiristas natos, só falta exercitar. Quantas histórias você criou hoje?

Um ar de riso brotou do olhar de Cris... percebeu que já eram 23h. Preferiu dormir e deixar o restante das aulas para o outro dia, pois já tinha uma ideia de como trabalhar com os alunos nas próximas aulas.

...

No dia seguinte, no ônibus para a escola, Cris pensava no vídeo que assistiu e lembrou que a cada momento, nós mesmos criamos histórias, pensamos em fatos... no simples fato de presenciarmos duas pessoas conversando, já criamos todas as histórias que, provavelmente, podem estar acontecendo com aquelas pessoas, ou não. Quem não viu uma pessoa na rua, um desconhecido chorando e não quis saber o motivo, não quis ajudar?

Pensou Cris...

-Criamos histórias a todo o momento e qual será o motivo? Será que a produção de vídeo explica isso? Somos fofoqueiros de natureza ou roteiristas? Adoramos saber os motivos das coisas, falamos dos vizinhos, dos famosos e de pessoas de modo geral. Como conta a história de Cris. Ela lecionava de manhã em uma escola (aula para o sexto ano) e a noite em outra (alunos da EJA). Cris ficava a pensar qual seria a diferença entre produzir um vídeo com os alunos de sexto ano e os da EJA. Essa era uma boa dúvida.

No período noturno, na escola, na sala dos professores, (espaço que os alunos rebeldes ou não compreendidos pelo sistema não gostavam de ficar), em uma conversa com os colegas, Cris informou que iria produzir um vídeo com os alunos da EJA, no

mesmo momento, percebeu que os olhares de alguns colegas, eram de reprovação. Uma professora a questionou sobre a produção de vídeo com os alunos, dizendo que tal ação seria apenas um passatempo, que não tinha nada a ver com o conteúdo, ainda mais, sendo de Matemática e aplicado para um grupo como a EJA. Seria perda de tempo.

A referida professora comentou que essa ação (produzir vídeo) era algo desacreditado na escola. Suzana escutou e ficou apenas assistindo o debate, mesmo discordando, preferiu apenas ouvir. Após as críticas, a professora finalizou o debate, falando que Matemática se ensinava fazendo contas e exercícios... após essa declaração, pegou o material e, com 29 anos atuando como professora, se retirou, com a certeza e garantia da razão.

Intrigada, Cris pensou:

- Afinal, qual a função de um conteúdo? Porque aprendemos o conteúdo X e não Y e como saber o que é mais importante para os alunos? No fim das contas, o mundo muda e os conteúdos também, por isso o mais importante seria ensinar os alunos a pesquisarem, saber criar ou adaptar os conteúdos no dia a dia de suas vidas, para ter qualidade de vida. Ela então percebeu que aparentemente, essa realidade era um sonho. E que, a

produção de vídeo poderia ajudar na organização de alguns conteúdos e reforçar outros.

- Será que não consigo introduzir o meu conteúdo em ações práticas e assim as dificuldades deles vão servindo como processo de aprendizagem ou pelo menos de debate? Seria possível? Deve ter algo errado! Parece tão simples e tão obvio, indagava nossa personagem Cris.

Dolores, professora de Língua Portuguesa, entrou na sala dos professores. Cris acreditava que ela poderia contribuir muito no projeto, já que poderia ser um trabalho interdisciplinar, em conjunto com outros professores. Assim, a professora Cris olhou fraternalmente para sua colega Dolores (que era considerada a professora mais rígida da escola, conforme boatos entre os alunos, ela os reprovava até quando falavam errado com ela no corredor,ressaltando que o “falar errado” era comum entre os alunos da escola).

Contudo, Cris reconhecia a competência da professora Dolores, e compreendia a necessidade que tinha no momento para alavancar a produção de vídeo estudantil na escola. Cris sabia que era preciso conhecer a realidade dos alunos, principalmente, aqueles que viviam em comunidades. Uma vez que muitos alunos, infelizmente, não tiveram chance de estudar e,assim, só reproduziam aquilo que fazia parte ou estava próximo do seu dia

a dia. Cris lembrava de Freire e da importância de se conhecer a realidade dos alunos. Dolores sempre lecionou ali naquela escola de periferia, pois gostava. Isso era coisa que Cris admirava na professora, mas não sabia o motivo!

A Professora Dolores estava sentada atrás de Cris. Suzana acabou o seu chimarrão e fez sinal para Cris chamar Dolores, convidando-a para participar do projeto. Suzana considerou uma boa ideia. Sem saber da armação que ocorria sobre si, Dolores, sozinha à mesa dos professores tomava seu café e mexia em seus óculos. Cris sentou ao seu lado e observou os óculos de Dolores. Em pensamento, sorriu, pois havia ouvido um boato nos corredores da escola que os óculos não teriam grau, a professora Dolores usaria tal óculos desde o início da docência, por charme, para demonstrar seriedade. Cris percebeu que realmente os óculos não tinham aparentemente grau e sorriu silenciosamente... um riso bem baixinho, quase imperceptível, mas que acabou incomodando a Professora Dolores, que tirou os óculos e passou a olhar disfarçadamente para Cris, colocou os óculos e voltou a ler seu jornal novamente. Silêncio na sala... Cris sabia que Dolores só tinha uma fama de “má”, mas era uma professora competente, com boas intenções.

Cris então tentou iniciar um diálogo com Dolores.

- Professora, o que a senhora acha de produzir um vídeo com os alunos?

Dolores olha Cris por cima dos óculos e, respirando fundo, disse-lhe:

- Se essa ação ensiná-los a pensar antes de falar as besteiras que falam, pode ser uma boa ideia!

Cris continuou...

- E se nós, com esse projeto pudéssemos propor a eles que criassem personagens... poderemos propor que usem a fala diária deles, coloquial, com gírias e a norma culta... o que achas?

- Como assim? Perguntou a professora Dolores.

- Como atores os alunos podem pensar uma coisa, mas falar outra, pois não pode falar aquilo que quero, pois ele agora é outra pessoa. Acho que os alunos pensam assim, respondeu Cris.

- Entendo, explicou a professora Dolores.

- Simular a fala, diz Cris. Que sem querer, explica sobre o subtexto que o ator tem quando ele faz um papel, existe uma diferença entre o pensamento e a fala, ou seja, todos somos atores sociais e modificamos a fala e a atitude diante de um público diferente, como defende Goffman (2003).

Cris respirou fundo e explicou para Dolores o que desejava fazer, enquanto professora, com os alunos da EJA. Dolores tirou seus óculos, e tomou seu café, enquanto uma fumacinha sai entre o espaço de sua boca, pintada de batom vermelho. Dolores olhou, firmemente, para Cris e disse-lhe:

– Qual o seu problema? Estás com poucas turmas? É isso?

– Como assim? Perguntou Cris.

Dolores prosseguiu:

– Para inventar mais trabalho, só se for isso mesmo! Poucas turmas. E além do mais, como vai ser os conteúdos da disciplina? Não sei não... isso parece uma maluquice que não faz sentido, pois os conteúdos podem se perder. Mas... por outro lado, a arte pode ajudar sim.

Cris então argumentou:

- Então a ideia seria de trabalharmos juntas e cada uma de nós, dentro do seu conteúdo, contribuindo para a produção do vídeo, que seria uma novidade na escola.

Essas falas deixaram Dolores mais animada. Suzana se aproximou da dupla (Cris e Dolores). Cris disse à Suzana que a professora Dolores com todo o seu conhecimento, iria contribuir na organização do roteiro e na fala dos personagens, ressaltando:

- Já convidei a professora Suzana de literatura para ajudar na narrativa e no desenvolvimento da história.

Dolores voltou a colocar seus óculos. Respirou fundo. Se ajeitou na cadeira e soltou um sorriso despretensioso, com aparente satisfação, dizendo:

- Já te falei que sou boa atriz?

– Não, isso eu não sabia! Respondeu Cris, que argumentou:

- Mas nós não podemos ser atrizes...só se fores coadjuvante ou figurante...

– Porque não? Perguntou Dolores.

– O curta é deles, não nosso! Rebateu Cris.

– Perfeito. Entendi. Senti que não vou poder ser atriz! Mas...tudo bem!

Cris argumentou:

– É que, segundo o professor da UFPel, em uma produção de vídeo estudantil o professor contribui, mas não é o ator principal. É a hora deles, os alunos. É uma metodologia ativa onde os alunos devem se organizar para produzir um objeto no caso o vídeo.

O argumento de Cris foi um golpe para a pobre Dolores que, intimamente sempre quis ser atriz. Considerando uma boa ideia, concordou com a colega Cris de, pelo menos, tentarem fazer o projeto se desenvolver. Dolores tinha mil ideias sobre que vídeo

fazer e nele apresentar várias ações... e em um espaço de alguns milésimos de segundo já acrescentou toda a sua cultura gaúcha em ação, pensando em usar o escritor pelotense Simões Lopes... ao mesmo tempo, imaginava que frases do autor pelotense poderiam virar febre nas redes sociais e quem sabe um dia, ele pudesse ser mais citado do que Clarisse Lispector no *Facebook*.

A professora Dolores passeava por seus devaneios de um dia se tornar uma atriz. Poderia ser atriz coadjuvante, já que não poderia ser a principal... de certa forma, isso já a animava!

Cris explicou a Dolores que recebeu uma “convocação” dos alunos que desejavam participar do Festival de Vídeo da cidade e que, segundo suas pesquisas, o edital determinava que o vídeo fosse dos alunos e que elas, as professoras, iriam apenas orientar o trabalho dos alunos, podendo ser, no máximo, atrizes coadjuvantes, mas não principais. Dolores olhou com desdém, pois isso a amiga já tinha dito e considerou repetitivo. Dolores discordou, mas Cris explicou que segundo o professor da UFPel, o maior erro do professor que faz vídeo estudantil é querer fazer o seu vídeo e não o vídeo que os alunos querem. Dolores em um segundo pensou que Cris estaria certa e deveria ajudar os alunos. Mesmo sonhando em ser atriz, mesmo que fosse um

vídeo de escola, concordou com Cris, que o vídeo deveria ser dos alunos. Fazia sentido. Pensava ela, ainda inconformada.

Depois de colocar seus óculos, para disfarçar superioridade, Dolores voltou seu olhar para o jornal que lera e calmamente, bem baixinho, em um solilóquio:

- Quem perde com isso, por desperdiçar um diamante bruto de talento como eu, é o mundo!

Depois de dar mais uma lida sobre o edital, Cris completou, dizendo:

– Outra coisa importante é que vamos fazer vídeo com a EJA e, se der certo, no ano seguinte, com os alunos do sexto ano.

Dolores voltou do devaneio e respondeu à Cris:

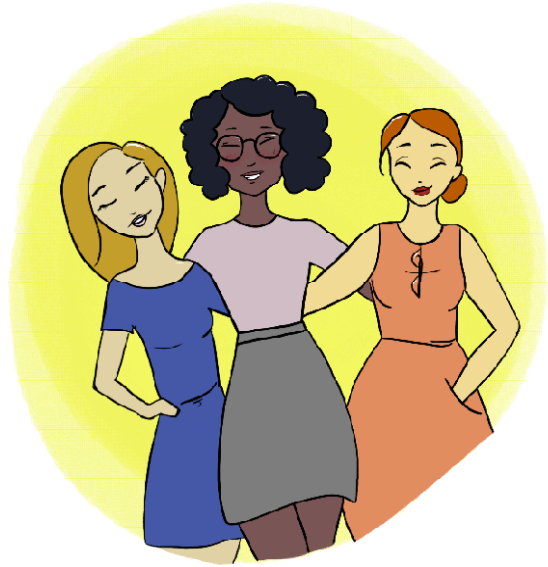
- Certo, acho que temos poucas atividades extracurriculares com os alunos da EJA...

Suzana demonstrou contentamento com a entrada da professora Dolores no projeto, sorri e dá boas-vindas para a colega Dolores, dizendo-lhe:

- Professora Dolores, ficamos contentes com sua parceria no projeto de produção do vídeo estudantil com nossos alunos da EJA, vai ser um excelente reforço à nossa equipe.

Dolores olha a professora Suzana e sorri como que confirmando a ação.

Depois as três, Cris, Suzana e Dolores, começaram a elaborar o projeto da produção de vídeo. O primeiro passo era elas deixarem um espaço em suas aulas para acompanhar o andamento da organização do vídeo.



Cris sabia que não poderia deixar o conteúdo de Matemática de lado, mas tentaria aliar as duas ações, Programou 20 minutos de sua aula para a construção do vídeo e cada professora do projeto, também deixaria esse mesmo tempo disponível para tal. Cris se animou e ficou na escola para ministrar a aula da noite com a EJA. Dolores finalizou o encontro, dizendo:

- Mas se tiver papel para uma professora de meia idade simpática, será meu! Certo?

As três ficaram rindo da obsessão de Dolores em ser atriz. Cris percebeu que a produção de vídeo seria uma troca significativa entre as pessoas, troca de sentimento, de ideias, de sonhos e de vida. Só isso já valia o projeto, unir as pessoas em um momento em que somos cada vez mais individualistas e só vivemos em redes sociais e internet.

...

Cris foi animada para sua aula. Ela esperou os alunos chegarem e conversou com eles sobre a boa nova: a partir daquele instante a professora Dolores iria auxiliar na produção do vídeo também. Sendo assim, eles iriam ter um trio de professoras na produção de vídeo!

- Teremos o trio parada dura então! Comentou o aluno Gilberto. Todos riram como comentário do aluno Gilberto ironizando a entrada da professora Dolores. Cris tentou deixar mais tranquilos os alunos que continuavam a reclamar do ingresso da professora Dolores na equipe de professores/orientadores da produção de vídeo estudantil, pois sabiam da rigidez da referida professora.

Cris explicou que ela iria auxiliar e que eles, os alunos, deveriam organizar o trabalho, passando às professoras, Dolores e

Suzana, todas as ações. A ideia era de terem mais tempo para pensar no vídeo, podendo fazer com qualidade e, sobretudo, aprendendo com o trabalho.

Neste momento, um dos alunos, usando do deboche e da ironia, lançou a dúvida na professora animada...

- Como assim? Fazer vídeo e aprender matemática?

Cris sorriu e informou que aprenderiam matemática a todo o momento, que a disciplina estava no dia a dia das pessoas, bastava observá-la sua volta.

O aluno sorriu, mas com um jeito de quem não havia compreendido a explicação da professora Cris. Mesmo assim, a docente continuou sua explanação:

– Vocês vão perceber que as professoras Dolores e Suzana são pessoas ótimas e vocês estão com uma visão distorcida a respeito delas. Acredito que o trabalho em conjunto, para a produção de vídeo, pode aproximá-los.

Cris fez tal colocação, baseada no vídeo que assistiu do professor da UFPel, no qual o mesmo apresentava a produção de vídeo como uma ação que contribui para que professores e alunos se conheçam fora da máscara social, como defende Goffman(2003), sem a verticalidade da profissão, mas na horizontalidade das ações sociais do dia a dia. Mesmo com certa

resistência, os alunos passaram a dar uma chance às professoras.

Cris iniciou sua aula e o conteúdo era porcentagem. Explicou o conteúdo para os alunos, ao mesmo tempo em que lembrava do vídeo aula que assistiu, que dizia:

O professor deveria aproveitar os conteúdos em sua aula para explicar a produção de vídeo, sem ser uma obrigação, mas apenas uma lembrança, fazendo pequenas associações entre o vídeo e os conteúdos ministrados.

Então a professora percebeu que os alunos estavam sem interesse pela aula. Percebeu que eles comentavam baixinho sobre a produção de vídeo. Aparentemente, estavam mais preocupados em começar a produzir o vídeo, do que na própria aula. Então, Cris olhou para o aluno Pedro, perguntando-lhe quanto tempo durava a bateria de seu celular... Pedro levou um susto, pois nunca havia visto a professora tão descontraída, mas respondeu-lhe dizendo:

-Geralmente tenho que carregar todo dia, mas quando jogo preciso carregar até três vezes ao dia.

Dona Maria, escutando a conversa, comentou que a bateria do seu celular aguentava bastante tempo.

O aluno Fernando observava o diálogo, entrando na conversa:

- Também, esse celular parece um tijolo! É só bateria!

Todos os alunos da turma deram risada.

Cris então perguntou-lhes:

- Certo. Mas a pergunta que eu faço é: qual o motivo das baterias durarem pouco?

Os alunos se olharam, aparentemente, sem argumentos para responder.

O aluno Gilberto (25 anos), se pronunciou:

- Eu acho que quanto mais se usa essas coisas, mais a bateria se enfraquece e acaba... jogos online, principalmente.

Cris assistia o debate dos alunos e sorria.

Foi até o quadro negro e começou a desenhar uma tabela: celular sem jogo dura x, celular com uso do jogo dura  $y/2$ .

Percebeu que os

alunos estavam a lhe observar. Pensavam mil coisas sobre aquela ação e várias hipóteses surgiam. Cris em pensamento, concordava com Freire (1996), que afirmava que: "...quando o

CELULAR: JOGO X BATERIA

◦ DURAÇÃO DA BATERIA (EM HORAS)

SEM JOGO :	10	16	13
	↓	↓	↓
COM JOGO :	5	8	6,5

aluno vê na educação uma ação do seu dia a dia, ele tem mais interesse”.

Então Cris perguntou aos alunos:

– Podemos pensar em uma fórmula simples em que X é a bateria carregada em 100% e y é o jogo. Em média o que percebem quando usam o jogo?

O aluno Fernando diz:

–Cai à metade do tempo?

E Penélope argumentou:

– Não só no jogo, se usar o *WhatsApp* com vídeo, a bateria enfraquece e cai também...

Cris explicou aos alunos:

- Então teríamos essa fórmula simples, pois calculo a bateria em 100% e o que vou descontar, surge então 50% se a sua bateria durar 12h então vai ser apenas 6h. E assim por diante. Quais outras coisas, ou apps, fazem a bateria descarregar?

O aluno José Olímpio argumentou:

– Acredito que o sinal fraco da internet ou do celular também. Pois quando eu estou na feira no centro da cidade a bateria dura o dia todo, mas quando vou para o depósito, onde o sinal é fraco, percebo que acaba a bateria no meio da tarde.

Cris acrescentou:

– Então deveremos pensar na produção de vídeo que iremos realizar, deveremos nos organizar para que possamos ter bateria para podermos usar nas gravações. Imaginem cancelar a gravação, por não termos bateria carregada para gravar. Imaginem...

Fernando aproveita e conclui

- Isso daria uma boa história para um curta, né professora?

Os alunos riram, entusiasmados.

Cris reconheceu no olhar dos alunos a resposta que desejava. Ela percebeu que essa interação com a prática era algo interessante e como o professor da UFPel havia comentado sobre a Neurociência

O cérebro gosta de aprender, por isso precisa ser estimulado de forma que esse aprender seja um prazer e não apenas uma obrigação, e que neste sentido, a produção de vídeo pode contribuir para o processo de ensino/aprendizado, gerando o prazer em aprender, por saber e não por uma nota. A emoção é o catalisador da memória.

-Será que o prazer é a mola mestre da produção de vídeo? Será que a produção de vídeo pode ajudar os alunos a terem prazer dentro de uma instituição que é conhecida pelo não prazer?

(pensava nossa personagem). Em que momento o aluno perde o prazer de aprender?

Cris lembrou que em um dos vídeos da UFPel, o professor defendia a produção de vídeo, como um espaço lúdico para os alunos, pois segundo alguns neurocientistas, o cérebro é dividido em hemisfério esquerdo e direito<sup>10</sup> e alguns autores defendem que o hemisfério esquerdo seria o lógico e o direito o hemisfério lúdico emocional, porém existe controvérsias sobre essa divisão. No entanto, pensando nela, percebemos que a escola, no seu dia a dia trabalharia principalmente o hemisfério esquerdo do cérebro, enquanto nas artes, incluímos a produção de vídeo, que trabalharia com o hemisfério direito. Mas se aprendemos com a emoção, será que não estamos fazendo algo errado na escola? Qual o motivo da escola ser um espaço sem prazer apenas de trabalho lógico?

Isso fazia Cris pensar que essas ações eram simultâneas no cérebro e que o ideal seria a aula contemplar os dois hemisférios. Porém o que percebia era a predominância da lógica sobre a arte.

---

<sup>10</sup> Sabemos que existe varias criticas sobre essa divisão entre a função de cada hemisfério, mas manteremos ela aqui por ser uma ação defendida por alguns neurocientistas.

Em sua pesquisa, Cris havia lido um artigo da revista Roquette Pinto: A [Revista do Vídeo Estudantil](#)<sup>11</sup>, nela, em um artigo, o autor defendia que

a emoção está ligada a memória, usando a teoria dos três cérebros defendida por Paul MacLean na década de 1970, nesta perspectiva a emoção e a memória estão ligadas no cérebro límbico. Para o pesquisador nosso cérebro é dividido em três partes em função da evolução. O primeiro seria o cérebro reptiliano, o segundo o límbico onde está a memória e o prazer e por último o cérebro neocórtex onde surge o raciocínio lógico o que nos difere dos animais. Sendo assim a memória está interligada a emoção e o raciocínio lógico, que é realizado no neocórtex, é o espaço onde pensamos, analisamos.

Para Cris essa informação fazia mais sentido do que a simples divisão dos hemisférios cerebrais. Se na evolução do cérebro o prazer está associado à memória, por que não aproveitamos essa ação biológica para aprender e ensinar? Um cachorro tem memória, mas não raciocina (não como a gente imagina)... olha que legal ensinamos o cachorro por repetição, ele faz uma ação e ganha um prêmio, tem prazer. Será que aprendemos assim

---

<sup>11</sup><https://wp.ufpel.edu.br/roquettepinto/>

também? O mesmo autor do artigo fala que o cérebro gosta de repetir as ações, pois assim gasta menos energia. Por isso que fazemos sempre a mesma ação. Acho que é por isso que se fala que a criança pequena tem que ter rotina, que nada mais é do que repetir uma ação para o cérebro se acostumar com ela. Olha que legal. Isso deveria ser debatido nas escolas. Conhecer nosso cérebro, isso é importante para a vida. Sempre achei que os neurônios não se regeneram e agora se defende que sim, podemos criar mais neurônios se existir a necessidade. Nossa! Por isso que é importante fazer coisas diferentes para o cérebro poder fazer a elasticidade cerebral e criar novas cognições. Essas cognições que vão dar à velocidade de raciocínio e, assim conseqüentemente a inteligência que seria o uso destas informações no nosso dia a dia. Que legal esse mundo da Neurociência. E nesta ação o aluno está ali fazendo, pensando, repensando e sendo ativo no seu processo educacional já que aprender passa pela subjetividade e pelo cérebro. Nossa a metodologia ativa está aliada a neurociência e aliada a produção de vídeo estudantil. Que legal!

Cris voltava de seu devaneio e tentava se concentrar na sala de aula. Ela buscava ampliar o debate da bateria, já que percebeu que ganhou a atenção dos alunos.

Então continuou a explicação sobre porcentagem, com a analogia da prática do dia a dia que seria o uso da bateria do telefone celular. Os alunos anotavam e começavam a debater sobre o seu celular, sobre o celular da mãe, sobre o brilho da tela que diminui a carga da bateria, que o sinal de *Wi-fi* fraco também gasta bateria e inicia-se um processo interessante...

O aluno Fernando que tinha um APP (aplicativo) instalado em seu celular, comentou que, com este aplicativo se podia perceber o que roubava/ gastava mais bateria. Todos queriam saber qual era esse APP.

Cris ao visualizar o celular do aluno, achou interessante o APP, adorando a ideia de que a turma estava envolvida em uma ação em conjunto e aprendendo com as trocas. Então, pediu o celular emprestado ao aluno Fernando e anotou os principais programas, bem como a porcentagem de cada um em relação ao uso da bateria e explicou como o programa fazia isso, tendo como base a fórmula simples que ela e os alunos criaram. Percebeu o olhar atento dos alunos e a satisfação de entender matemática, partindo da prática. Será que assim não seria o método certo? Aprender pela curiosidade dos alunos?

Cris, em seu pensamento, percebia mais uma vez, que a produção do vídeo estava de acordo com as ideias de Freire, no

sentido de conhecer a realidade do aluno e a partir dela, educar. E a BNCC então? Nada mais era do que algumas teorias de Freire sem a parte social.

- Quem diria que Freire conhecia Neurociência? Seu pensamento estava em consonância com os alicerces desta ciência. É claro, Cris não abria mão do querido professor Ubiratan D'Ambrosio e sua teoria da Etnomatemática. O pesquisador defende que a Matemática é capaz de aproximar o espaço escolar do seu contexto social, por isso a necessidade de conhecer os signos que o aluno convive e como usa a Matemática no seu dia a dia. A partir de então o docente pode fazer a intervenção necessária para o aprendizado ou simplesmente organizar o que o aluno já sabe.

Cris pensava que essa dupla D'Ambrosio e Freire iriam ser sua base teórica, para poder participar [do Congresso De Vídeo Estudantil](#)<sup>12</sup> que já havia assistido na internet. Considerou excelente a ideia de debater a produção de vídeo, construída por estudantes dentro do espaço escolar.

-Quantas experiências diferentes deve ter no Congresso de Vídeo Estudantil e quantas histórias interessantes de

---

<sup>12</sup><https://wp.ufpel.edu.br/cbpve/>

professores e de alunos? (Pensava Cris). E agora vou fazer parte disso também. Que emoção!

Ela pensava que fazer sentido e ter prazer poderia ser a chave do trabalho. Cris lembrou as ideias do professor da UFPel, que diz

Existe uma relação abrangente com a ciência da cognição que nada mais é do que a Neurociência ou neuroeducação. Para semiótica está tudo interligado. Quando o aluno faz sentido no que vê é o significado do que aprendeu, ou se, sua visão individual do aprendizado, que para semiótica é subjetivo já que cada um de nós tem uma ideia sobre o que vemos e sentimos e dos signos que comungamos (são iguais para todos, mas como cada um internaliza de uma forma) ou seja, quando falo uma casa amarela tenho que ter a imagem mental desta casa e isso é subjetivo como a Matemática que vive sua representação em números e fórmulas. Assim o significado que é o modo como o subjetivo entende (o cognitivo) é necessário ter a ação da significação que é o ato de criar significado. Resumindo existe segundo Greimas(1972),o signo que pode ser entendido desta maneira:

Signo = significante + significado.

Traduzindo o signo que vivenciamos socialmente é o **significante** que é algo concreto como uma mesa (ela física ou sua representação gráfica), um animal (in loco ou sua representação em fotografia) esse significante concreto fisicamente ou suas ações como a música é somada e transformada em **significado**, que é a ideia mental que o

sujeito tem do signo sem o mesmo estar presente, percepção signíca, imagem mental do signo sem o mesmo estar presente. Como imagino e penso o signo. E o sinal de + é a **significação**, ou seja, o que une o significante ao significado dando ao mesmo uma ação subjetiva.

Exemplo simples: falo bola e o sujeito não vê nenhuma bola à sua frente, é necessário usar os recursos cognitivos para imaginar a bola, porém ele só pode imaginar a bola, pois já vivenciou e experimentou alguns exemplos de bola. Ele pensa na bola que ele imaginou não na bola real. Significado é a criação mental do signo e ao mesmo tempo é subjetivo do sujeito. A significação é como o aluno pensa a bola que é uma ação subjetiva.

A partir das considerações do autor, Cris passou a acreditar que é o docente que faz a significação para o aluno, ou seja, ajuda a unir o concreto a imagem mental da coisa, como o docente que passa o conteúdo e ajuda a criar o significado.

Quando Cris falava de números complexos, por exemplo, para os alunos, o significante concreto era a fórmula ou os números que eram internalizados, mediante uma ação de significação, que na docência é feita pelo professor. Cris considerava que essa **significação**<sup>13</sup> poderia ser feita pelo docente com a ajuda de aparelhos ou da tecnologia, assim servindo como

---

<sup>13</sup> Estamos usando como base a semiótica de Greimas

internalização do significante, criando a ideia do signo. Ou seja, o professor guia o aluno ajudando-o a criar uma ideia mental de um conteúdo específico. Cris observa que o professor da UFPel informa que Significação é o que une o significado do significante. Pareceu confuso, mas o docente explicou que o signo poderia ser entendido como a união de algo concreto (significante) e a sua ideia mental (significado) que é subjetivo, depende de como o sujeito compreende essa ação.

**Signo** = Significante + Significado

Onde o + é a significação o que une o significante ao seu significado.

E na educação, como isso poderia ser pensado? indagou nossa personagem.

Exemplo: o docente ensina um conteúdo (**significante**) mostra para o aluno no quadro, falando e apresentando exemplos (**significação**) e o aluno observa e aprende (**significado**). Essa ação docente de ensinar (significação) ajuda a criar o significado.

**Significante** – Conteúdo

**Significação** –Didática

**Significado**–Aluno

O pensamento de Cris abriu asas:

-Olha que interessante! (pensava Cris).

- A tecnologia só é uma ação que ajuda o aluno a criar um significado, isso ocorre em função da tecnologia ser usada como uma didática na criação de uma significação. Será que o problema da Matemática é justamente esse? Professores que deveriam fazer a significação para ajudar na internalização para o aluno criar o significado? Ou será, que os professores pecam neste momento e o signo fica sem significado e vira apenas uma fórmula para se decorar?

Quantas dúvidas passavam pela mente de Cris!



Naquele momento ela foi pega de surpresa, com os olhares risonhos de seus alunos, ao perceberem que havia, por um instante, parado em meio a aula, com um giz na mão, divagando em um pequeno solilóquio. Até mesmo Cris considerou sua ação engraçada, instantaneamente pensou:

-A ação simplesmente do hemisfério direito, sonhar, imaginar durante e no meio de uma aula é algo engraçado. A personagem ri de si mesma.

Porém, de acordo com que havia estudado, ela era chamada a realizar ações do hemisfério esquerdo e não poderia decepcionar a turma.

Retornando à atividade que desenvolvera com seus alunos, Cris explicou para eles que estava pensando na teoria de um professor da UFPel, que defendia “o fazer sentido, o ter prazer na descoberta do conhecimento, para Neurociência, gera emoção e essa emoção seria o catalisador, o que une o conhecimento”. Alguns alunos questionaram como isso seria possível e Cris explicou, rapidamente, sobre a Teoria da Neurociência:

-Bem, podemos considerar que a Neurociência é uma ciência como a Matemática, pois serve de base para várias disciplinas, explicando como o cérebro funciona e assim, diversas áreas do conhecimento desfrutam conforme sua necessidade, e assim surge a Neuroeducação<sup>14</sup>. A Matemática também é utilizada por diversas áreas do conhecimento, sendo até base de alguma

---

<sup>14</sup>A Neuroeducação não é uma nova área do conhecimento e sim uma junção dos conhecimentos da psicologia, educação e neurociência.

delas. “A neurociência então, explica que nossa memória é ativada pela emoção, que cada pessoa aprende de uma forma diferente e que o professor deve respeitar esse tipo de aprendizagem. Cada u tem um estilo e forma de aprender” (PEREIRA, 2016).

Nesse instante, a aluna Dona Maria sorriu, afirmando que a escola deveria ter mais com essa tal de Neurociência. Todos concordaram com ela. Cris prometeu, que em outra aula passaria para os seus alunos um vídeo sobre Neurociência, que foi disponibilizado pelo professor da UFPel.

Ela viu o avançado da hora, já que a rotação da terra não para, então deixou exercícios para os alunos fazerem em casa. Antes de terminar a aula, pensou que esta foi diferente, pois ao invés de usar apenas o livro e as incógnitas X e Y, houve também muitas provocações realizadas por parte dos alunos. Eles indagavam sobre a função do APP do celular, questionando:

- Qual o programa que consumia mais memória em porcentagem;
- Quanto tempo a bateria do celular levaria para carregar;
- Qual o espaço que existe no cartão de memória;

Enfim, a aula passou a ser interessante para os alunos, provavelmente, por partir da realidade vivida pelos mesmos.

Com essas ações básicas, Cris sabia que os alunos iriam experimentar fazer o cálculo de porcentagem, tendo um pensamento Matemático sobre a ação. Ela percebeu algo diferente na turma. Os alunos estavam mais interessados. Cada um mostrando o seu celular, não com o intuito de fazer bagunça, mas sim, debater o conteúdo com os amigos. Cris percebeu que poderia reforçar outros conteúdos e assim, deixou os minutos finais da sua aula de Matemática, para falar sobre a produção do curta.

– Gente, um minuto de atenção! Quero falar algumas coisas sobre o festival de vídeo que queremos participar. Em primeiro lugar, precisamos ter um curta.

O aluno Fernando, ironicamente, como costumava, em voz alta, disse aos colegas:

– E aí galera, a professora aprendeu a ficar irônica!

Os alunos, começaram a rir.

Cris argumentou:

– Bem, pelo que pesquisei, o mais importante neste primeiro momento é ter organização. O professor da UFPel explicou em um vídeo um passo a passo, de como o docente pode organizar a turma. Analisei e gostei. Quero utilizar esse passo a passo com vocês. Acredito que vai ser uma ótima experiência! Tanto para vocês, quanto para mim.

Os alunos, ainda curiosos, pareciam esperar por algo mais concreto, por parte da professora.

Então Cris completou:

- O primeiro passo segundo o professor, é os alunos contarem uma história, com início, meio e fim. Depois teremos que dividir em grupos de cinco ou seis pessoas, assim, provavelmente, teremos uns três grupos mais ou menos.

Cris deixou os alunos se dividirem e então continuou:

- Agora, cada grupo tem que contar uma história simples de uma ação com início, meio e fim, a qual ocorra na escola. Devem construir em grupo e depois apresentar para professora Suzana, que é de literatura. Ela irá nos ajudar nessa ação.

A aluna Penélope perguntou

– Qual o tema?

Novamente, o aluno Fernando de forma irônica diz:

– Se for tema chato! “Tô” fora!

Cris sorriu. Já esperava por essa reação dos alunos, pois o Professor da UFPel em seu vídeo já havia, alertado que, provavelmente, seria assim.

Novamente Cris se reportou à turma dizendo:

– Então... o tema é livre. Podem fazer sobre o que vocês quiserem. Sugiro sempre pensar em um tema social. Acho importante pensar nisso, mas é só uma sugestão!

Os alunos ficaram animados.

E Fernando, irônico, como sempre:

– Ufa! Pensei que seria um vídeo sobre Matemática.

Cris continuou:

– Bem, então, na próxima aula vocês me apresentam o roteiro. Por falar nisso se o roteiro é início meio e fim podemos pensar assim:

- **Início** apresentar o personagem;
- **Meio** apresentar o problema;
- **Fim** apresentar a resolução do problema.

Como acham que pode ficar isso em porcentagem?

Fernando olha, pega e começa a anotar.

Acho que o início deve ser maior e o meio mais ou menos e o fim o mais rápido. Diz Penélope pensativa olhando para o quadro negro.

Cris sorri e faz um desafio. Quando vocês finalizarem um roteiro vão poder fazer essa conta. Ok?

Fernando já inicia uma reclamação da docente! – Pô fessora agora ficamos com a pulga atrás da orelha fala aí como é...

Cris sorri e pega o exemplo do curta [BV Boca virgem](#) que foi feito na cidade de Pelotas. Ela, então apresentou a porcentagem deste curta na divisão início, meio e fim.

**Início** – 35%

**Meio**– 45%

**Fim** – 20%

Assim Cris percebeu que os alunos compreenderam a importância do problema e o seu desenvolvimento na narrativa da história. Os alunos apenas olhavam e anotavam.

- Amanhã tem aula com a Dolores e sugiro que vocês conversem com ela sobre essa história. De como podem criar uma boa narrativa. Cris aproveitou para informar os alunos

A aluna Penélope perguntou:

– O que é narrativa?

Cris respondeu:

–É a forma que você escolhe para contar a história.

Cris percebeu que a explicação não foi ao contento de Penélope, mas conta com o apoio de Suzana que é professora de Literatura para ajudá-la nessa questão. Então deixou as explicações a cargo da professora da área específica.

No entanto, mesmo sem ser especialista continua a explicar sobre narrativa para a aluna Penélope, que visivelmente, parece

não ter entendido a explicação que Cris havia dado. Então, a professora prossegue na explicação dizendo:

-A narrativa é a forma que você conta a piada, o modo de contar, de criar a pausa, fazer as vozes. Isso é narrativa. Como contar usando uma linguagem específica no caso do audiovisual. Então, narrativa e linguagem estão associadas.

Penélope faz anotações em seu caderno.

Cris percebeu que colaborou com a aluna, para que ela criasse um significado sobre a pergunta e de forma didática, ajudou a unir o significante ao significado. Olha a semiótica na prática da sala de aula de Matemática!

A rotação da terra coincidiu com os ponteiros da sala do diretor que acusava o término da aula. Todos deixaram a sala de aula, com ar de satisfação. Cris percebeu que algo havia se modificado entre os alunos. Em seu pensamento, acreditava que a proposta de produzir um vídeo com os alunos já havia dado certo, pois foi a primeira vez que percebeu eles falando bem do trabalho em aula.

– Se a produção de vídeo ajudar somente para estreitar a relação professor/aluno, já está valendo a pena. Pensou



Cris com os botões que não tinha neste dia.

...

Em casa, Cris assistia mais vídeos da página do curso de Cinema da UFPel<sup>15</sup> que auxilia os professores a produzirem vídeos com os alunos. Desta vez, os estudos abordam sobre o efeito *Kulechov*<sup>16</sup>, que pesquisou sobre o uso do corte na percepção humana. No site o professor faz associação desta teoria com a Neurociência na produção de vídeo. Na referida teoria são apresentadas imagens ao público, criando a junção entre essas imagens não pelo teor das imagens, mas pela criação de significado que o espectador faz. No caso do efeito *Kulechov*, o autor russo, na década de 1930, realizou essa experiência usando a imagem de um ator gravado de forma separada, apenas olhando para a câmera. Depois intercalou a mesma imagem do ator com três imagens diferentes. Realizou a edição destas imagens de forma simples.

- Primeiro mostrou o rosto do ator, em seguida um prato de sopa;

---

<sup>15</sup><http://wp.ufpel.edu.br/producaodevideo/>

<sup>16</sup>Teórico russo da década de 1930 que pesquisou o uso do corte na percepção do espectador.

- Depois exibiu o rosto do ator, seguidamente a imagem de uma pessoa dentro de um caixão;
- Por fim, apresentou o rosto do ator e uma criança.

No exemplo a imagem do ator foi repetida, assim era a mesma imagem que o público assistiu só que intercalada com imagens diferentes. Percebeu que as pessoas levavam em consideração não o rosto do ator, mas a cena, a imagem que viam depois, a associação que a subjetividade dava ao significado apresentado. O espectador via o rosto do ator e não dava um significado a ele (subjetivo) e então ao ver a segunda imagem criava o significado da primeira imagem (cognitivo). Assim percebeu que a soma da imagem A e B não criava a AB e sim a C

Imagem A + Imagem B = Imagem C que precisa da ação do espectador para fazer sentido.

Sendo assim, a associação entre rosto, mais a outra imagem criava, no espectador, o que o ator estava sentindo:

- No caso da **comida**, a expressão era de **fome**;
- Na imagem da **pessoa morta**, a expressão era de **tristeza**;
- Com a **criança**, demonstrava um rosto de **felicidade**.

Assim, o mesmo rosto teve três interpretações, devido ao efeito que a mente tem de criar e compreender o que visualizou.

- Interessante! Pensou Cris. Então, ao juntar duas imagens é minha mente que liga as ações da **imagem A** e da **imagem B**, tentando criar uma história entre elas. Olha que coisa interessante! Nunca imaginei que um comercial, com duração de 30 segundos poderia usar essas técnicas!

Cris continuou em diálogo com seus pensamentos...

- É...na verdade, só funciona, porque eu sou espectador e autor do que está sendo apresentado. Eu crio a história. A ideia é que o signo já carrega informações, então deixo ou manipulo as imagens, para criar um significado (imagem mental e subjetiva do que vejo) que esse espectador vai compreender e decodificar. Crio a história com base no que eu tenho de bagagem de vida, da minha representação social.

Cris riu sozinha dos seus pensamentos...

Ela entrou no *site* de produção de vídeo estudantil, coordenado pelo professor Josias Pereira e assistiu mais uma vídeoaula, intitulado: “Paulo Freire a a Produção de Vídeo Estudantil”<sup>17</sup> Cris ficou animada, já que com o respaldo teórico de Freire que era

---

17

<https://www.youtube.com/watch?v=irtjwV7VqBA&list=PLNO6rIlMAel15JYD7zv8o1qviVvcwMYnA&index=4>

seu leitor preferido achava que a Produção de vídeo na escola poderia ser um espaço para libertar o oprimido. Será? Bem, o vídeo que ela assistiu faz parte de uma web serie<sup>18</sup> e apresenta questões teóricas sobre produção de vídeo.

Cris assistiu vídeos sobre temas que debatiam teorias e a produção de vídeo na escola. Ela havia lido sobre o tema, mas queria aprofundar o conhecimento, pois sentiu falta, quando explicou isso a um aluno na escola. No vídeo o professor comentava que a criação de roteiro passa pela realidade dos signos que cada grupo elege conscientemente e inconscientemente. Cris achou confuso, mas os exemplos pareciam ajudá-la a entender. Segundo o professor, “desde a infância, a criança é submetida a vários signos postos socialmente: carro, bola, jogo, comida, árvores e etc.”. Assim, essas crianças interiorizam inconscientemente esses signos para poder compreender o mundo à sua volta. Porém, cada signo, carrega também ideologia e assim um filme ou a criação de um roteiro, tem como base o signo que o diretor passa para o espectador. Na sequência, o professor apresenta o exemplo na videoaula:

Vou produzir a história do menino que acorda assustado, olha o relógio, coloca a roupa do colégio e sai correndo até a escola.

---

<sup>18</sup><https://www.youtube.com/playlist?list=PLNO6rIIIMAE15JYD7zv8o1qvIVvcwMYnA>

Quando chega, o portão está fechado.

Ele fica batendo no portão, quando passa uma pessoa e diz:

-O que aconteceu?

Ele responde que perdeu a hora.

A pessoa diz que é domingo e não tem aula e o aluno acorda em casa assustado.

Neste exemplo já existe vários signos que eu apresento e o espectador deve e tem que decodificar e usar o seu universo simbólico para compreender a história.

Agora como contar essa ação com cinco fotos?

<b>1º Foto</b>	Um menino acorda e de fundo relógio marca 7:40
<b>2º Foto</b>	Menino correndo na rua
<b>3º Foto</b>	Menino batendo no portão
<b>4º Foto</b>	Menino acordando e relógio marca 7:40
<b>5º Foto</b>	Alunos na sala de aula e uma cadeira vazia

A foto dos alunos em sala de aula e uma cadeira vazia, fará com que o público pense se realmente o aluno perdeu o horário ou não.

Em cinco fotos conto a história, isso só é possível, pois deixo o público criar junto com as imagens o que aconteceu com o menino. Isso só acontece graças ao efeito Kulechov.

Nesta pequena história, perceba que muitos signos não foram apresentados e sim, apenas indicados, deixando o público criar

sobre o não dito, ou seja, não disse que está atrasado, só fiz o aluno com roupa de escola correr, e para a interpretação do espectador, isso remete ao signo de atrasado.

Cris considerou a explicação ótima e pensou:

-Saber que não preciso falar tudo no curta, mas posso deixar elementos para o público interpretar e compreender a história que está sendo narrada, é uma ótima ideia.

Cris anotou tudo no seu caderninho fazendo um pequeno resumo de suas ideias.

...

A rotação da terra faz com que passe dois dias, bem se a sua terra for plana não sei como funciona a questão do fuso horário, desculpe.

Cris na sala dos professores, organiza a aula quando Suzana chega sorrindo para lhe falar:

– O que você fez naquela turma? Todos queriam saber o que é narrativa clássica e como contar uma boa história. Fiquei boba com a atitude deles, até anotando no caderno estavam! José Olimpio falou que pesquisou sobre *storytelling*. Veja só! Ah... inclusive Fernando e Penélope também pesquisaram.

Cris apenas sorriu.

Na sala de aula, Cris aguardou os alunos entrarem e esperou eles fazerem seus comentários. Escreveu no quadro uma regra de três composta, mais porcentagem... nenhum aluno comentou sobre a escrita, mas na verdade eles esperam uma ação de Cris. E Dona Maria comentou:

– Professora, sobre o exercício de casa, a senhora vai querer ver agora ou no final da aula?

Cris virou-se calmamente e percebeu no rosto dos alunos uma espécie de animação e interesse. Então, disse a todos:

– Hoje vou inverter. Vamos falar do vídeo primeiro e no final de regra de três composta, aliado ao APP...o que vocês acham?

Todos os alunos concordaram e ela continuou...

-Bem, já que vocês têm o roteiro quero que me apresentem, como falei, algo simples, com início, meio e fim! O nome dessa apresentação é *Pitching*.

Penélope comentou:

– Ah tem que falar? Pensei que só tínhamos que apresentar o roteiro!

Cris respondeu:

– Então Penélope, a ideia é que quando você apresenta, a sua mente cria associação dentro do tema que você quer abordar. Além de falar o resumo da história vocês precisam falar do que

desejam com a história, que seria o tema principal. A base destas ações, faz parte de um estudo dentro da Neurociência.

Dona Maria curiosa já se antecipou à professora dizendo:

– O que é Neurociência? Já ouvi isso várias vezes e na última aula a professora comentou, mas não aprofundou sobre o assunto.

Então Cris respondeu à Dona Maria:

- Como falei na última aula, é uma disciplina que pesquisa o funcionamento do cérebro e foi na década de 1990, que estes estudos tiveram maior profundidade, até em função da tecnologia, mas desde o século XVII que ela é estudada. E essa disciplina descobriu que o cérebro gosta de aprender e que esse aprendizado, é mais eficaz na ação do aprender e que quando tem emoção o aprendizado fica melhor, pois essa emoção seria o catalisador da memória.

Fernando se expressou em voz alta:

– Pronto. Complicou! Tinha que fazer isso né?

Cris não entendeu o que fez de errado e tenta compreender o que aconteceu, perguntando a Fernando:

– Calma, o que foi?

E Dona Maria tentava explicar:

- Catador de que?

Cris lembrou que o significante quando não compreendido pelo aluno é dever do docente criar uma significação que faça sentido e ajude o aluno a criar o significado. Ela refaz a sua fala:

- Bem, seria assim: tudo que você faz e gosta, ou seja, tem emoção, fica registrado na memória de longo prazo e tudo o que você faz que não gosta, na de curto prazo; estou resumindo uma teoria mais complexa, ok? Bem, vou dar um exemplo, qual o motivo que faz a maioria dos estudantes estudar para prova um dia antes e tira boa nota? Eles usam a memória de curto prazo, não entendem o conteúdo, mas decoram as formulas e aplicam. E o interessante é que uns dias depois, se você fosse refazer a mesma prova, provavelmente, não se lembraria de nada. E porque essa ação acontece? Pois você apenas decorou, não assimilou, não acomodou, não teve emoção para gerar esse prazer no cérebro, ou seja, não criou um significado para o signo, pois a significação dada não ajudou a gerar justamente a acomodação. O aluno apenas usou a memória, não a inteligência para executar a ação, decorar o conteúdo da prova.

E o aluno Gilberto ligeiramente questionou:

– Como a Matemática?

José Olimpo acrescentou:

– Nós só aprendemos para obtermos nota, só decoramos fórmula e não sabemos para que serve e então esquecemos. No meu dia a dia, uso muita matemática, mas aqui vocês explicam coisas que nunca vou usar na feira. E lá, nunca errei o troco, nem para mulher bonita "heim prof."

Penélope perguntou:

– Tem certeza? Nunca errou mesmo? Diz Penélope piscando o olho para José Olimpo que olha para ela e sorri com a malícia dos conquistadores.

- Se você for lá acho que posso errar loira... mas a mercadoria!

Risos da turma. Nesse momento o aluno Gilberto argumentou:

- No meu trabalho uso matemática também, mas faço de cabeça, só olhando, sem fazer conta e os prédios e muros estão aí professora!

Cris concordou com os alunos e continuou sua explicação:

– Bem, vou tentar resumir as duas perguntas, pois vocês estão certos... muito certos! Sim, o que não faz sentido para vocês, não gera emoção e não fica na memória de longo prazo só na de curto prazo. Quando digo que o interesse é o mais importante para memória é porque ali você vai sempre lembrar. Assim, a emoção ajuda a lembrar as coisas para que aquela informação fique na memória de longo prazo. A ação de decorar não é

pensar sobre, não é compreender a coisa e sem entender, fica só na memória de curto prazo que dura umas 48h.

E Gilberto perguntou:

– E como a gente pode melhorar isso professora?

Cris respondeu-lhe:

– Então, acho que esse lance de fazer vídeo pode ajudar! Existe a teoria das múltiplas inteligências, ou seja, cada um aprende de uma forma e a escola deveria respeitar como cada um aprende. E hoje, se discute que se aprende muito, assistindo vídeo, pois vai trabalhar uma outra parte da memória que pode ajudar a quem tem este tipo de inteligência. Isso não é legal? É o que chamam de estilos de aprendizagem

E Fernando argumentou:

– Eu aprendo assistindo videoaula, com professores na internet.

Cris continuou:

- Assistir vídeos ativa outras partes do cérebro e o professor da UFPel relata que aprendeu através de vídeo na adolescência, pois ele tem transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH) e na hora da prova, ele lembrava das imagens, não do texto, e que até hoje na vida dele é assim.

E Dona Maria acrescentou:

– Que legal!

Cris ressaltou:

- Para vocês verem que as dificuldades as vezes ajudam e nos fortalecem. Ele por exemplo, mesmo com a TDAH hoje é professor de uma Universidade Federal e tem Pós-doutorado em Semiótica!

Os alunos consideram interessante as colocações de Cris e passaram a discutir sobre o que é doutorado e Pós-doutorado. A docente gostou do que estava presenciando entre os alunos e percebeu que a simples ideia de fazer o filme movimentou tanto a turma, ao ponto dela mesma, se surpreender. A aula continuou... Cris informou aos alunos as ações que precisavam ser realizadas e deu o tempo de 15 minutos para apresentarem a história.

O tempo passou rápido e pela primeira vez Cris percebeu que todos os alunos estavam debatendo e trabalhando de verdade, o que considerou surpreendente. Assim, enquanto a terra continuava a sua rotação ela informava aos alunos, as ações que iriam acontecer:

– Bem, antes de apresentarem as histórias, alguém aqui sabe tirar fotografia?

Os alunos confirmam o obvio e então, Cris pediu para iniciar as apresentações e essa pessoa tirar foto de cada grupo.

Penélope levanta com o seu grupo para apresentar o seu roteiro, mas antes Cris passou as últimas informações:

– Só para lembrar. Cada locação é o espaço em que vai ser gravado o vídeo, deve ser chamado de cena, como por exemplo:

-Estou na sala de aula: cena um.

- Estou no corredor: cena dois.

- Estou na biblioteca: cena três.

E assim por diante. Queria que cada grupo gravasse o áudio de sua apresentação, pois assim vocês vão ter o que trabalhar depois. Vou gravar também caso vocês tenham algum problema com o material. Agora podem apresentar.

Enquanto isso, Penélope e o seu grupo finalizam os últimos detalhes...

Então Penélope começou sua apresentação:

– Nossa história é de uma menina que é mãe solteira, discriminada pelos meninos e que, por ser mãe, não consegue namorar.

E o aluno Fernando perguntou?

– Essa história é baseada em fatos reais?

Então Penélope respondeu:

– Em partes... muitas vezes estou em um baile ou em uma festa e conheço um menino, daí falo da minha filha e pronto, o cara some. E, às vezes, me sinto sozinha...

Cris buscou contribuir com o relato da aluna:

– É importante debater Penélope. Sua filha está com quantos meses?

Penélope respondeu:

– Com 1 ano e 5 meses, professora.

Cris novamente comentou:

– OK. E o que deseja passar com essa história?

Penélope argumentou:

– Que muitas mães jovens se sentem deslocadas da sociedade, sentindo-se discriminadas, somente por serem mães.

Todos aplaudiram Penélope e seu grupo.

Cris chamou o próximo grupo a apresentar sua história.

-Bem, Dona Maria e seu grupo vão apresentar o roteiro. Dona Maria ajusta a folha à sua frente e inicia a apresentação:

– Vamos contar a história de uma mulher mais velha que volta a estudar e não consegue se enturmar com os mais jovens, pois a consideram uma pessoa ultrapassada, chata e nem percebem que ela, mesmo sendo mais velha, é uma pessoa legal.

Cris comentou:

– Interessante Dona Maria. A senhora se sente assim?

Dona Maria respondeu:

– Há um tempo atrás sim, hoje já estou enturmada com a molecada, mas tenho muitas amigas, da minha idade, que não retomam os estudos, porque sentem-se discriminadas.

Cris, então, chamou o próximo grupo para apresentar seu trabalho.

E Fernando, representando seu grupo, tomou a frente:

-Nossa história é sobre um menino que sofre preconceito por ser gay.

Penélope, rapidamente, perguntou-lhe:

– Essa história é baseada em fatos reais, querido?

Os alunos caem em uma risada coletiva.

Fernando respondeu-lhe:

–É sim, pois o meu irmão é gay e vejo como ele sofre com a indiferença e a discriminação.

Penélope sentiu-se envergonhada e pediu desculpa a Fernando.

Cris parabenizou o grupo pela escolha do tema e comenta sobre sua percepção dos temas apresentados:

– Bem, considero que são histórias interessantes. Na verdade, são apenas resumos, o que no cinema se chama de **histórias em linhas**. Agora temos que desenvolver isso... vocês devem gravar essas histórias com cinco fotos cada uma.

Então, o aluno José Agripino, com olhar de espanto disse:

– Nossa Professora!

Gilberto, seriamente ressaltou:

– Impossível!

Cris rebateu aos comentários dizendo:

– Será mesmo impossível? Não confiam no efeito *Kulechov*?

Penélope fica olhando para a mestra e Cris relembra seus alunos.

- Gente, o vídeo do rosto do ator repetido e ele com fome lembram?

Dona Maria fica feliz:

- Sim o russo de nome engraçado!

Penélope perguntou:

– Lembro da história, pois fiquei pensando como poderia acontecer já que era o mesmo rosto?

Cris, responde:

– Sim, o mesmo. Ou seja, o nosso cérebro que cria a história com os elementos que o diretor apresenta. Uma imagem de uma pessoa sentada com rosto triste e ao lado, mostro um rapaz sentado, o que você imagina?

Dona Maria respondeu:

– Que brigaram!

Cris comentou:

– Isso mesmo. Se eu mostrar que o rapaz tem na mão uma aliança...

Penélope responde:

– Que lindo! Está emocionada, pois ele a pediu em casamento.

E Cris então argumentou:

– Então... não falei nada disso. Perceberam que vocês que criaram o resto da história?

E Eleonora admirada, respondeu:

–E vamos ter que fazer as fotos pensando nisso?

Cris responde a aluna:

- Isso mesmo Eleonora!

Cris continua a explicação e comenta que a mente humana, a todo momento, tenta decifrar o que está vendo e reforça:

- Então vocês podem pensar no efeito *Kulechov* na hora de escolher as cinco fotos que vão tirar, que essas fotos sejam representativas do que vocês desejam narrar.

Os alunos parecem duvidar em realizar o exercício com apenas cinco fotos. No entanto, Cris sabe que seus alunos são inteligentes e vão se esforçar para construírem o melhor que puderem.

Então Gilberto perguntou:

– Mas somente cinco fotos?

Cris disse a todos que deveriam pelo menos tentar tirar as fotos, e incluí-las à narrativa, enfim...

Os alunos se dividiram em grupos e ficaram discutindo como poderiam fazer para incluir as cinco fotografias às suas histórias. Enquanto observava os alunos na discussão sobre a construção do trabalho, Cris teve uma ideia:

– Gente, isso é matemática. Pensem em cada cena isoladamente, por exemplo: como poderíamos contar que Pedro foi despedido e sua mulher está chateada?

Eleonora respondeu:

– Uma mulher com cara de braba... por exemplo...

Cris provocou com outra pergunta?

– O que mais é essencial?

Gilberto respondeu:

– A carta de demissão de Pedro?

Animada Cris responde:

– Ótimo, faltam três fotos ainda...

E Fernando deu mais uma ideia:

– O Pedro com cara de triste?

Dona Maria, pergunta:

– Não precisa do chefe demitindo não?

– Acho que não, já que tem o bilhete dele despedido, já se entende essa ação. Penélope responde.

–Ah tá! Isso é o efeito do tal *Kulechov*! Dona Maria, replica.

Cris completa:

– Isso mesmo Dona Maria! Temos a Representação Social das coisas que são signos que recriamos.

José Agripino, insistiu:

– Professora, Professora! Não complique, por favor. Trabalho muito e estou cansado!

Cris com um sorriso disfarçado, explicou que na verdade Representação Social é uma visão da psicologia e foi desenvolvida por um tal de Moscovici, que começou a ver que as pessoas se comunicam com signos não verbais o tempo todo. Assim, vemos no comercial, apenas signos e criamos a história.

– José, lembra do caso do banco e a pessoa chorando, depois mostra o anel? Isso é representação, os signos que vivenciamos na esfera social ou não.

– É...vai ser um desafio! Comenta Gilberto.

Cris observava os alunos debatendo e conversando sobre o assunto.

– Isso é como conta de subtrair não é mesmo? Pergunta Dona Maria.

– Como assim? Indagada, pergunta Cris.

– Você pensa na história que deseja e qual as imagens que quer... depois, separa a imagem mais representativa de cada cena, responde Dona Maria.

- Boa ideia dona Maria, vou até anotar para as próximas aulas. Então, alertou os alunos que ainda faltavam três fotos...
- Que tal um bilhete de despedida em cima da mesa e depois o rosto da esposa, sugeriu José Olímpio.
- E se invertermos o rosto da esposa chateada e colocarmos o rosto dele triste, junto com o bilhete de despedida e, na última foto a esposa abraçando-o, Fernando fala animado.
- Que legal! Perceberam que com apenas quatro fotografias contamos a história de Pedro que foi demitido e teve que contar para sua esposa. Disse a professora.
- Verdade professora! Na prática, não parece tão difícil assim... replicou Gilberto.

A diretora bateu na porta e abriu-a. Percebeu que os alunos estavam descontraídos e sorrindo na aula de Matemática... considerou estranho, a ponto de esquecer a informação que iria passar. Inquieta, prefere de modo urgente, perguntar para professora se está tudo certo com os alunos, com a aula. Cris informou que estava realizando um vídeo com os alunos. A diretora apenas olhou para o quadro com a fórmula da porcentagem e ao mesmo tempo para os alunos... com olhar desconfiado a diretora saiu da sala.

O professor da UFPel já tinha informado que sempre que se anuncia mudança no sistema escolar, há desconfiança, pois o

normal em uma sala de aula é o professor falar e o aluno anotar, reproduzir. Pesquisas deste professor, apontam que muitas escolas permitem que o docente mantenha a aula bancária (docente passando o conhecimento falando, aluno sentado ouvindo) tudo contra o que defende as metodologias ativas. Esse tipo de aula, é baseado no sistema bancário denunciado por Freire. Quando você introduz algo novo a escola precisa de tempo para se acostumar com a ideia, pois muitas vezes essa ação não é entendida. No caso da produção de vídeo, existe a possibilidade de outros professores serem contra o seu uso em sala de aula, dizendo que esta ação não é “coisa” da educação, não é acadêmico e que só serve para perder tempo de estudos. Quem pensa assim só observa a parte tecnológica do fazer vídeo e não o seu potencial pedagógico e artístico.

Cris sabia que teria um desafio, porém queria tentar. Experimentar algo diferente, pois só assim a escola estaria em conformidade com o seu papel social que seria também contribuir para ressignificar o papel social de cada indivíduo, neste caso dos alunos.

– Antes de tirarem as fotografias vocês devem, primeiro, fazer decupagem. Certo? Disse Cris.

Os alunos olharam-se, desconfiadamente, sem entender a expressão de Cris...

Ela sabia que naquele momento, havia utilizado um significante que não fazia parte do vocabulário dos alunos, portanto, não lhes remetia a nenhum significado, sendo assim ela deveria fazer a significação para eles. Foi preciso explicar-lhes o que significava a expressão decupagem...

– Bem, decupagem nada mais é do que organizar o material de forma como vai ser gravado e a ordem dessa gravação. Primeiro grava o bilhete ou o rosto da esposa? Entendem? E no cinema podemos gravar fora de ordem, pois na edição iremos reorganizar o material gravado. Explicou Cris.

– Mas e a ordem? Pensa José Agripino.

Este recebe como resposta da professora que a gravação é feita fora de ordem e posteriormente, terá o processo de edição, que organizará todo o material. É levado em consideração a melhor hora da gravação em função do horário dos atores, da locação, da posição do sol e outros detalhes técnicos ou logísticos.

Dona Maria, aparentemente, parecia não ter entendido a explicação, porém Cris repete a informação, no entanto, utiliza outras palavras para ajudar na significação que é função docente com a sua didática. Cris então tenta melhorar a sua.

A professora sabia que a significação é o ato do professor ligar um significante (conceito, ideia, algo real, escrita) para o significado (imagem mental que o aluno tem das coisas), sendo

assim o professor é o responsável por ajudar o aluno a criar significação. Como o professor pode melhorar sua didática? Com tecnologia, com afetividade e principalmente compreender a realidade do aluno.

– Bem, disse Cris, na verdade, vocês devem primeiro escolher qual fotografia tirar para depois efetivar essa ação, não devem sair tirando fotografias desmedidamente...lembram do efeito *Kulechov*? Você tem que pensar como a pessoa vai entender o seu vídeo. A palavra decupagem é francesa e vem da ideia de recortar, separar... assim, antes de tirar as fotografias, vocês devem escolher qual foto tirar, para depois poder dar os cliques, entendem?

E a professora Dolores vai ajudar vocês nessa escolha, já que ela é professora de língua portuguesa e trabalha com semiótica, poderá analisar se o recorte dos signos que vocês fizeram, vai fazer com que as pessoas compreendam o que vocês desejam.

Cris lembrou as palavras do Professor da UFPel:

Não se preocupe com qual plano/enquadramento serão realizadas as fotografias, neste momento o mais importante é treinarem essa ação, que é pensar em uma imagem para contar a história.

Parece algo simples, mas os alunos têm mania de somente verbalizar essa ação ao invés de buscarem meios para a

própria “imagem falar”, no entanto, consideram importante a decupagem, pois pensam nas imagens que vão gravar e depois pensam a ordem que vão gravar essas imagens.

Há uma interação entre os alunos, eles debatem, discutem para a realização dessa ação.

Um aluno faz pose para os demais escolherem qual consideram melhor, enfim estão criando um signo que vai ser decodificado por quem assistir. Estão criando uma representação social com base no seu histórico de vida social e familiar.

Cris considerou interessante as explicações do Professor, ao mesmo tempo que acreditava ser um trabalho divertido... assim, deu continuidade à aula e suas explicações para os alunos, dizendo-lhes:

-Bem, cada grupo deve ter no máximo cinco fotografias, por isso, devem escolher bem quais deverão usar. Precisamos pensar no tempo de exposição de cada imagem, pois se colocarmos 5 segundos em cada imagem, quantos minutos teremos com 5 e com 10 fotografias? Quantos segundos teríamos no final?

Dona Maria, a mais animada do grupo, com um sorriso irônico, respondeu à Cris:

-Faz uma regra de três para resolver isso, não é mesmo professora?

Cris concordou com Dona Maria e convida os alunos para resolver a questão, expressando o pensamento matemático.

Cris sorriu ao perceber a evolução dos alunos que, normalmente, faziam a decupagem, pensando em qual fotografia seria a mais importante e como retratá-la. Ela percebeu que o primeiro pensamento foi o matemático, a medida em que os alunos pensam primeiro na imagem para depois na ordem que vão gravar. Qual a importância de cada imagem e como escolher qual vai ser a primeira? Prioridade e relevância, devem ser levados em consideração.

Cris foi conduzindo a aula para o final, dizendo-lhes:

– Agora vocês deverão conversar com as professoras Suzana e Dolores para saber a opinião delas sobre as imagens que escolheram... se realmente elas estão narrando a história criada por vocês. Assim, na próxima aula, vocês deverão gravar as imagens, podem trazer o celular para tirar as fotografias.

Todos se animaram e Cris saiu da sala de aula com alegria, com a certeza que aquela produção de vídeo, além de interessante, também poderia ser repensada, ampliada e qualificada pela escola. Se, em vez de feito somente na aula que leciona, fosse também feito um projeto em turno inverso, para que outros alunos também pudessem participar... seria perfeito. Debater a

vida e o mundo, esse seria o conteúdo da produção de vídeo estudantil.

No final da aula Cris se dirigiu até a direção da escola para saber se a diretora havia compreendido sobre o processo e o objetivo da construção do vídeo. Também para analisar se esse projeto estaria de acordo com o que a Secretaria Municipal de Educação orientou dentro das novas diretrizes curriculares em conformidade com a BNCC. Afinal estavam trabalhando as tecnologias digitais de informação e comunicação dentro das competências gerais defendidas pela base nacional comum curricular. Cris lembrou que na cidade de Pelotas, estado do Rio Grande do Sul, a UFPel oferecia o curso de Mestrado em Educação Matemática e que uma das linhas de pesquisa era em tecnologia, incentivando os professores de Matemática a produzir vídeos com os alunos, claro, dentro de suas realidades. A diretora, com olhar desconfiado, pediu para Cris procurar o Mestrado (para a escola ter mais informações sobre o caso e ter um respaldo acadêmico). A diretora da escola, aparentemente, estava tomada de incertezas e perguntou à Cris:

- Será que a “produção de vídeo na escola” tem base acadêmica? Porque não quero que depois, pessoas da comunidade escolar, pais ou até mesmo professores, venham

argumentar que, ao invés de dar aula, os professores ficam perdendo tempo, produzindo vídeos.

- Pode deixar diretora, respondeu Cris, pesquisei e constatei que tem teses, dissertações, livros e pesquisas sobre a produção de vídeo com os alunos nas escolas. Tem até um congresso.

– Congresso? Perguntou a diretora da escola.

– Sim, um congresso sobre produção de vídeo nas escolas, não é legal? Respondeu Cris.

Depois de uma breve pausa a diretora deseja uma informação:

– É... parece ser importante, respondeu a diretora, ainda desconfiada sobre o assunto em pauta. No entanto acrescentou:

- Bem Cris, faça a pesquisa e depois, conversamos sobre o assunto.

...

No dia seguinte, Cris foi a Universidade Federal de Pelotas e no curso de Pós-graduação em Educação Matemática conversou com a professora Rozane da Silveira Alves que explicou como funcionava o curso de Mestrado e os cursos de extensão específicos para professores. Cris se animou e pediu para se cadastrar e conhecer a [Rede Colabora](http://www.redecolabora.edu.br)<sup>19</sup>, que oferece cursos de

---

<sup>19</sup>[WWW.redecolabora.edu.br](http://www.redecolabora.edu.br)

extensão e vídeo aulas, gratuitos aos professores e é coordenada pela professora Rozane.

Esse deveria ser o papel da Universidade pública, pensou Cris, ajudar os professores com as pesquisas que realizam.

Ela efetuou o cadastro, ficando muito contente. Agora, além do site do professor Josias Pereira poderia contar também com a professora Rozane da Silveira Alves e a Rede Colaboradora para dar suporte à realização de vídeo com seus alunos.

...

Em casa Cris, vai para o quarto levando seu chimarrão. No site, da Rede Colaboradora, Cris assistiu várias videoaulas, enquanto tomava o seu chimarrão. Percebeu que a parte técnica, da produção de vídeos, era simples como o professor da UFPel havia comentado. No entanto, faltava compreender a ação pedagógica. Cris assistiu a uma videoaula da Rede Colabora, sobre o Gimp, um programa que possibilita a edição e criação de imagens. Este programa é livre e pode ser utilizado tanto nos programas *Windows* como no *Linux* nas fotografias que os alunos iriam tirar.

Foi um dia cheio. Cris seguia pensando no convite feito pela professora Rozane Alves, em fazer a prova para o Mestrado em Educação Matemática, na linha de Tecnologia e, também,

participar do Congresso Brasileiro de vídeo Estudantil. Na verdade, Cris nunca havia pensado na possibilidade de se tornar mestre. Mas, de repente, com o trabalho de produção de vídeo que estava realizando com seus alunos, percebeu que poderia ir além. Pois observou a empolgação e satisfação dos seus alunos, e assim, cada vez mais ela tinha prazer na realização do mesmo. Então pensou, que este trabalho poderia servir de base para sua pesquisa em um curso de Pós-Graduação.

Cris reconhecia que para sua realidade familiar onde o pai era pedreiro e a mãe dona de casa e ex-lavadeira, se tornar mestre estudando em uma Universidade Pública seria um sonho, e pensava:

- Será possível?

Sorriu e em devaneio deixava seus pensamentos viajarem para a terra do sonho, que na verdade, namora com o mundo do roteiro. Cris se imaginava no mestrado pesquisando sobre produção de vídeo estudantil na área de Matemática. Imagina debater com o professor Ubiratan D'Ambrosio sobre essa ação? Participar de congressos, como o Ebrapem (Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática) e debater com o professor Marcelo Borba sobre produção de vídeo estudantil de matemática e escrever sobre metodologia ativa e produção de vídeo como defende o professor Josias Pereira.

Nessa hora caro leitor, o limite é não querer dar lógica ao sonho, mas aceitar suas loucuras poéticas. Afinal o sonho alimenta a vida.

...

Após um breve cochilo, Cris acorda e depois de rir das lembranças do sonho que teve, continua sua pesquisa. Cris assistiu a um outro vídeo do *site* produção de vídeo nas escolas que abordava sobre a importância de o professor ter um diário de bordo, que contribuiria na hora de escrever um texto acadêmico e também de perceber as dificuldades dos alunos. Seria o guia do professor. Cris gostou da ideia. Pegou um caderno pequeno, novinho, que tinha guardado e adotou como seu diário de campo, anotando o que assistiu e o que vivenciou entre seus alunos na última aula, para não esquecer.

O professor da UFPel, no vídeo que Cris assistia, comentava sobre a importância de registrar, ou seja, fotografar os alunos durante as atividades da sala de aula e da própria produção de vídeo. Esse material, poderia ser utilizado na escrita de um artigo, para a participação do congresso de vídeo estudantil (CBPE). Cris percebeu que seu diário de campo iria servir, não somente para registrar os acontecimentos em sala de aula, mas também contribuir com sua produção escrita.

Ao desviar seu olhar para a estante da sala, Cris percebeu a fotografia dela e do pai... Ficou imaginando que seus pais, diante da realidade que viviam, nunca haviam pensado na possibilidade de terem uma filha que cursasse uma faculdade e, num futuro próximo, quem sabe, mestrado. Cris saiu do devaneio de seus pensamentos e voltou à realidade... assistiu outro vídeo. Novamente seu olhar desvia-se para outras fotografias que estavam em sua estante, quando o olhar encontra a imagem dela, aos cinco anos de idade, ao lado de seu pai, em meio a materiais de construção, que seu pai, pedreiro, estava utilizando para construir a casa onde moram. Ele como pedreiro, construiu a casa em que moravam, muitas vezes sozinho por amor a família. É... pensou Cris, tempo de muito sacrifício. Na sequência de seus pensamentos, acreditava que se continuasse seus estudos, ingressando no mestrado, além de dar um presente merecido aos seus pais, também poderia incentivar seus primos a estudarem, acreditando no estudo como potencializador de vida e de esperança.

Cris ficou empolgada e assistiu outro vídeo. Neste, analisou a relação entre o Capital Cultural e a produção de vídeo. Percebeu que segundo Bourdieu, o Capital Cultural trata sobre o mundo cultural do aluno e que esse universo é também de signos, conseqüentemente, este aluno irá reproduzir nos seus vídeos, o

Capital Cultural existente no seu universo. Neste vídeo também, o professor da UFPel dava exemplo do TCC de uma aluna do curso de Cinema e Audiovisual, [Kelly Demo Christ](#)<sup>20</sup> que pesquisou a relação entre o Capital Cultural do aluno e os vídeos que são produzidos por eles. Assim o professor pode compreender também um pouco do universo simbólico do aluno. Cris anotou todas as informações. Já percebia no *Pitching* (fala dos alunos), em sala de aula, que havia alguns deles com problemas ou fragilidades pessoais e que, no entanto, iriam utilizar o vídeo para falar e quem sabe minimizar seus problemas.

Em outro vídeo o professor da UFPel informava que depois do roteiro, o professor podia escolher entre um videofoto ou videonarração e que a diferença era sutil, dependendo de como a turma estaria preparada tecnicamente. De acordo com o professor a videofoto seria o mais simples, pois o professor iria tirar fotografias com os alunos e em seguida fazer uma narração sobre a história do filme.

Cris, neste momento, lembrou que seria algo semelhante ao *PowerPoint*. Ela então percebeu que realmente a videofoto

---

<sup>20</sup>[https://www.dropbox.com/sh/rvjp71ttmxqcn3n/AACB6VenOBMuO-OBu70GRYzZa/UFPel\\_TCC\\_CinemaAudiovisual\\_2015-2\\_Kelly\\_Christ.pdf?dl=0](https://www.dropbox.com/sh/rvjp71ttmxqcn3n/AACB6VenOBMuO-OBu70GRYzZa/UFPel_TCC_CinemaAudiovisual_2015-2_Kelly_Christ.pdf?dl=0)

parecia ser simples, então, resolveu assistir a videofoto “O Erro”<sup>21</sup> e depois a videofoto “Operação Camisinha”<sup>22</sup>.

O professor da UFPel explicava que a videonarração era um pouco mais complexa, pois o aluno, ao invés de tirar uma série de fotos, deveria gravar um vídeo. O vídeo gravado seria narrado com um áudio. Percebeu então, que o roteiro geralmente pode ser o mesmo, tanto para a videofoto, quanto para a videonarração.

No primeiro vídeo que Cris assistiu, O Erro<sup>23</sup>, os alunos o produziram apenas utilizando foto. Ela considerou interessante o que o grupo fez. Depois assistiu a outro vídeo, com a mesma história, porém produzido com vídeo. Assim ela pode comparar a videofoto com a videonarração.

-Que coisa legal, assim fica bem prático para gente entender. Será que eles fazem isso com base na Neurociência? Pensou Cris, que gostou do vídeo feito de duas maneiras diferentes. Ela anotou todos os detalhes que assistiu. Planejando suas ações para a sala de aula e organizou-as da seguinte forma:

---

<sup>21</sup><https://www.youtube.com/watch?v=S7d-iMraS6w>

<sup>22</sup>[https://www.youtube.com/watch?v=4FDb\\_FsPGG8](https://www.youtube.com/watch?v=4FDb_FsPGG8)

<sup>23</sup><https://www.youtube.com/watch?v=PePA1715b3s>

- Primeiro os alunos vão produzir a videofoto para experimentar a parte técnica e, posteriormente, passarão para a videonarração.

A terra continua a sua rotação, o que faz os ponteiros do relógio se moverem anunciando a chegada da madrugada. A glândula pineal de Cris reclamou da falta de luz e liberou hormônios que deixaram Cris sonolenta, sonhando com o seu mestrado...

.....

No dia seguinte, Cris chegou cedo à escola, procurando a diretora para passar-lhe as novidades, do que havia assistido e se informado... Disse-lhe que além do suporte da Prefeitura Municipal para o festival, existia um Congresso Sobre Produção de Vídeo Estudantil na cidade e que o curso de Pós-Graduação em Educação Matemática e o curso de Cinema e Audiovisual da UFPel poderiam ajudar a escola com oficinas e também com informações e suporte sobre utilização de *softwares* gratuitos e com APPs. A diretora ficou animada.

Cris foi ao encontro da professora Suzana que iria lecionar em sua turma e pediu-lhe que, junto com os alunos, criasse o roteiro para o vídeo.

Suzana disse a Cris:

- Abri o *link* da página da UFPel e assisti uma animação com uma narração. Anotei até o nome do narrador: Vagner Vargas, que voz linda!

- A narração é de Vagner Vargas sim. Às vezes a gente confunde essas ações, não é mesmo? Só pensamos em quem está à frente da tela e esquecemos quem está por trás, toda a equipe técnica. Cris explica à amiga.

- Verdade, nunca pensamos nisso. Concorda Suzana.

- Sim, por isso vou falar sobre a importante equipe técnica para os alunos. Informa Cris e continua.

- E não esqueça de ensinar para eles comunicação não verbal e analisar o roteiro deles. Na verdade, as imagens que eles vão gravar já são um roteiro, uma narração, só que, com imagens.

– Pode deixar Cris... só quero ver onde posso encaixar o meu conteúdo. Vou apresentar personagens que usam mais a linguagem não verbal, do que a linguagem verbal e tentar fazer um paralelo. Fazer vídeo é legal, mas encaixar o conteúdo da disciplina não é fácil!

Cris se lembra do vídeo do professor da UFPel que fala justamente sobre essa dificuldade de conciliar o conteúdo da disciplina com a produção de vídeo. Ele debate que a produção de vídeo estudantil deveria ser feita fora da disciplina em um turno inverso o que iria diminuir o trabalho do professor.

Dolores chegou e foi falar com Cris e Suzana, dizendo:

– Meninas aquela turma da EJA... está bombando!

Cris e Suzana riram, pois Dolores sempre foi muito formal e falar *bombando* se tornava engraçado... e Cris, buscando sanar sua curiosidade, perguntou:

– O que aconteceu?

E Dolores tentando diminuir sua animação continuou...

– Me apresentaram o roteiro deles, estavam preocupados com a narrativa e queriam saber como narrar com poucas imagens. Fiquei feliz com a solução que encontraram. Hoje falei até de pós-narrativa, já que um roteiro tinha essa possibilidade. Nossa! Estou admirada com aquele grupo. Até o Fernando, que só queria saber de brincar, não copiava e nem fazia nada em aula, já está fazendo anotações.

Cris ficou animada e disse:

– Na aula, depois do intervalo, vou ver o que eles organizaram. Essa solução de ficarmos nós três fazendo vídeo, foi legal. Assim, podemos assistir e debater a discussão deles e o desenvolvimento também.

Suzana concorda com a amiga:

– Isso é verdade.

Cris pegou o chimarrão e anunciou:

– Meninas estive na UFPel e descobri que tem um Mestrado em Educação Matemática e a linha de pesquisa é sobre Tecnologia. Dolores e Suzana se animam com a ideia.

O sino bate e indica que a terra continuou girando realizando o seu trabalho diário de fazer o tempo avançar. Ministrando aula para outra turma (que não está no trabalho de produção de vídeo), Cris ficava imaginando como seria o trabalho com os alunos da EJA e pensava:

- Porque não fazer vídeo com esta outra turma também?

Mas ao mesmo tempo, lembrava que o professor da UFPel comentava que o mais importante é que o docente possa trabalhar com oficinas, as quais ocorrem em turno inverso ou na própria sala de aula. Para o docente a oficina é livre e pode fazer convite aos alunos. Já na turma o docente deve se organizar melhor. Se recomenda que o docente, fique apenas com uma turma, para poder se organizar e compreender o processo pedagógico por trás da produção de vídeo, que não é apenas técnico, mas artístico.

O docente tem um papel fundamental, dentro da produção de vídeo, que é a organização do grupo em todas as etapas do filme, que segundo o referido professor é:

1º	<b>Organização da turma</b>	Para o docente se organizar com a turma
2º	<b>Roteiro</b>	Contar uma história com início, meio e fim – <i>Pitching</i>
3º	<b>Pré-Produção</b>	Organizar o equipamento, encontrar um espaço para gravação e atores do curta
4º	<b>Produção (gravação)</b>	4.1º - Contar uma história com cinco fotos
		4.2º - Contar a mesma história com 15 fotos
		4.3º - Aproveitar a mesma história com 15 fotos colocar uma música e uma narração
		4.4º - Aproveitar a mesma história e gravar (em vez de foto, com vídeo) com uma música e com narração
5º	<b>Finalização</b>	Editar o material em programa de edição

O relógio anunciava que se aproximava o horário que Cris havia destacado para conversar com os alunos da EJA. Ela pensava:

- Será que a Neurociência trás de forma clara, uma abordagem sobre o sentido de aprender com emoção?

Cris foi animada para a sala de aula com os alunos... quando entrou, encontrou os alunos conversando em seus lugares em tom baixo e observou que houve uma mudança no comportamento deles. Os alunos ficaram alegres ao perceberem a chegada de Cris, que perguntou de imediato:

– Então... vocês estão prontos para a gravação?

Os alunos animados, responderam que já estavam organizados...

– Só vou explicar como gravar, diz Cris.

Penélope achou estranho e respondeu:

– Professora, sabemos gravar, não precisa nos ensinar!

– Certo Penélope! Gravas com o celular na vertical ou horizontal?

– Na vertical, é claro Professora! Assim apareço todinha e linda... (risos).

Os alunos riram da colocação de Penélope.

Cris orientou-lhes:

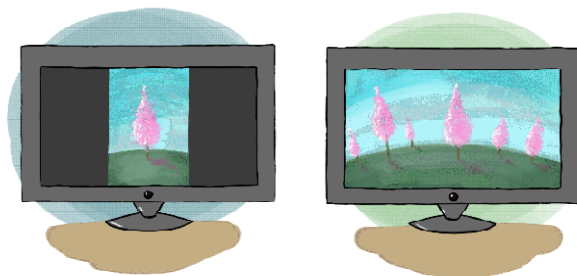
– Bem, o mais correto é gravar com o celular na horizontal, pois a imagem na vertical não fica bem, tanto no computador quanto na televisão. Ela deve ser na horizontal para caber no



espaço da televisão ou tela do celular, entenderam?

– E isso é matemática? Indaga José Olímpio.

Cris sorri e diz que sim, pois na horizontal a imagem depois é esticada na proporção da tela da TV que é 16:9 e quando se grava na vertical se perde essa proporção e então não tem como colocar a imagem na tela toda!



A explicação de Cris criou muita confusão entre os alunos, principalmente para Penélope que questionou:

– Não entendi! Essa informação é nova?

– Já havia pensado sobre isso professora, só não sabia o motivo. Respondeu Fernando olhando o seu celular.

Cris deu outra informação aos alunos:

– Outra coisa importante é sobre a temperatura, pois é preciso regular a câmera para saber qual a temperatura certa...

- Mas hoje está quente professora! Anuncia José Olímpio.

Cris sorriu e lembrou que não estava contribuindo com os alunos na sua significação, então refez a sua fala, modificando a significação para que a mesma tivesse mais sentido para os alunos construírem ou adaptarem o significado certo.

Cris continuou sua explicação:

- A câmera tem regulagem de temperatura, não de clima quente ou frio, mas qual a temperatura em termos de *Kelvin* (medida de temperatura da “cor”) para gravar, ou seja, existe uma temperatura média e a quente é a do sol que é azulada, acima de 5600*Kelvin* e existe a baixa em média 3200 *Kelvin* que é de luz incandescente.

Dona Maria se desesperou já largando o seu celular, dizendo:

– Ai meu Deus! Pensei que ia ser fácil!

Cris tentou arrumar a confusão que havia criado com aquela informação e percebeu que a mesma não foi bem assimilada pelos alunos. Assim, explicou um pouco mais:

–Bem, é fácil, tem sempre o botão automático que regula sozinho. Mas é assim, antes de tirar a fotografia, devemos acessar o ícone configurações e ver se está no automático ... ali tem a temperatura que é luz do sol, luz de casa, luz fluorescente. O botão pode ficar também no automático. Se inverter a fotografia fica azulada, avermelhada ou esverdeada. Por isso,

façam um teste antes. É simples. Na dúvida é só colocar no automático. Entenderam?

Dona Maria olhou para o celular com um ar de mais intimidade...

Cris continuou com as informações aos alunos:

- Bem, a professora Dolores disse que está tudo certo. Então podem tirar as fotografias, vou ficar somente observando... então, são apenas cinco fotos. Sugiro que podem tirar cópia da mesma foto, como por exemplo: foto 1, pode tirar umas três vezes e depois ver qual imagem que ficou melhor. Entenderam?

- Vai ser legal fazermos isso... diz Dona Maria com o celular em uma das mãos e os óculos na outra.

Cris acrescentou:

– Lembrando que o cartão de memória de vocês deve ter espaço para gravação da foto. Por isso, devem analisar se tem espaço, pois se vocês colocam muita coisa no cartão, não haverá espaço. Outra coisa importante, o celular tira foto de melhor qualidade na parte traseira, pois na parte da frente geralmente tem uma qualidade menor, alguns celulares já estão com qualidade de foto melhor na gente então só ver na internet o seu modelo de celular e quanto megapixels tem. Vocês devem regular o celular para a máxima qualidade da fotografia.

Dona Maria acrescentou:

–Nossa, quanto detalhe para tirar uma fotografia!

Cris prosseguiu, dizendo:

- Sabem que dá para fazermos uma fórmula, para saber quantas fotografias cabem no cartão de memória?

Fernando respondeu:

– Para que isso professora? Lá vem a senhora com a Matemática...

– Gente calma, disse Cris. Dependendo do tamanho do cartão de memória dá para armazenar mais ou menos fotografias.

– Isso é interessante saber professora, respondeu Fernando, compramos cartão com tamanho X ou Y e nem sabemos o motivo.

José Olímpio prosseguiu:

– Poderia explicar os detalhes professora?

Cris sorriu e percebeu o entusiasmo da turma. Prosseguiu com as explicações sobre o cartão de memória que é o responsável pela leitura do vídeo, ou seja, um processador fotossensível à luz vai criar a fotografia e salvar no cartão com um código binário de 0 e 1. A professora lembrou que geralmente é preferível guardar no cartão externo e não no interno que parece menor e pode sobrecarregar o sistema.

Fernando não entendeu e perguntou:

- Como assim, professora?

- Gente o *Smartphone*, na verdade, é um minicomputador que faz contas matemáticas para resolver as ações.

Como tem que fazer contas, se você colocar o vídeo no cartão interno do celular, ele fica lendo, formando a imagem e gravando, mas pode travar. Por isso, que o ideal seria gravar em um cartão externo, daí o cartão interno fica somente para a formação da imagem e leitura do *software*.

Fernando ficou atento às explicações da professora. Cris então, finalizou suas explicações:

- E o cartão tem duas coisas importantes: a primeira é a velocidade e a outra é o espaço. Cartão de 4gb, 8gb, 16gb, 32gb, 64gb, 128 gb, quanto maior o *gigabits*, maior a quantidade de imagens que o cartão suporta armazenar, no entanto, o custo fica um pouco mais elevado. É preciso ter cuidado, pois dependendo do modelo de celular, ele não lê cartões de 64gb e de 128gb

– Isso tem a ver com porcentagem não é mesmo? Questionou Fernando.

Cris concordou com Fernando e prosseguiu:

– Sim, através da porcentagem podemos calcular quantas fotografias ou vídeos cabem em um cartão de memória, de acordo com a capacidade de *gigabits*, quantos minutos de vídeos o cartão suporta, enfim, porcentagem o tempo todo.

Os alunos ficaram empolgados com a relação que Cris fez entre a produção de vídeo, a capacidade de leitura do cartão de memória do celular e o conteúdo de Matemática.

Cris está compactuando com as ideias de Freire, que anunciava que a escola deve propor uma educação que tenha relação com a realidade dos alunos. Nesse sentido, a conexão feita por Cris contribuiu para que os alunos, não somente entendessem suas explicações em relação ao armazenamento de imagens pelo cartão de memória do telefone, como também agregassem significado ao conteúdo de porcentagem, o que fez sentido para eles.

É claro que a Neurociência apenas confirma o que Freire já sabia: que a prática faz o conhecimento se tornar intrínseco.

Outro aluno perguntou a Cris sobre a velocidade do cartão que a professora tinha falado...

Então Cris completou:

-Gravar em *FullHD* significa que o cartão tem que ser de classe 10. Entendem?

Os alunos olham-se, com ar de incerteza... Fernando ainda ironizou a fala da professora, dizendo:

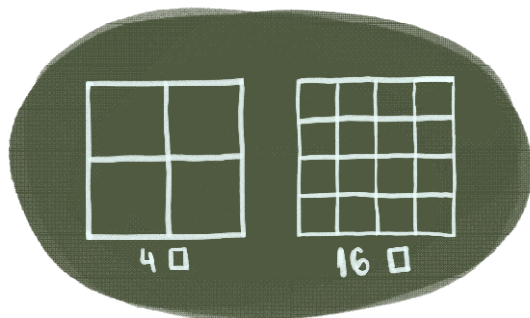
-Só viajo de classe 10!

Um riso coletivo tomou conta da sala de aula, inclusive da professora Cris, que pensava na importância daquele momento:

descontração nas aulas de Matemática! O desenvolvimento da aula nem parecia ser em uma sala de aula, tamanha a animação e entusiasmo dos alunos.

- Professora Classe 10 é menos que 5 estrelas? Fala Fernando animado.

Cris pensou em como poderia resolver a significação mal colocada que ela criou, como responder aquela questão tão técnica de modo simples? Ela foi até o quadro negro e fez um quadrado,



dentro do quadrado uma cruz. E perguntou quantos quadrados tinham... os alunos responderam que tinham quatro. Então ela faz outro quadrado com quatro linhas dentro do quadrado (na vertical e na horizontal) e perguntou quantas linhas tinham. Eles fizeram os cálculos e responderam que havia 16 linhas. Cris então explicou que o desenho que ela havia feito era como o sensor que faz a leitura da imagem e transforma em imagem/fotografia.

-O sensor faz primeiro a leitura do primeiro quadrado com 4 partes e forma uma imagem, a imagem não fica muito boa não é mesmo?

Os alunos responderam que, aparentemente, a imagem não estaria nítida, já que tinha apenas quatro partes para formar a imagem.

Cris então desenhou o sol na matriz de 16 quadradinhos e perguntou se ficava mais fácil de ver o sol. Todos disseram que sim. Então ela explicou que quando se tirar fotografia em baixa qualidade, significa que tem poucos quadrados para montar a imagem final e quando se faz essa ação em alta qualidade tem mais quadrados para montar a imagem. Um dos alunos, após as explicações de Cris, disse-lhe:

-É por isso que quando damos zoom na imagem do celular, às vezes, a imagem fica ruim, sem nitidez, pois está com baixa qualidade.

Outro aluno expressou que aqueles quadrados significavam gravar em alta ou baixa qualidade e se fossem em alta, iriam ocupar mais espaço no cartão, o que diminuiria a porcentagem de armazenamento que o cartão de memória suportaria.

Cris analisou as colocações dos alunos e depois, disse-lhes:

-Exatamente assim. Vocês estão com o raciocínio correto.

Outro aluno perguntou sobre o *Full HD*, pois não havia entendido muito bem a explicação da professora Cris. Uma menina respondeu que deveria ser igual a fotografia de baixa e alta qualidade, a diferença é que, ao invés de ser fotografia, seria um vídeo.

Cris ficou atenta às colocações dos alunos, anotando todos os detalhes para não perder as ideias, isso tudo registrado em seu diário de campo. Ela deixou o debate entre os alunos rolar, pois eles estavam assimilando o conhecimento com a sua realidade, como defendeu Freire e Piaget.

Contudo, Cris percebia que a cognição e o social faziam parte daquele momento que estava sendo vivenciado em sua sala de aula. Retomou Vigotsky, que defendia o uso da área primária e secundária e que de acordo com Pereira, 2016:

Vivemos mediados por signos o tempo todo e os internalizamos. Os signos são criados ou nomeados fora do homem, mas somos formados por questões sociais, obrigados a internalizá-los e como fazemos isso? Na primeira infância, com o auxílio da família, em outro momento com a religião e no final da infância com o auxílio da escola. Porém cada grupo que apresenta ou cria um signo trás nele, já imbuída sua carga psicologia. Não apresento um signo apenas, mas uma forma ideológica de ver e pensar o mundo. Esse é o problema e poder da arte de mostrar significações o tempo todo.

Segundo Vygotsky o signo age como um instrumento de atividade psicológica igual o instrumento no trabalho. Uso uma

faca para cortar o que a mão não consegue realizar, executar a tarefa. Já o signo auxilia nesta ação de mediador, porém pelo lado subjetivo. E se eu usar uma faca cega vai cortar? E se ensinar o signo errado o que provocarei no sujeito? Vou comunicar?

O signo é apenas um instrumento psicológico e ideológico. Depende como o sujeito internalizou a informação.

Cris considerou interessante as considerações do autor sustentadas por Vygotsky. Lembrou que na escrita de seu TCC, bebeu na fonte deste autor e de sua teoria. Recordou de uma frase dele que dizia:“(...)o significado da palavra é inconstante.”Agora Cris fazia um paralelo com as indagações de Pereira na produção de vídeo estudantil

O significado se modifica durante o desenvolvimento da criança e com os diferentes modos de funcionamento do pensamento. Por isso que o professor pode e deve modificar ou criar significações diferentes para o aluno. O signo é apenas um instrumento que usamos subjetivamente para compreender o mundo objetivamente. Como o aluno internaliza depende da didática (significação) do professor.

Cris, trazia as lembranças em seus pensamentos, pois compreendia com mais clareza o que já havia estudado na faculdade. Mas estava em sala de aula, enquanto os alunos

debatiam sobre o que envolvia a proposta da Produção de Vídeo, os pensamentos de Cris reorganizavam-se e buscavam elementos para potencializar o momento vivenciado por ela e pelos alunos em sala de aula.

Neste momento, ela foi interrompida por Dona Maria, que levantou um questionamento:

- Todas as aulas poderiam ser assim, não é mesmo professora?
- Assim como? Pergunta Cris.
- Assim professora, como as nossas últimas aulas, onde a gente pode participar mais, dando nossa opinião, questionando e entendendo o que estamos fazendo, as suas explicações fazem sentido para nós, compreende?

Cris sorriu e respondeu à Dona Maria:

-Compreendo sim! Obrigada.

Então alertou aos alunos:

- Não esqueçam de verificar se tem espaço no cartão de memória de seus celulares, antes de tirarem as fotografias, certo?

Fernando prontamente questionou:

- Isso tem a ver se a câmera que é de 2 megapixels e 5 megapixels também?

Cris respondeu-lhe:

- Sim a relação passa por isso, que seria o tamanho da imagem.

Fernando prosseguiu em seus questionamentos:

–A imagem surge dentro de um quadrado que é lido? É isso mesmo professora?

Cris respondeu:

– Como falei, a máquina fotográfica faz uma matriz de linhas e colunas e então faz a leitura da imagem dentro de cada quadrante.

-Professora estou quase achando que tudo é matemática!

Contra argumentou Fernando.

Então Cris respondeu-lhe:

– O mundo é repleto de Matemática em tudo o que vemos. Sua fala Fernando, é de um teórico que eu amo, que se chama professor Ubiratam D’Ambrosio.

– Que legal Professora! Então estou pensando igual a um teórico. Respondeu Fernando sorrindo.

O riso mais uma vez tomou conta dos alunos, inclusive de Cris, que continuou suas orientações e questionamentos:

– Antes de começarem a gravar quero saber como foi o dever de casa... fizeram?

Todos entregaram para Cris um relatório para ela analisar. Ela percebeu que o dever de casa não havia sido decorado, mas entendido pelos alunos, sendo que alguns até comentaram que

conversaram com os pais e ensinaram-lhes como poderiam fazer para economizarem a bateria do celular.

Cris viu que a aluna Eleonora estava entregando a tarefa, algo inédito. Mesmo sabendo que a aluna era irreverente, arriscou-se a perguntar-lhe sobre a tarefa:

- Então Eleonora gostou de fazer esse trabalho?

Surpreendentemente Eleonora respondeu à Cris:

– Esse trabalho foi “massa” professora! Minha mãe vive sem bateria no celular, pois deixa a internet ligada mesmo quando não tem sinal e isso acabava com a bateria dela. Ensinei a ela como economizar. Agora está feliz! Ensinei-lhe a diminuir o brilho do visor e fiz ela usar os óculos...(risos). Também expliquei que pode aumentar a letra do celular, indo em acessibilidade. Professora como é bom conhecer e saber das coisas!

Cris sorriu e disse que o tamanho da letra também tem ligação com porcentagem.

– Verdade professora! Rebate Eleonora. Ensinei porcentagem para minha mãe, ela gostou tanto que irá fazer esses cálculos de porcentagem, para medir os ingredientes dos bolos que faz para vender.

Fernando de longe anunciou:

- Professora os bolos feitos pela mãe da Eleonora, são os melhores bolos da cidade! O melhor bolo de milho verde e de fubá que já provei. Que delícia!

- Então um dia vou querer provar o bolo de milho verde, respondeu Cris, com ar sorridente.

A professora observava a movimentação dos alunos e pensava que a escola deveria ser assim, sempre um espaço de aprendizado verdadeiro para vida e não apenas decorar alguns números ou fórmulas para realizar uma prova. Ela lembrou Ubiratam D'Ambrosio, que comentava que a Matemática é vista pela maioria dos alunos como um espaço de decoreba e não um espaço de aprendizado do mundo. Isso é triste, pensou Cris, será este um dos motivos para a alta evasão escolar, na disciplina de Matemática?

A aula continuou.

Cris recomendou aos alunos:

-Bem, vocês podem tirar as fotografias e na próxima aula vou ensinar a editar... poderão fazer com calma.

– E se nós não entendermos a aula professora? Fala Fernando, preocupado com essa tal edição.

– Tem a videoaula que já comentei... vocês podem assistir na aula da professora Suzana para reforçar. Lá encontrarão suporte técnico de como editar, como instalar... aliás, tem tudo! Vou

ensinar apenas o básico para que vocês possam qualificar as imagens que fotografarem.

Fernando indagou a professora se teria um APP para eles sobre essa tal edição de vídeo, já que ele não tem computador. Cris sorriu e lembrou do APP lançado pelo professor da UFPel.

- Gente tem um [APP sobre produção de vídeo estudantil](#) bem legal com todas as informações e dicas, vou mandar no nosso grupo do *WhatsApp* o *link*, ok?

- Legal!!! Sorri Fernando.

Dona Maria pesquisa no seu celular e já tenta instalar o APP. Cris olha para ela com olhar fraterno e sorri.

– E quem não tem computador em casa, pode editar na escola? Perguntou Penélope.

– Sim Penélope, respondeu Cris. Já irei avisar a diretora.

A professora lembrou os alunos que antes deles começarem a gravar, deveriam tirar fotografias em seus celulares, em baixa e alta qualidade, para que pudessem perceber bem a diferença de tamanho das imagens.

Uma das alunas perguntou:

- Como iremos ver isso?

Fernando então responde:

- Geralmente, acima da fotografia, tem um ícone que você pode visualizar os detalhes da imagem e lá tem o tamanho dela, então você poderá perceber se está em baixa ou alta qualidade.

A professora pediu para anotarem as explicações dos colegas. Também percebeu que os alunos estavam aprendendo a fazer pesquisa, anotando e comparando detalhes, citações de autores, questionando e debatendo entre si. O rumo e a rotina das suas aulas de Matemática haviam se transformado em um diálogo reflexivo sobre a prática.

Cris também fazia muitas anotações das ações e diálogos dos alunos. Ela pediu para que os alunos verificassem qual seria o melhor celular para gravar o vídeo e tirar as fotografias.

No final da aula, os alunos tiraram fotos com o celular da cena da história que eles haviam criado. Cris entendeu que um aluno ajudava o outro, um contribuía com o outro, para que no final, o filme fosse interessante. Essa cooperação entre os alunos, sentida e percebida por Cris, era algo rico de significado, tendo em vista que a escola trabalhava muito mais em torno de competição do que cooperação e pensou: será que essa ação não contribui para outro ponto de vista? Cooperação não seria um caminho em que todos se educam e compartilham?

Depois das gravações Cris pediu para todos os alunos se organizarem para fazer a edição na semana seguinte, sem

esquecerem de fazerem uma cópia para a biblioteca, antes de irem para casa.

– Porque uma cópia para a biblioteca? Perguntou Penélope.

– Se por acaso, perderem ou danificarem o material, teremos uma cópia aqui na escola e lá tem o laboratório de informática, respondeu Cris.

– Bem pensado! Penélope concordou com a professora.

Cris, naquele momento, lembrou das falas do professor da UFPel sobre como a produção de vídeo pode ajudar a “criar iguais” no processo de aprendizagem e não apenas um que sabe e o outro que aprende. Segundo o professor “educar com prazer contribui no processo de aprendizado, pois o prazer seria o amalgama a ligação entre o lógico e o lúdico.”

Cris olhou para Eleonora que era uma aluna considerada “problemática”, pelos professores e colegas, e percebeu que nas aulas de Matemática com enfoque na produção de vídeo, ela estava empolgada, participativa e interessada. Cris estranhou este comportamento, será que ela está assim porque está aprendendo algo que faz sentido para ela? E essa ação gera prazer o que consolida o aprendizado. Quantas ideias pensava nossa professora.

Em casa Cris aprendeu a fazer a edição de vídeos, assistindo a uma videoaula da Rede Colabora da UFPel. Cris constatou que era fácil usar o programa como professor havia comentado. Isso porque, o programa é técnico e as ações se repetem sempre. Cris percebeu que o mais difícil é a criação, e nisso os alunos eram craques, sabiam criar histórias maravilhosas. Assim a tarefa do docente era de apenas organizar o trabalho.

Cris anotou bem a fala do professor quando dizia que: “**o vídeo é o meio, não o fim**, ou seja, o processo de criação é o que importa e não apenas o vídeo como produto final. Os alunos aprendem enquanto processo.”

Qual seria esse processo? Pensava Cris... Que interessante, não é o vídeo que tem que ser bonito, ou interessante, mas o processo dos alunos fazerem o vídeo que é interessante. O caminho que faz o aluno aprender sendo ativo no seu processo educacional, nossa a produção de vídeo é uma metodologia ativa, ela faz o aluno sair da posição de passividade e ser ativo. Que coisa legal! Pensava nossa personagem.

Então percebeu que na própria divisão da turma em grupos e nas funções individuais e coletivas já existe o processo educacional.

Cris sorriu de si mesma e percebeu que a alegria é do conhecimento. No diário de campo Cris registrou a palavra

“felicidade”, pois ela também estava se sentindo feliz. Sim, ela sabia que deveria dar continuidade ao conteúdo da turma e pensava como encaixar a produção de vídeo naquela ação.

...

No dia seguinte Cris chegou cedo à escola, pois preferiu dar uma rápida olhada no laboratório e ver se estava tudo organizado. Queria deixar os alunos seguros, tirando-lhes as dúvidas que pudessem surgir. Aproveitou para lembrar-lhes também o uso do programa de edição o *MovieMaker*, o *Filmora*, o *Movavi* e o *Kdenlive*.

Cris pediu para usar a sala de informática. Testou o equipamento. A pessoa responsável pelo laboratório perguntou-lhe:

-Professora, qual programa de Matemática será utilizado?

Cris informou que seria um programa de vídeo. A funcionária da escola, responsável pelo laboratório de informática, olhou para Cris, retratando, em silêncio, seu pensamento: - A professora não vai dar aula, mas enrolar os alunos com programas de vídeo.

Cris percebeu aquele olhar de reprovação e ironia. Sorriu e saiu da sala. Parou no meio do caminho e voltou. Parou na porta do laboratório e perguntou à funcionária?

– Sabe como uma imagem é formada na câmera do celular?

- Não. Respondeu-lhe a funcionária.
- Por meio de uma matriz que costuma ter de um milhão a 10 milhões de pontos dependendo do *megapixel* do seu celular.
- Nossa! Com espanto responde à Cris, que prossegue em seus questionamentos e respostas:
  - A frequência da cor é uma parábola que é medida em *Kelvin*, você sabia?

A funcionária, ainda espantada com as colocações de Cris, sem entender muito bem, silencia, mas fica atenta às suas explicações. E Cris continuava:

- Um vídeo, por exemplo, são 30 quadros por segundo para formar um segundo de imagem, ou seja, posso fazer a formula  $x$  (minutos) =  $1/30$  para saber quantos quadros preciso para 5 minutos e 45 segundos por exemplo. E se eu gravar em 24 quadros por segundo como no cinema a formula é a mesma? Sem falar que a imagem utiliza um sensor a laser (*light amplification by stimulated emission of radiation*), ou seja, amplificação da luz por emissão estimulada de radiação, que faz a leitura da distância da câmera até o objeto. E é pela resposta de tempo que esse laser vai e volta que é calculada a distância, assim que o foco é feito no seu celular. Você sabia?
- Nossa quanta coisa! Responde a funcionária do laboratório de informática.

Cris sorri e responde:

– Não é quanta coisa querida, é quanta Matemática!

Respirou fundo. Foi à sala dos professores, a espera do sinal para entrada em aula. Repensou sua atitude, não sabe se agiu certa, se defendendo sem ser atacada.

Dolores tomava um chimarrão e percebeu que Cris estaria nervosa. Foi ao seu encontro. Cris contou-lhe o que havia acontecido no laboratório de informática, em relação a desconfiança explícita da funcionária da sala. Contou também à Dolores que havia notado que a funcionária não dominava a tecnologia, sequer sabia lidar com os computadores do laboratório de informática. O sinal anunciava que era hora de ir para a sala de aula. Dolores apenas abraça a amiga e diz que ela tem que ser forte, pois a novidade sempre passa por esse estágio do não conhecimento e se não conheço, deve ser ruim. Diz, também, que elas estavam fazendo história na escola e principalmente na vida dos alunos.

Cris foi ao laboratório e sabia que os alunos iriam gostar de fazer os exercícios. Os alunos chegaram e Cris já os esperava no laboratório. Primeiro a docente explica o básico, a partir da explicação no site da UFPel. Cris convidou os alunos a desenvolverem as ações na prática.

Cris explicou cada programa, o básico de edição de fotografia, para os alunos perceberem que não era difícil, pelo contrário, ela explicou que o mais difícil era, na verdade, perder o medo do novo. Explicou sobre os *Software* livre, que são programas como: *Audacity* que se usa para fazer o áudio dos vídeos, o *Gimp* que é um programa destinado a edição de imagens e o *Kdenlive* que é um programa que serve para edição de vídeo, mas este programa só pode ser usado em computadores com plataforma *Linux*. Os computadores que utilizam a plataforma *Windows* utilizam o programa para edição chamado *Movie Maker*. Já o *Filmora* e *Movavi* existem nas plataformas *Mac* e *Windows*. Suas explicações partiram das orientações que havia recebido e aprendido com a professora Rozane Alves, da Rede Colabora. Cris preferiu baixar algumas videoaulas para os alunos assistirem posteriormente, sendo que pretendia deixar os vídeos no laboratório, para o acesso deles. Acreditava que, depois dos alunos terem aprendido o básico, eles poderiam rever as videoaulas para refazerem os exercícios. Assim ficaria melhor para os alunos guardarem ou reforçarem as informações que haviam recebido. Alguns alunos preferiram editar no APP *FilmoraGo*.

Ela viu que os alunos pareciam crianças trocando as fotografias de lugar no processo de edição. Aprendeu que conforme trocava a foto de lugar, poderia interferir no que o filme iria contar, ou seja, na narrativa fílmica. Não é que aquele russo estava certo! Considerou interessante e anotou para poder fazer essa ação com os alunos. Aquela *práxis* de perceber a mudança que um plano faz na imagem, lembrava muito o efeito *Kulechov*.

Explicou-lhes que a dinâmica iria ser diferente, esclarecendo sobre o básico para a edição de fotografias, para que eles pudessem tirar suas dúvidas. Cris lembrou-lhes das palavras do professor da UFPel que "em tecnologia a melhor forma de não saber nada é querer saber tudo."

Então os alunos deveriam apenas repetir a ação do docente em outro momento, ampliando o conhecimento sobre o tema.

Cris pediu para os grupos sentarem próximos e prestarem atenção, ela estava mais ansiosa que os alunos. Na verdade, ela explicava que o editor de imagem é similar ao editor de um texto, em que você pode gravar fora de ordem e depois então colocar na ordem e quem faz isso é o processo de edição. Os alunos consideraram importante a informação de Cris e que poderia contribuir na gravação que eles fizeram, pois realmente haviam realizado fora da ordem, pois fizeram a decupagem como a

professora havia orientado, colocando as prioridades de espaço, atores, horários e iluminação em primeiro lugar.

Cris então mostrou-lhes que o editor de imagem repetia algumas ações, por isso, era importante aprender essas ações, que não iriam modificar:

- 1 – Importar;
- 2 – Escolher a entrada e a saída do que vai ser usado no filme;
- 3 – Colocar material na timeline;
- 4 – Editar.

-Depois não precisa mais importar o material, vocês vão somente escolher a entrada e a saída de cada vídeo ou, se for o caso de imagens, vocês vão perceber que cada uma já vem com o padrão de 5 segundos e que o editor pode ampliar esse tempo ou diminuir. É só isso. É interessante que vocês organizem o trabalho que foi gravado, por isso é importante ter a decupagem em mãos, para seguir o que foi feito e as modificações que aconteceram nas gravações. Reforçou Cris.

Em aula, Cris separou os grupos para usar o computador e pediu-lhes para respeitarem o passo a passo, pois, segundo ela, na tecnologia se não seguir o passo a passo, a pessoa pode se perder e não conseguir compreender o que está fazendo. Ela lembrou da fala do professor da UFPel, que afirmava que:

A pior coisa é abrir o programa, fazer mil coisas e depois não conseguir repetir o resultado, pois não sabe nem o que fez. Por isso o importante, é repetir o passo a passo desde o início para a memória corporal conseguir decorar as ações. Na verdade, a mente decora as ações graças ao *Priming*.

Depois de umas dez vezes, reforçando as mesmas ações, os neurônios começam a decorar essas ações e elas passam a ser automáticas, como dirigir um carro.

É uma ação física, ela tem início, com a parte do cérebro responsável pelo processamento do movimento, (mão no mouse) passa pela ação da memória visual, (lembrar onde é que vai clicar) usa a associação motora (qual movimento fazer), imagem mental para comparar o que vê e o que viu. Então fazer o clique no programa para mudar a fotografia. São várias ações mentais, até se decorar uma ação.

Ela ficou feliz de perceber que os alunos estavam realizando a tarefa. Cris sabia que essa parte mecânica de repetir a ação era importante para memória também. Enquanto eles se organizavam e faziam teste para a edição das fotografias, Cris percebeu que o exercício que tinha pedido, havia incentivado os alunos e que eles estavam realizando pesquisa sobre o tema. Ficou feliz.

Notou que os alunos estavam gostando de aprender, no entanto, pensou ela, a escola deveria repensar a forma de cobrar, destes alunos, o dever de casa. Além de ocupar o tempo dos alunos na

escola ainda levava para casa ações que eles não gostavam de fazer.

Enquanto a professora entrava em um devaneio, em seus pensamentos, os alunos editavam o vídeo de modo simples e rápido. Cris acompanhava o trabalho dos alunos, como cada um apresentava sua montagem e como desenvolviam suas ações. Ela sentia-se realizada e os alunos da EJA, aparentemente, também. Percebeu que essa parte técnica fazia sentido para os alunos. Os alunos acabaram a edição e ficaram felizes com o que estavam vendo.

Cris pensou que alguns de seus alunos tinham fotos desde a gestação, porém quantas vezes haviam visto estas fotos? Lembrou que sua avó tinha poucas fotos, mas sempre que as via, relembrava dos momentos em que aqueles registros haviam sido realizados. Hoje não fazemos isso.

Será que vivemos um excesso de coisas? Nunca temos tempo para curtir estamos sempre fazendo coisas, tomara que essa nova geração aproveite também para curtir um pouco e não apenas fazer. Somos escravos modernos só não apanhamos com chicotes, mas estamos sempre vivendo no corre-corre sem as vezes ter prazer. Pensava Cris.

– Bem, na próxima aula com a professora Suzana, vocês deverão gravar a mesma história, com 15 fotografias.

Todos ficaram animados e Cris continuou:

- Percebam que a dificuldade vai ser maior, hoje conseguiram contar a história com apenas cinco fotografias... na próxima aula deverão realizar essa ação com 15 fotografias.

– Nossa professora! Que sacanagem! Reclamou, José Olímpio. Cris sorriu e explicou que isso era para pensar na narrativa e que tratava-se de uma ação pedagógica.

Dona Maria completou:

– Acredito que vai ser melhor professora. Acredito que a minha história precisava de mais tempo para narrativa.

– Para que isso? Rebateu Eleonora, revoltada com a ação.

– Na verdade, a ideia é essa mesma, forçar vocês a pensarem sobre narrativa. Assim, vocês treinam a edição e percebem a importância do que narrar e como narrar. Outro ponto importante é pensar onde podemos colocar mais imagens, onde e como fazer isso. Assim vocês podem pensar e criar narrativas e dentro delas escolherem a representação social vigente que desejam passar, afirmou Cris.

Eleonora olhou para Cris sem entender e Penélope interrompeu o silêncio da sala:

- É assim amiga, fizemos com cinco fotografias, maior sacanagem, concordo. Porém aprendemos. Agora temos que fazer com quinze fotografias e precisamos estudar mais a respeito de como contar a história para que o outro entenda esse lance de Representação Social, o que na verdade é como fizemos as coisas e como o outro vai entender o que estamos fazendo. Devemos pensar em mais imagens de cada cena. Não é mesmo professora? Primeiro pensamos na história como um todo, com cinco fotografias, depois pensamos na narrativa, que é contar essa história.

Cris percebeu que eles se educavam e aprendiam entre si. Eleonora sorri e diz:

- Entendo professora esse lance de ter que ser pedagógico!  
A aula terminou.

Cris foi para casa, pois queria aprofundar seus conhecimentos sobre Neurociência. Ela lia sobre o corpo caloso que é a comunicação entre os hemisférios esquerdo e direito. Em seus estudos, aprendeu que na mulher existe 20% a mais de corpo caloso do que no homem, o que poderia justificar as mulheres serem mais sentimentais do que os homens e conseguirem fazer mais tarefas ao mesmo tempo. Cris percebeu que Vigotski, Piaget e Freire, sem querer, falavam e entendiam de

Neurociência. Será que no Mestrado poderia apresentar a produção de vídeo na ótica de Freire, Piaget e Vigotski sob a luz da Neurociência? Quem sabe! Poderia ser uma pesquisa interessante tudo isso aliado a metodologias ativas e o aluno como responsável da sua significação.

### **Dias depois...a visita do Professor da UFPel**

Em seu dia de trabalho na escola Cris chegou ansiosa, pois desejava saber da nova gravação dos alunos, que seria realizada na aula da professora Suzana. Cris iria assistir ao filme deles, já que haviam aprendido editar. Ela queria saber o que havia acontecido na aula da professora Suzana.

Cris fez seu chimarrão. Nesse instante a professora Suzana entrou na sala. Cris a chamou para saber o que havia acontecido em sua aula, e se ela iria contribuir no desenvolvimento do roteiro final, pois, aquela gravação era apenas um teste para os alunos compreenderem o processo técnico. Suzana percebendo a animação da amiga, respondeu-lhe:

– Sim, vou te ajudar no roteiro final. Deixei os alunos gravando e aproveitei para conversar com eles sobre a pausa lógica e a pausa emocional, que seria importante na gravação e na fala dos atores/alunos.

Cris desejava saber onde Suzana havia aprendido essa teoria, pois ela sabia que Dolores é quem desejava ser atriz, mas não havia percebido o interesse de Suzana, que continuou sua fala:

– Minha filha participou de uma gravação com o professor Josias Pereira da UFPEL.

Cris arregalou os olhos, espantada e perguntou à colega:

– Você conhece o professor? Perguntou Cris à Suzana.

– Sim, minha filha foi uma das atrizes do filme [SEM HPV](#)<sup>24</sup>, O Filme Que Ensina a Fazer Filme<sup>25</sup>. Conhece? Respondeu Suzana.

– É do pessoal da UFPEL esse filme? Vi sim. É o filme em que uma menina de 12 anos aprende a fazer vídeo... é bem engraçado! Aprendi algumas coisas vendo esse filme. Respondeu Cris.

– Então! Minha filha participou de várias cenas do filme, foi do elenco de apoio.

– Que mundo pequeno! Sabia que a videoaula que assisto é com o grupo dele e com ele? Respondeu Cris.

- Que legal! Replica Suzana.

-Você tem o contato do professor Josias? Queria conversar sobre o nosso projeto. Perguntou Cris.

---

<sup>24</sup>[https://www.youtube.com/watch?v=3d\\_CSxd5J8](https://www.youtube.com/watch?v=3d_CSxd5J8)

<sup>25</sup>[WWW.wp.ufpel.edu.br/semhpvofilme](http://WWW.wp.ufpel.edu.br/semhpvofilme)

Suzana pegando o celular responde:

– Claro, ele é meu amigo no *Facebook*, irei te passar o contato dele.

Suzana passou o contato do professor à Cris, que se sentiu animada com possibilidade de conhecer pessoalmente a pessoa que assistia nos vídeos e que compactuava com sua teoria.

Cris entrou em contato com o professor e explicou-lhe o que já estava construindo com os alunos e, como ele havia explicado nas videoaulas, ela preferiu ir dando pequenos passos, colocando os alunos para se organizarem e irem conhecendo o processo de construir um filme. O professor Josias Pereira se dispôs a ir na escola em que Cris trabalhava e visitar sua aula, para conhecer de perto os alunos e, conseqüentemente, o projeto de produção de vídeo, que ela estava construindo com eles.

Cris nem acreditou no que estava ouvindo. Agendou a visita. Ao desconectar-se da rede social, Cris ficou feliz em saber que estava dando passos importantes para os alunos poderem compreender a ação de fazer vídeo.

Durante a aula, Cris informou aos alunos que o professor da UFPel, aquele que ela assistia na internet, iria visitar-lhes na

escola. Os alunos ficaram eufóricos. Pareciam não acreditar no que Cris dizia.

Dona Maria brincou:

- Vou fazer um bolo de fubá. Li no *site* que ele gosta disso!

Todos fazem hummmm!!!!

Penélope entrou no assunto:

- O que eu posso fazer por ele, hein?

Ela falou brincado e sensualizando a voz. Fernando aproveita e já fala, sem dar tempo do silêncio aparecer:

- Se tomar banho ele já vai agradecer.

Todos ficam rindo inclusive Penélope.

Cris pergunta aos alunos como foi gravar o vídeo com 15 fotos e todos concordaram que foi melhor, porém tiveram que pensar onde encaixar as imagens. Cris falou que essa ação era normal dentro da decupagem.

Agora vocês vão editar e ver a diferença. Ok?

Todos concordaram com a docente.

...

Alguns dias depois, na escola da periferia, a sala da EJA estava “bombando”. No dia marcado para o professor visitar a escola, Cris chegou mais cedo para ajudar a organizar sua recepção. Foi até a sala de aula e percebeu que tinha uma mesa com café, um bolo que Dona Maria havia feito e uns salgadinhos. Em seguida chegava um feirante com umas frutas da época e Penélope que carregava um embrulho.

- Trouxe *Cupcake*! Disse Penélope.

- Nossa! Se estiver tão gostoso quanto bonito... argumentou o feirante olhando para o bolinho de “nome chique”.

Cris percebeu o interesse e a empolgação dos alunos. Ela havia convidado as colegas Suzana e Dolores e também a diretora da escola para a visita/oficina do professor da UFPel.

O professor chegou acompanhado de dois alunos bolsistas da UFPEL (que lhe acompanhava no projeto de produção de vídeos, com estudantes da escola pública) Mike do curso de Cinema e Audiovisual e Rita do curso de Animação. O professor fez uma explanação sobre a Neurociência e a produção de vídeo. Todos olhavam e escutavam atentos a palestra do professor. Em um dado momento, ele relatou a todos que havia tido problemas de aprendizagem na escola e encontrou a saída através do uso da tecnologia da época, que no caso era o videocassete, pelo qual o professor gravava o Telecurso

Segundo Grau, para poder estudar e entender diversos conteúdos. Os alunos, aparentemente, surpreenderam-se. O professor, também relatou aos alunos que ele aprendeu muito com a visualização de imagens. Pereira finalizou sua fala aos alunos, dizendo que apenas na universidade foi um bom aluno, pois era onde ele podia criar e não apenas reproduzir a informação. Alguns alunos da EJA entenderam o que o professor falou. Por fim o palestrante falou que tem TDHA e como ele aprende muito com imagens e que existem estudos que mostram que cada um aprende de forma diferente, são as chamadas múltiplas inteligências e Estilos de Aprendizagem. Também, que o aluno deveria saber a forma com que aprende com mais facilidade. Dona Maria anota tudo e pensa que um de seus netos pode ter essa tal TDHA.. Depois os bolsistas falaram sobre produção de vídeo e técnicas de edição. O professor e seus bolsistas colocam-se à disposição para uma conversa com Cris e seus alunos

Dona Maria, mesmo desconfiada, levantou a mão, pedindo a palavra:

- Por que conseguimos entender o que o senhor fala e tem outros professores da universidade que mesmo que a gente se esforce, não conseguimos entender?

O professor sorriu e respondeu à Dona Maria que um professor, seja ele quem for, independente de sua titulação, deverá pensar sempre no seu público e usar os signos que eles possam entender e decodificar. Ele, como tinha dificuldade de aprendizagem, sempre comparava o que aprendia com a sua vida ou algo do tipo, por isso quando fala de Neurociência parece fácil, pois sempre tem exemplos do nosso dia a dia.

- Explico como se fosse para minha mãe entender! Brinca o professor Pereira.

Penélope pediu a palavra:

- Professor, se a Neurociência comprova que aprendemos com a produção de vídeo em função de várias ideias como o senhor falou, porque não se usa isso na escola?

- Então... A produção de vídeo ainda é algo novo e esse “novo” espanta as pessoas, por isso que iniciativas, como a da professora Cris, são importantes para divulgar essa ação. E sim, cada um aprende de uma forma, e a produção de vídeo estudantil contribui para que cada um use a sua habilidade de forma mais natural. Assim a sua habilidade e seu tipo de inteligência serão respeitadas. O modo que você aprende! O que vocês estão construindo com a professora Cris é algo histórico e com certeza daqui há 20 anos vocês vão lembrar deste momento e destes vídeos, pois não foi só a nota, mas toda a

emoção e dificuldade, que tiveram que passar para realizar esses vídeos. Parabéns à todos.

- Aprendo de várias formas professor... respondeu Penélope, em tom irônico.

Houve risos entre os alunos.

O professor sorriu também e completou seu o raciocínio, comentando que os alunos devem acreditar nos seus sonhos, e que, atualmente a Neurociência e a Neuroeducação comprovam que pessoas otimistas ficam menos doentes e que aprendemos a todo o momento, graças a elasticidade cerebral, por isso, a persistência em aprender é imprescindível.

- Sendo nada acadêmico e sem comprovações científicas, comenta o professor, só posso dizer uma coisa a vocês - sonhem, pois, o sonho alimenta a vida! Quanto mais você sonha mais o seu cérebro tenta realizar o seu desejo!

Penélope faz seu solilóquio, porém em voz alta:

- Queria muito ser feliz!

- E o primeiro passo é esse, sonhar. Completa o professor.

Dona Maria sorri e entra no debate:

- Quando meu marido morreu entrei em depressão, mas meus filhos me mostraram que eu deveria viver e por causa dos meus netos estou aqui. Aprendendo a ler e escrever para ensinar a eles. E vou fazer faculdade professor!

Todos aplaudem a determinação de Dona Maria e o seu sonho! Cris parecia não acreditar que um sonho tão simples, estaria ganhando vida. Via os alunos da EJA em silêncio, apenas ouvindo a fala do professor e depois tirando dúvidas. Ela tirou fotos para as redes sociais e para sua pesquisa de mestrado também. O professor se despediu e todos agradeceram. A diretora fez questão de o professor ir para sala dos professores lanchar, mas ele preferiu lanchar ali com os alunos, o que deixou Cris feliz e a diretora um pouco sem graça. Cris deu um beijo em Dolores que não entendeu o motivo da alegria e continuou comendo o seu *cupcake*! Cris agradeceu a presença do professor, que deixou seu e-mail para os alunos tirarem suas dúvidas, caso precisassem. Os alunos bolsistas ficaram tirando dúvidas técnicas de alguns alunos, principalmente sobre edição. Penélope entregou um *cupcake* para o professor que sorriu, dizendo que preferia o bolo de fubá, quanto mais simples melhor, disse o professor.

Dona Maria ficou sorrindo, ganhando um abraço do professor, aproveitando para convidar-lhe para tirar uma *self*.

A aula chegou ao fim com os alunos animados.

Cris retorna à sua casa, cheia de planos, imaginando que poderia ser a primeira mestra da família. Ela se lembrou da promessa que fez ao seu pai, de que iria continuar estudando.

Cris pensava que a revolução não era somente para os alunos, mas para os professores também. Não pensar só na teoria e nos conteúdos, mas lembrar que os alunos também são seres humanos e é necessário alimentar o lado emocional deles também. Como a escola poderia ser tão cega e querer ensinar apenas pela lógica, deixando a emoção de lado. Pensava Cris, que publicou em sua rede social uma fotografia da turma junto com o professor da UFPel. Muitos comentários virtuais anunciavam que as ações de produzir vídeos com os alunos era algo reconhecido por muitos docentes. Cris entrou no grupo do Facebook chamado [Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil](#) onde tem mais de 500 pessoas ligadas a ação de fazer vídeo na escola.

Cris percebeu que os alunos haviam acessado sua rede social e estavam comentando positivamente a fala do Professor. Pensava que a escola pecava por estimular só o lado racional e esquecendo que somos seres racionais e emocionais.

Cris lembrou-se do professor Josias e de sua fala sobre Neurociência, onde afirmava que “era necessário compreender o ser humano de uma forma total e não apenas como um ser que

deveria aprender um conteúdo X ou Y. Se somos emoção e razão porque devemos estimular apenas a razão?

Cris recordou do livro O Erro de Descartes, que diz: “penso, logo existo”, ela sabia que essa máxima era usada nas escolas, mas deveríamos repensar essa ação para: “**penso e sinto, por isso existo**”. O docente debateu também, como a produção de vídeo estudantil ajuda a criar o currículo oculto nas escolas, ou seja, ações onde alunos e professores debatem e aprendem além do conteúdo da sala de aula, voltado para o debate do mundo e ações da vida particular.

Ela estava filosofando sobre sua ação e pensava que como professora nem sempre fazia isso. Cris perdeu-se em meio aos seus devaneios sabia que o primeiro passo para conquistar as coisas na vida era sonhar. Pronto! Ela estava falando igual ao professor Josias, mas como não tinha comprovação científica, teria que ficar no seu mundo empírico.

Na próxima aula da EJA ...

Em sala, Cris conversava com os alunos que já tinham os vídeos prontos para apresentarem à professora da sala de informática. Ela apenas olhou e se emocionou com as histórias, e como as mesmas foram narradas. Percebeu que o aumento de cinco para quinze fotografias deixou o vídeo mais interessante e mais

“leve” a forma para compreender as novas imagens. A docente quis saber como foi a edição.

Penélope pediu para falar.

– Professora, nossa história é de uma mãe solteira que é discriminada pelos meninos por ser mãe, assim os meninos não querem namorá-la. Com as quinze fotografias, acredito que deu para entender melhor. O olhar triste da menina ao final, parece que deu para perceber o que estava acontecendo. Realmente nem sempre é preciso o personagem falar, mas sentir.

– Parabéns à todos pelo trabalho! Disse Cris.

Dona Maria sorriu e exibiu o filme de seu grupo:

– A nossa história é de uma mulher mais velha que volta a estudar e não consegue se enturmar com as pessoas, pois acham que ela é chata, fora de contexto, mas na verdade, ela é uma pessoa legal. Nosso vídeo também melhorou muito com as quinze fotografias. E foi mais difícil escolher as fotos e o que eles estariam fazendo. Isso fez com que pensássemos melhor sobre nossas ações e a ansiedade de querer mostrar tudo. Percebemos que, às vezes, não precisa, pois assim vamos direto a ação, deixando o público sentir a história, como disse o professor da Universidade.

– Essa escolha é a reprodução de uma Representação Social que o outro vai decodificar, ou seja, aprender. Isso mesmo Dona Maria, que orgulho desta turma! Explicou Cris.

-A nossa história é de um menino que sofre preconceito por ser gay, ficou mais dramática com as quinze fotos, pois mostramos ele sendo espancado o que reforçou esse preconceito.

- Isso mesmo Fernando. Tenho uma dúvida... as imagens ficaram fortes, sem cor. Como fizeram? Trataram no *Gimp*?

– Não professora, o Filmora tem um efeito bem legal de preto e branco, dando um ar mais dramático.

– Verdade. Respondeu Cris, continuando sua fala:

-Bem, parabéns a todos! A partir de agora teremos mais um desafio até o vídeo final para o festival. Vocês deverão fazer o mesmo vídeo, porém com vídeo não com fotografias. E depois vão editar dois vídeos: com uma música.

José Olímpio que anotava tudo, precisamente, indagou à Professora:

– Quantas imagens?

– Então... Neste exercício vamos manter as quinze imagens. Lembrando que vocês vão ter que fazer o enquadramento, gravar e parar a filmagem. Vocês estão gravando um vídeo. Gravar imagem a imagem. Escolher o plano gravar e parar. Depois gravar outra imagem outro enquadramento e parar.

Escolher a outra imagem, fazer o enquadramento e parar a imagem. Não vale sair gravando tudo sem pensar em enquadramento. Certo?

Penélope já adiantou a dúvida da turma:

– Teremos que escolher primeiro a imagem para depois gravar?  
– Sim, a mesma coisa. A diferença é que podem usar o que fizeram para fotografia de base. Isso ajudará a pensar no que vai gravar. O nome dessa ação é decupagem. Pensar com calma no que cada imagem representa para depois colocá-la uma do lado da outra, por associação. Assim você pensa no efeito *Kulechov*.  
Respondeu Cris.

– Lá vem a profe com esse russo! Exclamou Eleonora, que desde o vídeo do efeito *Kulechov* vem implicando com ele, por isso todos ficaram rindo.

Cris olha para Eleonora e brinca com ela:

– Você implica tanto com o Kulechov que estamos ficando desconfiados hein...

Risos na turma. Cris olha e pensa que a sua aula poderia ser assim sempre, descontraída. Mas como fazer isso com tanto conteúdo? Impossível, pensa nossa personagem! Ou será possível?

...

Em casa Cris ficou pensando nas ações que estava realizando. Ela aproveitou o tempo que tinha para organizar a aula e assistir um vídeo do *site* de produção de vídeo estudantil da UFPel, que abordava sobre a pausa lógica e a pausa emocional, já que não falamos como escrevemos, falamos com a emoção do momento e não como na leitura. Ela lembrou que a professora Suzana havia comentado sobre isso. Cris considerou interessante. Pensava ela: em nossa fala não usamos a pausa do texto da gramática, mas a pausa emocional que está ligada ao que se deseja passar/falar. Ela sorriu, pois sabia que a professora Suzana já passou isso para eles e Cris desejava saber, também, para poder explicar para os alunos. Cris parou e lembrou que realmente nossa fala é mais emocional do que lógica. Isso faz a nossa fala ter personalidade.

-Que coisa interessante de explicar aos alunos! Exclamou Cris. Aproveitou para ler a apostila que estava disponível no *site* e percebeu que o roteiro era simples, sendo dividido em partes: criação sobre o tema; história em linhas; e argumento; ou como diria o professor da UFPel: tudo isso pode ser resumido em **início, meio e fim**, o clássico aristotélico.

Se o aluno já tem a história, pode pular estas etapas? Ao contrário, elas ajudam a organizar as ideias para a criação do

roteiro. Cris considerava um pouco confusa essa parte para explicar aos alunos e pensava que poderia ir direto à idéia da Representação Social. Acreditava que isso poderia ser mais interessante para os alunos, já que eles entenderam a ideia de que um signo é criado e, esse signo, vai ser compreendido pelas pessoas. Conforme Pereira, 2016

Fazer os alunos falarem é melhor do que eles escreverem... É preferível que os alunos só escrevam o que já falaram, pois na verdade a criação tem um ritmo próprio, que nem sempre aceita ou espera as regras gramaticais serem realizadas, pois são dois hemisférios fazendo ações diferentes: o hemisfério esquerdo pensando nas normas da língua materna e o hemisfério direito querendo criar, imaginar uma história. Por essa simples razão não adianta fazer os alunos escreverem o roteiro, mas sim primeiro pensar na história e depois escrever o que já pensaram e imaginaram. Sendo assim, o aluno fala a história e o professor grava no celular e depois passa para os alunos o áudio, com o roteiro e os comentários do docente e da turma.

Conforme o Professor Josias explicava e dialogava em sua teoria, Cris a relacionava com sua prática em sala de aula, compreendendo como pensar para se produzir um filme. Parecia ser mais fácil do que imaginava, mesmo tendo consciência da

complexidade de produzir um filme com um grande elenco. O professor da UFPel também reforça que o docente

Deve prestar atenção que um signo é criado socialmente e esse signo pode e deve ser usado na hora de fazer um vídeo, pois na verdade, o público vai ler esse signo e compreender conforme a sua realidade, que no caso é o que o diretor desejou fazer. Os alunos devem se preocupar com essa ação. Usar a comunicabilidade do signo para informar através da imagem.

Em suas leituras, Cris aprendeu que poderia ensinar os alunos a organizar o “Set”, que segundo a apostila da UFPel, é o espaço onde se grava uma cena. Ou seja, onde irei gravar é o *Set* de filmagem. Que engraçado, pensa nossa personagem.

A apostila informa que o *Set* pode ser considerado o momento mais crítico da gravação, pois é nele que o signo audiovisual é criado, pensava Cris. Então, o signo era materializado no *Set*, pois antes, na gravação, ele era apenas ideia mental do diretor ou um significante literário não imagético. Olha que legal...

Cris anotou todas as suas dúvidas, pois poderia ser a mesma dos alunos e então pensou em fazer um espaço de perguntas e respostas, deixando os alunos responderem, pois teriam que pesquisar sobre o assunto.

...

Depois de produzir os vídeos, os alunos mostraram para a professora Cris que percebeu que eles tinham a criatividade aguçada. Notou que um dos seus alunos, que apresentava dificuldades de relacionar-se com seus colegas, estava modificando o jeito de agir com seus pares e estava contribuindo com o grupo no desenvolvimento das atividades da produção de vídeo.

Cris registrava tudo em seu diário de campo, para ter elementos para outras escritas. Ela pensava sobre as mudanças perceptíveis no comportamento dos alunos e no quanto sua relação com eles havia amadurecido.

...

Dias depois na sala de aula, Cris novamente pediu para cada grupo falar da diferença entre tirar a fotografia e construir um vídeo. A primeira a falar foi Penélope novamente:

- Fazer a foto foi mais divertido. O vídeo tem muitos detalhes técnicos, mas achei legal também, pois o ator se movimenta e para nossa história, acho que ficou legal.
- No nosso caso, acho que a atriz ficou envergonhada. No começo, foi difícil fazer com a câmera filmando e com o

movimento. Depois foi mais tranquilo. Comentou Dona Maria, refletindo sobre sua ação.

Fernando antecipou sua fala, dizendo:

– No nosso caso também foi mais fácil fazer a briga por fotografia... por exemplo, a briga no vídeo, parecia ter ficado falsa. Foi difícil fazer...

– E como foi a edição? Acharam difícil? Perguntou Cris.

– A mesma coisa Professora. Como no vídeo a gente grava mais coisas é só marcar a entrada e a saída e depois juntar com a outra imagem. Foi bem fácil! Agora o grupo tinha que chegar em um acordo sobre onde inicia a imagem e onde finaliza. Realmente, mexer no programa ficou mecânico!

José Agripino se fez presente no contexto da aula, fazendo suas colocações:

– Bem, posso falar que foi difícil, pois tivemos que entender essa diferença de marcar o que era início e o que era fim. Depois ficou bem fácil mesmo. A gente repete a mesma ação, não é mesmo professora? Sempre a mesma ação.

– Verdade. Tem que aprender a parte mecânica da ação primeiro. E quanto à música? Acharam que mudou a história? Questionou Cris.

– Então, foi difícil achar a música certa, mas a primeira achei bem legal. Já a segunda, não ficou tanto. Achamos que

atrapalhou a história, tentamos usar duas músicas diferentes. Argumentou Penélope.

José participou do diálogo, dizendo:

– No meu caso achei que as duas músicas ajudaram a contar a história...

Dona Maria anotava tudo em seu caderno, mas levantou uma dúvida:

– Porque a música faz tanta diferença nessa tal narrativa?

Cris olhou para os alunos e começou a explicação:

– Bem, na nossa mente ficamos assistindo as imagens e tentamos compreender se a música tem a harmonia com elas, se faz sentido, ou qual a relação entre música e imagem. Na verdade, a música tem duas ações. A primeira é a **lógica** que é a letra, que decodificamos e compreendemos de forma racional. A segunda é a **não lógica** que é a harmonia, que é apenas sentida de forma emocional. Ou seja, a harmonia não é entendida de forma lógica, apenas a sentimos.

A música conhecida e comercial, também pode fazer a pessoa cantá-la e não sentir ou perceber a narrativa do seu vídeo. Vamos pensar assim, a história do vídeo é uma coisa e a memória emocional que o público tem da música é outra. Assim, se for uma memória diferente do que você deseja, pode criar

confusão entre a música e letra que eu conheço, com o que está sendo mostrado na tela.

–Interessante! Confuso, mas interessante. Exatamente assim que aconteceu em nosso grupo. Comentou Eleonora, que descobriu o que aconteceu com a música bonita que ela havia colocado no filme e depois precisou tirar.

–Estou orgulhosa de vocês! Comentou Cris, que foi aplaudida por todos os alunos.

- Bem para o último trabalho, teremos uma novidade: podem gravar com a narração, se desejarem, com quantos planos quiserem e com o tempo máximo de 5 minutos. Também convidei o professor Josias Pereira para assistir o vídeo de vocês

Penélope parecia eufórica!

– Acho que vou vir com o meu vestidinho rosa, novinho, que comprei a pouco.

Fernando não deixa o silêncio aparecer.

- Se aprender a fazer bolo de milho vai ser melhor!

Cris sorriu e continuou:

- Vocês sabem como se grava áudio e se edita um áudio?

- Boa pergunta Professora. Disse Fernando depois de perceber o sorriso discreto de Penélope.

Cris lembrou que poderiam gravar o áudio com o celular e que depois eles poderiam editar o material, assim como editaram as imagens e como fizeram com o editor de texto. O processo de editar imagem e áudio é o mesmo. Afirmou Cris.

A professora aproveitou o momento para explicar aos alunos o que era um áudio:

- O áudio é o ar em movimento e esse ar quando se move faz vibrar as cordas vocais, surgindo assim o áudio. E essa frequência pode ser alta, média ou baixa. É assim que ouvimos a diferença entre os sons. Cris aproveitou para mostrar em um gráfico o que é frequência e o que é ondulação. A docente informa que isso apresenta um intervalo de tempo, podendo ser calculado e mostrado através de uma fórmula de cálculo da frequência e do tempo  $1/T$ , que seria o número de vezes que uma coisa se repete.

Os alunos atentos às explicações da professora, perceberam que não parecia ser complicado. Cris explicou a diferença entre frequência alta, baixa e média e aproveitou para falar do equalizador e como ele atua na frequência, modificando o som que ouvimos.

-Geralmente em um diálogo, usamos as frequências médias e por isso poderia, em um equalizador, melhorar o grave. O celular geralmente grava sons com frequências médias, o que deixa o

som abafado, pois falta agudo. Isso ocorre até em função do tamanho do alto falante do celular. Porém, vocês podem utilizar um programa livre de áudio para melhorar esse som.

Dona Maria continuou suas anotações.

Cris continuou suas explicações, aliadas à teoria:

- Vocês precisam testar e ver como vai ser o som. Lembrando que um microfone de 30 reais não faz a mesma coisa de um de três mil reais. E o celular também, cada um grava com um tipo de frequência. Não esqueçam que tem APP que pode ser baixado e serve para gravar áudio. E não gravem em MP3, pois é um áudio sem qualidade, pois tiram o agudo para ele poder ficar menor e caber em vários arquivos, para ir para internet. Vamos tentar salvar o áudio em *Wave* (sistema de som melhor do que o MP3, porém o áudio fica maior em *Kbytes*), certo? Não gravar em MP3.

- Nossa! Mais coisas técnicas!! Exaltou Dona Maria.

- Calma Dona Maria, o áudio é sempre algo delicado. Outra coisa, quando forem gravar, devem utilizar a pausa lógica e a pausa emocional que a professora Suzana ensinou, lembram?

Todos concordaram com a professora.

Cris disse-lhes que havia um programa que poderiam utilizar e que era bem simples: o *Audacity* que é livre.

Cris explicou que havia uma videoaula sobre o programa *Audacity*. O programa ajudaria a editar o áudio com os cortes necessários a edição.

José Olímpio ficou com dúvida e perguntou:

- Todos os vídeos têm que ter narração?
- Não necessariamente José, não precisa narrar o vídeo todo, apenas uma parte, mas é importante, pois é um exercício para praticar... explicou Cris.

Ele apenas sorriu para professora, com ar de aprovação.

Entre explicações e questionamentos, Cris perguntou:

- Quanto tempo levaram para desenvolver cada etapa do vídeo?
  - Nossa acho que ninguém pensou nisso, respondeu Simone.
  - Então Simone, vamos pensar em quatro momentos: roteiro, pré-produção, gravação e edição. Qual desses deu mais trabalho?
  - Acho que foi a pré-produção, organizar tudo antes de gravar.
- Respondeu José Olímpio.

Penélope prontamente respondeu:

- A nossa gravação foi rápida!

Dona Maria entrou no assunto:

- A nossa edição também demorou, mas como organizamos tudo, realmente o que ainda devemos organizar melhor é a pré-produção.

– Isso Dona Maria! E o que seria essa pré-produção? Perguntou Cris.

- Ora... é organizar tudo antes de gravar!

Fernando acrescenta à fala de Dona Maria, dizendo:

– Testar os equipamentos convidar os atores, ver o lugar de gravação, essas coisas...

– Nossa, que orgulho de vocês! Mas quero ver tudo isso em porcentagem. Exclamou Cris.

Os alunos se organizaram em pequenos grupos. Começaram a debater e desenvolverem o cálculo pedido por Cris. Depois de um tempo entregaram para professora uma ideia básica do tempo gasto em cada etapa da produção.

Cris anotou os cálculos realizados pelos grupos e percebeu que o tempo gasto por cada grupo foi muito semelhante. Escreveu no quadro negro, todos os cálculos que lhe foram entregues, comprovando o tempo, em média gasto para cada grupo, distribuídos entre os quatro momentos da produção do vídeo:

- Roteiro: 10%
- Pré-produção: 35%
- Gravação: 30%
- Edição: 25%

Cris lembrou aos alunos que eles deveriam sempre repensar essa questão e analisarem que a gravação requeria maior

dedicação, por isso não poderiam perder muito tempo com outras cenas. Cris colocou a porcentagem de todos no quadro e mostrou-lhes que existiam poucas diferenças e que poderiam perceber que a Pré-produção, era a que exigia maior tempo. Por isso deveriam se preocupar mais com a organização.

Eleonora olhou fixo o quadro e falou com a professora:

– Sabe professora, aprender esses programas foi legal, pois eu pude pegar as fotos da minha família e fazer um vídeo e depois enviar aos meus familiares pela internet. O pessoal adorou.

Cris sorriu para a aluna e questionou os alunos:

- Qual seria o tempo ideal para podermos enviar um vídeo pela internet? Qual a velocidade da *internet* e a relação do tamanho do vídeo e sua velocidade?

Cris fez o cálculo no quadro, em forma de gráfico, para os alunos compreenderem como funcionaria. Ela fez outras provocações aos alunos, para que pudessem compreender melhor:

- Por que nas redes sociais as fotos não têm qualidade? Sabem o motivo? Bem, são fotos feitas para serem vistas de um modo simples e rápido. Assim a matriz de pontos é pequena em geral 480 linhas, que fica mais fácil para abrir e ver a foto. Por outro lado, se a fotografia tivesse qualidade ficaria mais difícil de abrir na rede social, ainda mais com *internet* lenta.

Os alunos estavam atentos e compreenderam porque muitos vídeos não abriam ou ficavam lentos para ver na *internet*, pois demorava muito e acabava gastando/consumindo a *internet* 3g ou 4g dos alunos.

Cris continua com a sua lógica. Um vídeo feito em SD teria 480 linhas, assim você poderia enviar sem gastar muito. Se o mesmo vídeo for feito em *full HD*, terá 1080 linhas para ser lido e o dobro do tamanho.

Um aluno lembrou que só tinha um *megabytes* disponível diariamente e se, por ventura, enviasse em média uns dois vídeos por dia, sua *internet* acabava, precisando pagar outro um *megabytes* para continuar usando seu celular.

- Bem, sugiro que gravem um áudio. Vamos ao laboratório de informática e editamos, somente para vocês praticarem, o que acham? Sugeriu Cris.

Todos concordaram e então foram para o laboratório de informática que Cris deixou reservado, caso precisassem utilizá-lo.

Fernando depois de conversar com o grupo indagou:

– Professora a gente pode utilizar a música que já colocamos no nosso curta?

– Sim, podem utilizar, daí já testem o volume de cada áudio com a música e com narração.

Cris continuou sua explicação teórica e reforçou que o áudio, como ela já havia explicado, é matemática e, então, poderiam pensar no tempo da música e no tempo do áudio. Sugeriu que pensassem a partir da seguinte indagação:

-Será que podemos saber quantas linhas do roteiro daria um segundo? Assim na hora de escrever seria mais fácil de organizar.

Os alunos iniciaram a organização de gravar o áudio. Cris percebeu que eles estavam concentrados com as gravações dos áudios.

O silêncio tomou conta da sala de aula.

Cris deu uma sugestão:

- Cuidem para o microfone não ficar muito próximo da boca de quem vai falar, para não ter problema de o áudio e ficar sem entender. É o chamado estourar o áudio com as palavras que “estoura” P e B.

Os alunos gravaram seus áudios com um APP específico de gravação, já que haviam vários e poderiam utilizar qualquer um que gravasse áudio. Eles estavam empolgados e interessados,

era a percepção de Cris, que retomou suas explicações, dizendo-lhes:

- A narração não pode ser feita como se fosse uma leitura. Antes de gravarem, devem utilizar a **pausa lógica** e a **pausa emocional**. Vocês podem fazer um traço, como uma barra"/", sempre que tiver uma pausa curta e duas, quando tiver uma pausa maior. Assim, antes de gravar vocês aproveitem para fazerem a organização do áudio para que a pessoa que vai narrar possa ter as pausas no espaço certo.

Cris ficou feliz em ver que seus alunos estavam se organizando, cada um no seu ritmo. Penélope achou estranho essa ação de pausa lógica ou emocional. Sendo assim Cris considerou importante explicar um pouco mais e deu um exemplo simples:

-Paulo sempre sonhava em encontrar Maria, porém quando a vê na praça descobre que ela está de mãos dadas com o seu melhor amigo José Ricardo.

Esse seria nosso áudio.

Percebam que é uma história que depende muito de como vamos narrar, como vamos apresentar os signos para o espectador. Então vamos colocar as marcações:

Paulo/ sempre sonhava em encontrar Maria//, porém/ quando a vê na praça/ descobre que ela está de mãos dadas//com o seu melhor amigo/ Jose Ricardo//.

**(/ -Pausa curta- //- Pausa longa).**

Eleonora não gostou da história simulada por Cris e falou:

– Professora que coisa triste essa história!

Fernando retrucou

- Queria que ela estivesse de mãos dadas com outra mulher?

- Porque não? Indaga Penélope, que sorri e pisca para Eleonora.

Fernando fica sem graça.

Cris tenta diminuir o constrangimento.

- Gente é só um exemplo, mas sim poderia ser outra mulher.

Eleonora tenta se explicar:

- Digo, pois colocam sempre a mulher como traidora e o homem como coitadinho.

- Você está certa Eleonora. Isso é a força do signo. Reafirma Cris.

- E a ideologia que o signo sem querer passa, né professora? Completa Penélope. Que recebe um sorriso de Cris como confirmação de sua indagação.

– Às vezes reproduzimos o preconceito sem saber. Responde José Agripino.

Em seguida os alunos iniciaram a gravação do áudio, Cris apenas acompanhava o trabalho. Depois de um tempo ela mostrou para os alunos como seria na prática o programa que

permite a organização e edição de áudio. E que o áudio, como ela já havia explicado, é matemática, então poderiam pensar no tempo da música e no tempo do áudio.

Cris instigava os alunos com suas provocações:

- Será que posso saber quantas linhas daria um segundo? Qual seria a fórmula?

Os alunos abriram o *software* específico de áudio: o *Audacity*. Cris informou que as funções são iguais as do editor de vídeo. Os alunos faziam a edição do material. A professora percebeu que quando se dá autonomia para os alunos, eles respeitam e se organizam dentro do espaço que foi dado para eles se manifestarem. Ela achava interessante que no laboratório os alunos faziam a tarefa e não ficavam brincando e nem de “papo furado”. Precisavam e queriam terminar a tarefa. Percebeu que estavam focados, sem mesmo acessar as redes sociais.

Cris pediu para os alunos colocarem o áudio que haviam feito no *Audacity* junto com o programa de vídeo e então exportar o material final, para a próxima aula. Ela percebeu que os alunos se ordenaram conforme suas habilidades e cada um se organizou da melhor maneira, assim se compôs um grupo orgânico. O sinal mais uma vez anunciou que a aula havia terminado, mas antes disso Cris havia anotado tudo em seu diário de campo, pois sabia que aquelas anotações poderiam

contribuir com seu projeto de mestrado, enquanto isso a terra girava, fazia a sua rotação avançar o tempo em de nossas vidas.

A professora cansada de um dia atarefado, foi para casa para relaxar e pensar em quanta coisa poderia ser feita apenas com a prática. Sabia que precisava ficar sempre de olho no tal conteúdo escolar, que nem sempre estava atrelado à prática do dia a dia dos alunos e muitos reclamavam por isso. Como seria uma escola em que pudessem aprender coisas importantes para a vida, do seu dia a dia? Que utopia, pensava Cris, já que essa não é a função da escola, mas deveria.

...

Cris fez uma reunião com Suzana e Dolores, na qual decidiram aproveitar o roteiro que os alunos fizeram para ampliá-lo. O roteiro número um, era de Penélope que abordava sua realidade de mãe solteira. Então decidiram que ela deveria pesquisar sobre o tema, conversando com outras mães solteiras da escola e assim, poderia escrever algo mais original, além de não expor sua vida pessoal. Suzana iria ajudá-la a escrever o roteiro com base no tema proposto, sem sair do sentido que ela desejava passar para quem assistisse ao vídeo.

O segundo roteiro de uma mulher mais velha que sofre preconceito era um pouco mais complicado de se realizar, pois precisaria explicar o personagem primeiro. Dolores falou que poderia ajudar na parte de criar a narrativa voltada para as ações dos personagens.

Cris agradeceu às amigas e focou no terceiro roteiro que era de um menino que sofria preconceito por ser gay. Ela estava receosa sobre este roteiro, pois o vídeo poderia ficar piegas ou preconceituoso. Dolores concordou com Cris e colocou-se à disposição para contribuir nessa ação, junto ao aluno Fernando, que se mostrou sensível com o tema em função de seu irmão viver algo semelhante. Elas acreditavam que estava tudo organizado e Cris deu a notícia que o professor da UFPel iria assistir o vídeo que os alunos estão produzindo. As professoras ficaram animadas.

Cris recebeu um folder na escola dizendo que iria ter uma palestra sobre Produção de vídeo estudantil como uma Metodologia Ativa com o professor Josias Pereira. Prontamente ela deixou a data registrada em sua agenda, para assistir a palestra na Universidade Federal de Pelotas, onde iria buscar aprofundar questões aplicadas à produção de vídeo estudantil.

...

Chegou o dia da palestra. Cris foi com a Professora Dolores e sentiam-se animadas. O palestrante antes de iniciar sua fala, as vê e vai até elas. Cris tirou uma *selfie* com o professor, enviando para o grupo dos alunos na rede social.

O professor começou sua palestra saudando a todos e com algumas provocações

Como aprendemos? Você acha que se aprende brincando? Qual a importância do seu corpo físico no aprendizado? Qual a relação entre sua memória e o aprendizado?

No cérebro a memória e o aprendizado são a mesma coisa?

Qual a relação do seu genes na sua inteligência? Ou é tudo socialmente construído?

Você sabe como o seu aluno aprende?

Qual a importância da família na inteligência emocional do aluno?

Você em sua aula utiliza de forma didática elementos que contribuem para o aprendizado do seu aluno?

Já ouviu falar de Neurobiologia?

Já ouviu falar de Neuroeducação?

Sabia que seu cérebro deve ser estimulado com ações diferentes para aprender?

Qual a diferença entre conhecimento e inteligência?

Você contribui para que seu aluno decore o conteúdo ou pense

sobre ele?

Quem influencia mais uma criança? Professores, pais ou crianças da mesma idade?

Quando uma criança tem noção de que é um ser humano e faz parte de um mundo já construído de signos e que ela deve aprender a reconhecer esses signos?

Sabe o que é epigenética? E qual a sua influência no aprendizado de seus alunos?

Apresento apenas questões de como é importante estudar e conhecer o cérebro dos alunos e conseqüentemente a Neurociência.

Produzir vídeo é uma ação metodológica?

Produzir vídeo dentro do espaço escolar é uma ação didática?

A Produção de Vídeo Estudantil é uma Metodologia ativa?

O professor trazia indagações que desassossegavam Cris e faziam com que ela remetesse suas colocações à sua prática em sala de aula. O professor prosseguia com seus argumentos e considerações:

Infelizmente muitos cursos de Pedagogia ignoram a Neurociência e continuam idolatrando *Piaget* e *Vygotsky*. Então vamos fazer um paralelo sobre estes autores e a Neurociência e finalizar com a produção de vídeo. Parece confuso?

Então vamos com calma e passo a passo.

Início o meu raciocínio falando sobre *Piaget* que foi um biólogo que se se dedicou, desde o início dos anos 1920 aos estudos da psicologia do desenvolvimento. Ele defendia que o desenvolvimento cognitivo estava ligado a maturação biológica. Para o autor passamos por alguns estágios que permitem certas habilidades e comportamentos.

Estas habilidades geram comportamentos através de uma organização mental que o autor vai denominar de “esquemas” que são utilizados para decodificar o mundo, compreende-lo.

Assim sendo, o aprendizado ocorre quando existe um desequilíbrio entre os esquemas e a representação deste mundo que obriga o sujeito a criar uma assimilação e acomodação de um novo esquema apresentado à sua estrutura mental.

Nesse cenário, *Piaget* vai defender que a ação do desenvolvimento cognitivo é uma teoria de etapas, em que os seres humanos passam em função de seu desenvolvimento biológico. Repare que para *Piaget*, esse desenvolvimento vai acontecer conforme o amadurecimento biológico do ser.

Já nosso amigo Vygotsky, foi um pesquisador russo que em suas pesquisas procurou estudar o desenvolvimento humano com base nos métodos empregados pela psicologia russa das décadas de 1920 e 1930. Desenvolveu a teoria sociocultural do desenvolvimento cognitivo, que está ligada aos signos que essa sociedade vive. Não podemos deixar de destacar a influência marxista em seus estudos, claro. O que nos chama atenção nas pesquisas de *Vygotsky* é que para o autor, o sujeito (como nos tornamos sujeitos) é produto de determinações sociais, porém o

importante é que essa ação se realiza de fora para dentro, ou seja, é resultado da interiorização da cultura que o sujeito vive na sociedade e o seu desenvolvimento cognitivo.

Sendo assim é fruto de um entrelaçamento biológico e social. Como internalizo essa sociedade que vivencio?

A diferença entre eles é que para *Vygotsky* a interação social é fonte primária da cognição e do comportamento humano. Mas qual o motivo disso? É simples, é o social que apresenta os signos (verbais e não verbais) que o sujeito vai interagir.

Cris percebeu que todos levantam a mão e ela apenas presta atenção. O professor continua

Devemos pensar que é o signo, que a sociedade apresenta para àquela pessoa, com o qual ela vai interagir e assim criar sua cognição com essa base. Algumas ações são biológicas como falou **Piaget**, principalmente as motoras, mas o livre pensar sobre, depende da interação que você tem com o espaço que basicamente são signos que vivenciamos. Prefiro neste caso **Vygotsky** que pensava na importância do signo que é dado e criado socialmente. Isso não significa inteligência melhor ou pior, pois a inteligência vai depender do que você faz com a informação.

Muitas informações trazidas pelo Professor, mexiam com Cris e, aparentemente, com todos que ali estavam presentes. Um desassossego permanente fazia parte daqueles instantes. O professor continuava sua fala, sob os olhares atentos do público ali presente.

Vamos por detalhes. Sabemos que informação é diferente de conhecimento, certo? Mas por quê?

Percebam que estes autores, de certa forma, falam do processo mental e sua ligação com o externo, porém como isso se processa de forma interna?

*Vygotsky* apresentou algumas teorias, dentre elas, das três áreas. Segundo o professor José Meciano Filho, Professor do Centro de Ciências da Vida da PUC-Campinas e da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, estas áreas de cognição identificam e criam ações para o sujeito agir. O exemplo do professor é o de um aluno fugindo de um cachorro, em seguida o aluno vê um portão, depois do portão vê uma escada encostada na árvore. Para o professor, a área primária identifica os objetos, já a área secundária, além de observar os objetos e decodificar, cria uma ação cognitiva para elas. O pensar sobre. Então, o aluno sobe a escada, pois em seu raciocínio, o cachorro não vai subir a escada. Infelizmente para o docente a maioria dos nossos alunos ficam na área primária, só se faz a identificação, sem fazer a correlação com o objeto. Então o professor dá a informação através de signos e o aluno deve transformar essa informação em conhecimento. Como pensar sobre refletir e usar a área terciária. Como informa o professor José Meciano Filho, a maioria dos alunos não

utilizam essa ação de usar o conhecimento em algo diferente. Transformar, mudar, criar, isso seria a cognição. É justamente para isso que a produção de vídeo contribui, faz o aluno pensar sobre como modificar a realidade que está a sua frente. Queremos apresentar a produção de vídeo como um catalisador para que a escola possa trabalhar os dois hemisférios, unindo a razão e a emoção. Afinal de contas somos seres emocionais e tomamos nossas ações mais pela via da emoção do que do raciocínio.

A emoção era o caminho para unir a produção de vídeo estudantil e a matemática. Será que era delírio? Voltando da catarse, Cris ouviu o professor falando sobre essa relação, produzir vídeo e educação.

Já ouvi muitas coisas sobre produção de vídeo estudantil, que não serve para nada, que o professor está perdendo tempo e que deveria dar aula. Será? Lembro aos professores mais ansiosos que falam que fazem cinema estudantil, que infelizmente o que fazem é vídeo estudantil, pois cinema não é só um suporte, ou seja, gravar um vídeo não faz uma pessoa ser cineasta, como eu ter uma calculadora não me faz contador.

Cinema é muito mais do que o suporte, mas linguagem e narrativa. Alguns falam que fazem cinema na escola, mas fazem reportagem, então seria jornalismo na escola e não cinema. Mas querem o glamour que o signo cinema lhes possibilita, ser cineasta. Sugiro audiovisual na escola, mas

parece que a palavra cinema seduz o professor entusiasmado, querendo fazer algo grandioso. Sim, esse professor faz algo grandioso que é fazer vídeo com seus alunos, mas cuidado para não cair na soberba e deixar de lado o processo pedagógico que o vídeo apresenta. Não podemos esquecer que fazer vídeo é um processo artístico e técnico, agora fazer vídeo estudantil é um processo artístico, técnico e pedagógico!

Cris ouviu as palavras e pensou que deveria tomar cuidado para não entrar na soberba de ser cineasta, mas ser um professor que ajuda os alunos a produzirem vídeo dentro de um processo educacional, seria então um professor produtor? A figura que ajuda os alunos a realizarem seus vídeos?

As palavras do professor faziam sentido para Cris. A medida que ele fazia suas provocações, ela fazia conexão com sua sala de aula, como as coisas aconteciam.

Pereira dizia que a aprendizagem se torna melhor, mais agradável e mais duradoura quando estão envolvidos os dois hemisférios: o esquerdo e o direito. Ele defendia que o aluno, ao produzir vídeo, interage com a tecnologia, passando por várias etapas que podem contribuir no processo de aprendizagem.

Pereira trazia explicações que ainda não tinham sido percebidas

Vou usar a terminologia do professor *Paul Maclean* que em suas pesquisas defende que somos uma evolução de três cérebros. Sim de três! E como eles se comportam?

Segundo o professor *Maclean* temos:

**Cérebro Reptiliano** que seria responsável pela parte de automação do organismo, ou seja, faz o organismo funcionar e não pensamos nisso de forma consciente, o coração bate, a respiração é orgânica, a temperatura e todos os movimentos involuntários monitorados por esse pequeno cérebro.

Já a segunda parte começa a complicar, pois é o **Cérebro Límbico** que é comum à todos os mamíferos. E o que lida com o nosso medo, desejo, memória e a parte sexual. Percebam então, que estamos falando de memória ligada ao cérebro da emoção e da sexualidade.

E o terceiro, seria o **Neocórtex**, que seria a parte mais evoluída do cérebro em que está o raciocínio e os argumentos lógicos.

Então como podemos perceber, a memória, que é essencial para o aprendizado, está em um cérebro e o raciocínio em outro. E a escola só nos ensina a pensar sem sentir, sem ter emoção sem ter paixão e o cérebro da memória(límbico) lida com as emoções.

E como fazer essas ações darem certo?Cosenza em seu livro escrito com a professora Guerra em 2014, defende que a memória é ativada quando se tem emoção, ou seja, aprendemos melhor com a emoção!

por Cris e, provavelmente, por um nº expressivo daqueles professores que faziam parte da plateia. Os olhares atentos às provocações, explicações e indagações de Pereira inquietavam Cris, ao mesmo tempo que seu olhar brilhava com o prazer de estar assistindo aquele que constituía seu referencial teórico.

Outros questionamentos foram propostos por Pereira, entre eles:

E como ficam nossas aulas agora? Será que os alunos estão aprendendo no cérebro límbico? Onde se encontra a emoção? No cérebro Neocórtex? Onde está o raciocínio?

Precisamos da memória para pensar sobre algo, compreender o signo, como se o cérebro límbico fosse a informação (memória) e o Neocórtex realizasse a mudança da informação para o conhecimento. Precisamos repensar nossas aulas.

Cris sente que realmente deveríamos repensar algumas ações. O professor então finaliza falando que a produção de vídeo apresenta tudo ao mesmo tempo, por isso, que em muitos casos, a produção de vídeo se torna um caos. O que espanta alguns professores.

Cris apenas analisava e percebia que, tudo parecia simples, porém, fez muitas anotações no seu caderno (diário de campo).

Vivemos em um século onde a informação está na mão dos alunos e o professor deve ser um facilitador deste conhecimento ajudando a transformá-lo em aprendizagem.

Produzir vídeo deixa o aluno ativo no seu processo mental. E sim produzir vídeo é uma metodologia ativa que inclui varias ações desde a educação por problema, já que fazer o roteiro é um problema; escola invertida quando o aluno aprende a fazer o vídeo fora da escola; aprendizagem baseada em problema, já que fazer o vídeo cria o problema de como realizar as ações técnicas, artísticas e pedagógicas; aprendizagem entre pares e times já que dividimos os alunos em grupo e cada grupo tem o seu vídeo para realizar dentre outras ações, por isso defendemos a Produção de Vídeo Estudantil como uma metodologia.

A palestra terminou. A professora Dolores correu para conversar com o docente sobre algumas dúvidas. Cris pegou um cafezinho e se juntou a Dolores e ao professor para as últimas informações.

Cris e Dolores retornaram para casa, encharcadas de informações e conhecimentos importantes... era preciso assimilar o que haviam escutado, compreender e transformar em

potencialidades para o espaço da sala de aula. A emoção precisava fazer parte do aprendizado. Como? Esse era o desafio. Metodologia Ativa, Produção de Vídeo e Neurociência seriam esse um casamento possível? Mas, com certeza esperado.

### 3 O DIA ESPERADO

A terra continua com sua rotação, com o intuito de observar como as coisas nela avançam a cada momento. Ps: isso para quem acredita nesta ação da terra e seus movimentos circulares e respeitamos os terraplanistas, que acho não vão ler este livro. Bem, Sendo assim, chega o dia esperado pela personagem e seus alunos. Assistir o vídeo feito por eles.

O professor Josias Pereira que havia sido convidado para dialogar com os alunos e analisar as produções realizadas, estava lá. Parecia um sonho pensa Cris. Alguns alunos estavam vestidos como se fossem a uma festa de gala.

Os alunos, com seus vídeos se dirigiram para o auditório do colégio, estavam ansiosos. O professor Josias chegou e se dirigiu ao encontro de Cris que lhe explicou rapidamente como o trabalho havia sido construído e que havia percebido uma mudança significativa no comportamento dos alunos e, sobretudo, na relação alunos/professores. O professor percebeu que a produção de vídeo, nas aulas de Cris haviam transformado o jeito de ser, agir, compreender e ampliar conhecimentos, não somente dos alunos como também dos professores que haviam feito parte da proposta. Essa mudança é algo normal dentro do espaço de Produção de Vídeo Estudantil.

Enquanto Cris organizava o espaço para a apresentação dos trabalhos, Pereira foi ao encontro dos alunos, dialogar com eles sobre o pensar e o fazer vídeo estudantil, explicando a eles que o vídeo proporciona a reflexão entre o que se pensou e o que se conseguiu fazer e, ainda, o motivo de não ter conseguido fazer o que se desejava... Rita e Mike, os bolsistas, ajudavam Cris com a parte técnica.

Penélope perguntou-lhe se aquelas explicações tinham relação com o pensamento positivo. O professor considerou a dúvida interessante e explicou-lhe que existia diferença significativa entre a Programação Neurolinguística (PNL) e a Neurociência, esclarecendo tal diferença, que ao mesmo tempo era muito tênue.

Cris interrompe o diálogo do professor com os alunos, convidando-o para assistir as exposições dos trabalhos. Apresentou tal qual haviam construído: com cinco fotografias, depois com 15 fotografias, depois com a música e por último, os vídeos completos.

O professor assistiu a todas as apresentações e ao final comentou cada um dos vídeos, dizendo que o importante era os alunos darem sequência àquele trabalho, pois o vídeo se tornava uma comunicação direta com um universo mais amplo,

muito além do que eles poderiam imaginar. O professor ressaltou aos alunos:

Lembrem que a comunicação é efetivada a cada momento em que o vídeo for exibido. O tema que vocês escolheram tem sempre uma relação com o que vocês vivem ou vivenciaram e por isso, cada vídeo se torna especial, pois é uma comunicação de coração para coração. Uma forma de dividir experiências, de dividir vidas. Em um roteiro o mais importante é o personagem, pois a história que assistimos é a vida deste personagem.

Os alunos ficaram atentos às palavras do professor. Cris fez várias anotações, pois cada detalhe era muito importante. Percebia que estava em um caminho certo para contribuir com o aprendizado dos seus alunos. O professor finalizou suas colocações, explicações e argumentos, dizendo-lhes:

Vocês que aqui estão, alunos da EJA são vencedores. Estão dando uma segunda oportunidade às escolas, para que compreendam que a aprendizagem precisa ser significativa e que a emoção faz parte da aprendizagem. Tenho certeza que a professora Cris vai fazer o possível para que vocês saiam da escola com uma visão diferenciada, não somente do conhecimento, mas, sobretudo, da vida. A produção de vídeo vai ajudá-los a terem essa visão do mundo, pois se conseguem produzir um vídeo e conhecem como funciona a linguagem, não ficarão à mercê dos programas de televisão. Vocês agora são o quinto poder! Ou seja, alunos capacitados para compreender o quarto poder, a mídia, e ir contra os abusos da mesma.

Cris ficou emocionada. Agradecendo ao professor mais uma vez. Dona Maria convidou a todos para fazerem uma *selfie*, era preciso registrar aquele momento.

Antes de finalizar o professor informou que havia completado  
uma nova

*Websérie* chamada: “[Vídeo do início ao fim](#)”<sup>26</sup>, na qual ele explica  
como se

faz um vídeo passo a passo. Convidou a todos para assistir o  
programa que

era algo prático. Os alunos gostaram da ideia do programa.

Os alunos, pareciam embriagados de alegria. Aplaudiram o professor, que após agradeceu-lhes e continuou seu diálogo informal, porém significativo com o grupo de alunos.

Os alunos atores, produtores de vídeo e de conhecimento, tinham o projeto de criar um “Cineclube” para exibir os vídeos na escola, socializando com todos os colegas e professores daquele espaço de convivência e saberes, criando espaços de partilha, de comunicação, interação e de conhecimento. O professor passou para os alunos um APP chamado [Cineclube](#)

---

<sup>26</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=YS7zpLoHpNY&list=PLNO6rIIMAEI2ELhZB37C5U4H6ukPp6vqg>

[estudanti](#) com mais de 100 vídeos cadastrado de professores e alunos de todo o Brasil.

Queriam conhecer outros alunos que produziram vídeo. As idéias eram muitas, pois ali estava o cérebro límbico em ação e assim o prazer e o sonho caminhando lado a lado.

A professora Cris fotografava todos os momentos. Uma espécie de euforia com a sensação de dever cumprido invadia seu ser docente. Sabia dos desafios que ainda precisava transpor para além da sala de aula. Mas era preciso continuar a semear esperança e, sobretudo, aprendizado.

...

A terra continuou sua rotação e por noventa vezes vimos o sol nascer e aquecer o planeta terra. Neste dia encontramos nossa personagem, que continuava como professora da EJA. Outros vídeos estavam sendo produzidos. Sua turma havia se transformado, os alunos pareciam estar mais maduros e as aulas de Matemática adquiriram um ressignificado. Agora não eram apenas fórmulas, mas como aplicar aquele conteúdo no nosso dia a dia.

As professoras Dolores e Suzana, passaram a ser parceiras inseparáveis de Cris. Os planejamentos de aula eram mais provocadores e a relação teoria e prática virou uma constante. Uma relação do mundo vivido com o mundo da escola passou a fazer parte daquele contexto.

Num dia qualquer do verão na cidade de Pelotas entre a feira do livro e as arrumações de natal, saiu no Jornal da cidade que a professora Crisiele havia sido aprovada para cursar o Mestrado em Educação Matemática na Universidade Federal de Pelotas com um projeto feito na EJA. A fotografia que saiu no jornal foi a *Selfie* tirada por Dona Maria, pois mostra a produção de vídeo na escola com todos os alunos.

Em seu diário de campo, nos registros finais, Cris anotou:

A maior mudança que percebi, não foi a dos alunos chegando cedo, lendo os textos ou debatendo, melhorando suas notas, produzindo vídeos. A maior mudança que percebi, foi que me deixei experimentar. E transformei-me.

A produção de Vídeo Estudantil não é o alicerce da mudança, mas o professor!

Será que você não é uma professor/ professora como Cris e deseja mudar sua aula? Experimente...

**FIM**

## **BIBLIOGRAFIA**

D'AMBROSIO, Ubiratan - **Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2001.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática e Educação**. In: Etnomatemática: currículo e formação de professores. GelsaKnijnik, Fernanda Wanderer, Claudio J. de Oliveira (Orgs.) 2.ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade**. 3.ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2009.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Transdisciplinaridade**. 2.ed. São Paulo: Palas Atenas, 2012.

DAMASIO, AR. **O Erro de Descartes: Emoção, Razão e o Cérebro Humano**. Ed, Companhia Das Letras, São Paulo. 2012.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARDNER, Howard. **Estruturas da mente: A teoria das inteligências múltiplas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas: A teoria na prática** 1. ed. Porto Alegre Artes Médicas, 1995

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1983.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Semântica estrutural: pesquisa de método**. São Paulo: Cultrix, 1973.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Sobre o sentido: ensaios semióticos**. Petrópolis: Editora Vozes, 1975.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 1999.

MacLEAN, PD. **The triune brain in evolution: role in paleocerebral functions**. New York: Plenum Press, 1990

MARX, Karl. O Capital. **Crítica da Economia Política**. São Paulo: Nova Cultural, 1985

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1969.

PEREIRA, Josias. **A Produção de Vídeo Nas Escolas- Educar com Prazer. Pelotas**: Pelotas:UFPeL, 2012.

PEREIRA, Josias. **A Produção de Vídeos na Formação de Professores: Novas possibilidades no Processo de Educação**. Pelotas: UFPEL, 2014.

PEREIRA, Josias. **Produção de Vídeo nas Escolas Uma Visão Brasil – Itália – Espanha – Equador – Pelotas**, Pelotas: UFPEL. 2014.

PIAGET, Jean. **A Formação do Símbolo na Criança**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

VYGOTSKY, Lev Semynovich. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WALLON, Henri. **Do acto ao pensamento.** Lisboa: Portugália, 1966

